

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Graciele Kerlen Pereira Maia

**O USO DA LIBRAS SOB A PERSPECTIVA DAS FIGURAS DE
LINGUAGEM**

Belo Horizonte
2023

Graciele Kerlen Pereira Maia

O USO DA LIBRAS SOB A PERSPECTIVA DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Língua em uso

Orientadora: Profa. Dra. Elidéa Lúcia Almeida Bernardino.

Belo Horizonte

2023

M217u Mala, Graciele Kerlen Pereira.
O uso da Libras sob a perspectiva das figuras de linguagem
[manuscrito] / Graciele Kerlen Pereira Mala. – 2023.
1 recurso online (183f. : il., color.) : pdf.
Orientadora: Eliéda Lúcia Almeida Bernardino.
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.
Linha de Pesquisa: Língua em Uso.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Letras.
Bibliografia: f. 174-182.
Anexos: f. 183.
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua brasileira de sinais – Figuras de linguagem – Teses. 2.
Língua brasileira de sinais – Estilística – Teses. 3. Gramática cognitiva –
Teses. I. Bernardino, Eliéda Lúcia. II. Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

COD : 419



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS FACULDADE DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

FOLHA DE APROVAÇÃO
O USO DA LIBRAS SOB A PERSPECTIVA DAS FIGURAS DE LINGUAGEM

GRACIELE KERLEN PEREIRA MAIA

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos da Língua em Uso.

Aprovada em 10 de novembro de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Josiane Marques da Costa – Presidente da banca/representante da orientadora
UFMG

Prof(a). Giselli Mara da Silva
UFMG

Prof(a). Charley Pereira Soares
UFMG

Prof(a). Sandra Patrícia de Faria do Nascimento
UnB

Prof(a). Cristina Alves Menezes Rocha
UEMG

Belo Horizonte, 10 de novembro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Giselli Mara da Silva, Professora do Magistério Superior**, em 14/11/2023, às 15:00, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Cristina Alves Menezes Rocha, Usuário Externo**, em 14/11/2023, às 23:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sandra Patrícia de Faria do Nascimento, Usuário Externo**, em 19/11/2023, às 08:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Josiane Marques da Costa, Professor(a)**, em 20/11/2023, às 15:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Charley Pereira Soares, Professor(a)**, em 20/11/2023, às 23:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [h ps://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2699844** e o código CRC **B4FC5B89**.

Dedico esta tese aos surdos brasileiros, cuja resiliência, cultura e língua única têm enriquecido nossa sociedade de maneiras inestimáveis. Em especial, presto minha homenagem aos surdos de Divinópolis e região, cuja força e determinação inspiram este trabalho. Que este estudo possa contribuir, de alguma forma, para o reconhecimento e a valorização da comunidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, ubiquamente, a DEUS, o Autor da Vida, que tem me norteado em todas as etapas da minha vida. Aquele que é poderoso para fazer infinitamente mais, além daquilo que eu tenho pedido e pensado. A Ele tão-somente seja dada toda honra e toda glória para todo sempre.

Gratidão ao meu amado esposo. Durante este longo processo de pesquisa e escrita, sua presença constante e apoio foram fundamentais para a realização desta tese. Seu incentivo, paciência e compreensão me motivaram a perseverar nos momentos desafiadores e a celebrar as conquistas. Você é mais do que um parceiro de vida; é minha âncora, meu maior defensor e minha fonte inesgotável de inspiração. Agradeço do fundo do meu coração. Amo você.

Ao longo desta jornada de pesquisa e dedicação à minha tese de doutorado, quero expressar minha profunda gratidão às minhas filhas, Paula e Pietra, por compreenderem e aceitarem minha ausência durante este período desafiador. Sei que minha dedicação a este projeto exigiu tempo longe de nossa convivência, a compreensão e o apoio foram fundamentais para minha realização acadêmica. Agradeço do fundo do meu coração pela paciência, pelos sorrisos sinceros e amor incondicional. Este trabalho também é dedicado a vocês, pois são minha fonte de inspiração e motivação constante. Vocês duas são meu coração fora do peito.

Aos meus queridos pais, que não apenas me apoiaram incondicionalmente ao longo de toda a minha jornada acadêmica, em especial à minha mãe, minha companheira de viagem, que também compartilhou de muitas aventuras comigo, inclusive aquelas que nos levaram a estradas desconhecidas, debaixo de chuva, batida, escuridão...enfim. Obrigada por serem minha fonte de inspiração, por estarem ao meu lado em cada desafio e pelas incontáveis orações por mim. Louvo a Deus a todo instante por vocês serem meus pais. Amo vocês.

Aos meus queridos irmãos, Gledson e Marquinhos, quero expressar minha profunda gratidão. Gledinho, você foi um dos meus maiores incentivadores e não mediu esforços para me ajudar ao longo desta jornada acadêmica desafiadora. Seu apoio constante, encorajamento e crença em meu potencial foram essenciais para esse processo. Marquinhos, a quem recorri em momentos de necessidade e que sempre, prontamente, ofereceu sua ajuda. Sua generosidade e apoio foram inestimáveis para esta jornada acadêmica. Saiba que amo vocês e sou eternamente grata pela presença constante de vocês em minha vida.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão à minha maravilhosa orientadora Professora Dra. Elidéa Bernardino, por sua notável competência, seriedade, responsabilidade e dedicação ao orientar esta pesquisa. Seu profundo comprometimento e paixão pelo tema foram inspiradores. Além disso, agradeço por ter me proporcionado uma base sólida de conhecimento e valiosos

ensinamentos sobre a condução de pesquisas, bem como pelas inúmeras discussões enriquecedoras que foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho. Muitas noites, antes e durante o doutorado, sonhei com você (entendedores, entenderão!). Quando eu crescer, quero ser igual a você.

Aos meus grandes amigos, em ordem alfabética: Andreza e família (minha irmã em Cristo, obrigada por estar sempre ao meu lado e principalmente por orar por mim), Mariluce (minha irmã, à você toda a gratidão do mundo, não há palavras para expressar o quão grata sou a Deus por você fazer parte da minha vida), Patrícia Pereira - Paty (minha inspiração desde sempre e para sempre, você é minha mãe na Libras, muita gratidão por me apresentar essa belíssima língua), Renato (meu grande amigo incentivador, você é incrível), Ross (sou sua fã, obrigada por me ouvir, ouvir, ouvir – um milhão de vezes e partilhar de tão grande conhecimento, aprendo muito com você, meu amigo). Sem vocês, eu não teria conseguido. São presentes de Deus na minha vida e agradeço do fundo do meu coração por todo o apoio e amizade ao longo desta jornada. Aproveito para pedir desculpas pelas minhas inúmeras ausências.

Às amigas que o doutoramento me deu, Francys, Dinalva e Graciele. Suas amizades tornaram esta jornada mais significativa e gratificante. Obrigado por estarem ao meu lado, apoiando-me e compartilhando este caminho comigo.

Às minhas consultoras preferidas, Karine Couto e Priscila Melo e, ainda, ao gênio escritor Filipe, vocês não têm noção da ajuda imensurável que me deram e de quão importantes foram para mim nesta minha jornada. Suas orientações e apoio foram fundamentais para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Sou eternamente grata por tudo que fizeram por mim.

Aos queridos Sandra Patrícia e Charley, vocês são, verdadeiramente, incríveis. Não posso expressar o quão essenciais foram as suas considerações durante a banca de qualificação. Aos queridos da banca examinadora da tese, Cristina, Giselli, Josiane, Maria Cristina e Rodrigo, a contribuição de vocês foi essencial. Sou imensamente grata.

Aos Surdos que contribuíram densamente para que essa pesquisa acontecesse, especialmente, em ordem alfabética: Bruno Amaral, Cristiane dos Santos, Felipe, Janaína, Kauan e Milton, sem vocês essa pesquisa não seria possível.

Enfim, agradeço a todos aqueles que, silenciosa ou anonimamente, têm contribuído, de alguma maneira, para o meu crescimento pessoal ou profissional.

“Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós...” (Efésios 3: 20)

RESUMO

Desde o reconhecimento do *status* linguístico das línguas de sinais, várias pesquisas têm reafirmado que as línguas espaço-visuais são uma forma de linguagem dotada de estrutura gramatical, sendo, assim, línguas naturais, bem como as línguas orais-auditivas. Diante disso, e da necessidade de ampliar e enriquecer o conhecimento sistemático sobre as línguas de sinais, as figuras de linguagem constituem um campo de estudo profícuo e de grande relevância para a expansão e a consolidação das especificidades das línguas de sinais. Portanto, o objetivo deste trabalho é identificar figuras de linguagem na Língua Brasileira de Sinais (Libras) e seu uso, a partir do paralelo entre o conceito de figuras de linguagem das línguas orais e seu análogo na Libras; buscar similaridades entre a ocorrência desses recursos na Libras e nas línguas orais; compreender a importância do uso de tal recurso para que os falantes da Libras possam expressar suas particularidades discursivas. A relevância deste estudo reside em contribuir de forma significativa para os estudos da Libras, prestigiando e respeitando suas especificidades. A metodologia empregada é a abordagem qualitativa de objetivo exploratório e procedimento documental. Como recurso metodológico, foi utilizado o software ELAN e *Microsoft Paint*. Este estudo ocorre em três etapas: um estudo teórico conceitual; coleta de produções em Libras para composição do *corpus*; análise dos vídeos. A pesquisa se baseia na perspectiva da estilística e da linguística cognitiva, considerando que a estilística é uma área da linguagem que investiga os recursos estilísticos, possibilitando a expressão não apenas da compreensão do mundo, mas também ressaltando nosso universo psíquico, a expressão linguística do pensamento, emoção, da intenção e tem como foco principal o estilo. Nesse sentido, a palavra-chave da estilística é “escolha”; ou seja, trata-se da escolha dos meios de expressão determinados pela natureza e interesse do indivíduo que se expressa, conferindo à palavra dados emotivos. Já na linguística cognitiva, entende-se que as figuras de linguagem estão longe de ser consideradas apenas decorativas, elas são importantes como função integral da linguagem como um todo; isso ocorre porque as estruturas cognitivas relevantes que envolvem as figuras são determinantes, penetrantes e partem do pensamento através das escolhas do enunciador e, como resultado, o significado figurativo e/ou literal é parte da base da estrutura linguística. Em outras palavras, o ato de dizer (ou escrever, desenhar, sinalizar ou se expressar) uma coisa para criar significados inusitados revela padrões penetrantes entre linguagem, pensamento e cognição. As figuras analisadas foram: Eufemismo, Hipérbole, Prosopopeia, Antítese, Comparação, Gradação, Anáfora e Onomatopeia. Embora a atenção de vários estudiosos de línguas de sinais,

sobretudo da Libras, já tenha se voltado para as figuras de linguagem, grande parte das pesquisas já empreendidas e em andamento dedicam-se à compreensão de apenas algumas das diversas figuras de linguagem conhecidas, em destaque para metáfora e metonímia, e estudam as traduções do português para a Libras. Não há estudos que se dediquem exclusivamente em constatar as figuras de linguagem na e da Libras, portanto essa é uma tese inédita. Em vista disso, os resultados desse trabalho são reflexões e conteúdo que podem contribuir de forma significativa para a área da Libras, prestigiando e respeitando suas especificidades.

Palavras-chave: Libras. Figuras de Linguagem. Língua em uso. Estilística. Linguística cognitiva.

ABSTRACT

Since the recognition of the linguistic status of sign languages, several studies have reaffirmed that spatial-visual languages are a form of language endowed with a grammatical structure, thus being natural languages, as well as oral-auditory languages. Given this, and the need to expand and enrich systematic knowledge about sign languages, figures of speech constitute a fruitful and highly relevant field of study for the expansion and consolidation of the specificities of sign languages. Therefore, the objective of this work is to identify figures of speech in Brazilian Sign Language (Libras) and their use, based on the parallel between the concept of figures of speech in spoken languages and its equivalent in Libras; look for similarities between the occurrence of these resources in Libras and in oral languages; understand the importance of using such a resource so that Libras speakers can express their discursive particularities. The relevance of this study lies in contributing significantly to Libras studies, honoring and respecting its specificities. The methodology used is a qualitative approach with an exploratory objective and documentary procedure. As a methodological resource, ELAN and Microsoft Paint software were used. This study takes place in three stages: a conceptual theoretical study; collection of productions in Libras to compile the corpus; video analysis. Since the recognition of the linguistic status of sign languages, several studies have reaffirmed that spatial-visual languages are a form of language endowed with a grammatical structure, thus being natural languages, as well as oral-auditory languages. Given this, and the need to expand and enrich systematic knowledge about sign languages, figures of speech constitute a fruitful and highly relevant field of study for the expansion and consolidation of the specificities of sign languages. Therefore, the objective of this work is to identify figures of speech in Brazilian Sign Language (Libras) and their use, based on the parallel between the concept of figures of speech in spoken languages and its equivalent in Libras; look for similarities between the occurrence of these resources in Libras and in oral languages; understand the importance of using such a resource so that Libras speakers can express their discursive particularities. The relevance of this study lies in contributing significantly to Libras studies, honoring and respecting its specificities. The methodology used is a qualitative approach with an exploratory objective and documentary procedure. As a methodological resource, ELAN and Microsoft Paint software were used. This study takes place in three stages: a conceptual theoretical study; collection of productions in Libras to compile the corpus; video analysis. The research is based on the perspective of stylistics, considering that stylistics is concerned with the style of language, enabling the

expression not only of the understanding of the world, but, in it, language can be used for aesthetic and expressive purposes, giving the word data emotional. Figures of speech are far from being considered just decorative, they are important as an integral function of language as a whole; This occurs because the relevant cognitive structures surrounding figures are important, pervasive and depart from thought through the enunciator's choices and, as a result, the figurative and/or literal meaning is part of the basis of the linguistic structure. In other words, the act of saying (or writing, drawing, signing, or expressing) something to create unusual meanings reveals pervasive patterns between language, thought, and cognition. The figures analyzed were: Euphemism, Hyperbole, Prosopopeia, Antithesis, Comparison, Gradation and Onomatopoeia. Although the attention of several scholars of sign languages, especially Libras, has already turned to Figures of Speech, much of the research already undertaken and in progress is dedicated to understanding just some of the various known figures of speech, in highlighting metaphor and metonymy, and studying translations from Portuguese to Libras. There are no studies that are dedicated exclusively to verifying the figures of speech in and from Libras, so this is an unprecedented thesis. Therefore, the results of this work are reflections and content that can contribute significantly to the Libras area, honoring and respecting its specificities. The figures analyzed were: Euphemism, Hyperbole, Prosopopeia, Antithesis, Comparison, Gradation, Anaphora and Onomatopoeia. Although the attention of several scholars of sign languages, especially Libras, has already turned to Figures of Speech, much of the research already undertaken and in progress is dedicated to understanding just some of the various known figures of speech, in highlighting metaphor and metonymy, and studying translations from Portuguese to Libras. There are no studies that are dedicated exclusively to verifying the figures of speech in and from Libras, so this is an unprecedented thesis. Therefore, the results of this work are reflections and content that can contribute significantly to the Libras area, honoring and respecting its specificities.

Key words: Libras. Figures of Speech. Language in use. Stylistics. Cognitive linguistics

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Figuras de retórica.....	44
Figura 2: Figuras de estilo	45
Figura 3: Figuras de linguagem - Cherubim.....	46
Figura 4: Principais Figuras de Linguagem – Guimarães e Lessa	46
Figura 5: Figuras de linguagem - Macrodivisão.....	53
Figura 6: Figuras de linguagem – nova classificação.....	55
Figura 7: Evento de fala.....	76
Figura 8: Tela do ELAN	96
Figura 9: Tela do <i>Paint</i>	97
Figura 10: Figuras de Linguagem analisadas	100
Figura 11: Biografias orais	104
Figura 12: “Nota de falecimento – Brunão” no Youtube.....	104
Figura 13: Resultado da busca – Captura de imagem do vídeo “Nota de falecimento.....	105
Figura 14: QR Code - Divulgação de falecimento.....	106
Figura 15: Capturas de imagens do vídeo “Divulgação de falecimento”	106
Figura 16: Vídeo - Dica Política.....	107
Figura 17: Dica Política.....	108
Figura 18: Dica Política.....	108
Figura 19: Vídeo Mensagem.....	109
Figura 20: Mensagem.....	109
Figura 21: Campanha contra a Dengue – Prefeitura de Belo Horizonte.....	112
Figura 22: Vídeo “Meu aniversário dia 19 de março saudades”	112
Figura 23: Meu aniversário dia 19 de março saudades	113
Figura 24: Vídeo do Felipe	114
Figura 25: Imagens do vídeo do Felipe I.....	114
Figura 26: Imagens Vídeo do Felipe II.....	115
Figura 27: Vídeo da 3º Etapa de avaliação das duas línguas: Mariana e Felipe	115
Figura 28: choro exagerado - hipérbole	116
Figura 29: Vídeo do KAUAN - Notícia hipérbole	117
Figura 30: Olhos arregalados exageradamente - hipérbole	117
Figura 31: Língua demasiadamente comprida - hipérbole	119
Figura 32: Rio Itapecuru - personificação	123

Figura 33: “TV CES - Piada em Libras - “O leão e o surdo”	123
Figura 34: Capturas de imagens do vídeo “TV CES - Piada em Libras - “O leão e o surdo” no YouTube (I).....	124
Figura 35: Capturas de imagens do vídeo “TV CES - Piada em Libras - “O leão eo surdo”” (II).....	124
Figura 36: Capturas de imagens do vídeo “TV CES - Piada em Libras - “O leão eo surdo”” no YouTube (III)	125
Figura 37: Vídeo - Folclore surdo: A Árvore (Paul Scott) - versão brasileira.....	126
Figura 38: Imagens extraídas do Vídeo -Folclore surdo: A Árvore (Paul Scott) - versão brasileira	126
Figura 39: Imagens extraídas do Vídeo -Folclore surdo: A Árvore (Paul Scott) - versão brasileira.....	127
Figura 40: Humor - Antítese.....	131
Figura 41: Humor - Antítese	131
Figura 42: Vídeo “Duas vidas rotina”	132
Figura 43: Resultado da busca – Captura de imagem do vídeo “Duas vidas rotina”	132
Figura 44: Vídeos “Surdos não precisam ser valorizados?”	134
Figura 45: Capturas de imagens do vídeo “Surdos não precisam ser valorizados?”.....	134
Figura 46: As cobras – Gradação	137
Figura 47: Captura de tela do vídeo: “Duas vidas rotina”	138
Figura 48: “Duas vidas rotina”.....	139
Figura 49: Autoconhecimento - Constelação em libras 3:	140
Figura 50: Capturas de imagens do vídeo “Autoconhecimento - Constelação em libras 3: Carregar os pesos dos pais” no Instagram	140
Figura 51: Compre batom - Anáfora	143
Figura 52: Vídeo “Poesia Surda pra Sempre (Libras)”.....	144
Figura 53: “Poesia Surda pra Sempre (Libras)”	144
Figura 54: Vídeo história do Pinóquio em Língua de Sinais – legendado e em Português.....	145
Figura 55: Pinóquio em Língua de Sinais – legendado e em Português	146
Figura 56: Pinóquio em Língua de Sinais – legendado.....	149
Figura 57: Pinóquio em Língua de Sinais – legendado em Português.....	150
Figura 58: Pinóquio em Língua de Sinais – legendado em Português.....	151
Figura 59: Vídeo “Perguntas que Gays odeiam responder”	152
Figura 60: “Perguntas que Gays odeiam responder”.....	153

Figura 61: Capa de revista – onomatopeia.....	156
Figura 62: Vídeo “Os três machados - Rimar R. Segala e Sueli Ramalho”.....	158
Figura 63: “Onomatopeia – articulação-boca ‘pa’.....	158
Figura 64: “Onomatopeia – articulação-boca.....	159
Figura 65: “Onomatopeia – articulação-boca - boom.....	159
Figura 66: vídeo “Os Seis Animais Doutores”.....	161
Figura 67: “Onomatopeia – articulação-boca ‘roar’.....	162

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Figuras figuradas	59
Quadro 2: Figuras fonético-fonológicas	62
Quadro 3: Figuras de sintaxe	63
Quadro 4: Figuras de combinação	65
Quadro 5: Material pesquisado relevante.....	85
Quadro 6: Identificação dos vídeos selecionados e analisados	93
Quadro 7: Especificidades sobre os vídeos selecionados.....	101
Quadro 8: Análise do sentido figurado/ metafórico.....	110
Quadro 9: Análise do sentido figurado/ metafórico - hipérbole	120

ABREVIATURAS

AAB - Associação de Arquivistas Brasileiros
ASL – American Sign Language (Língua de Sinais Americana)
AC – Ação Construída
BNCC - Base Nacional Comum Curricular
CL – Classificadores
CM / CMs - Configuração de Mão / Configurações de Mão
DED – Diário Escolar Digital
EF – Ensino Fundamental
ELAN - EUDICO Linguistic Annotator
EM – Ensino Médio
ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio
ENM - Expressões não-manuais
LSB – Língua de Sinais Brasileira
L - Localização
LC – Linguística cognitiva
L2 – Segunda Língua
MNM - marcações não manuais
M - Movimento
PC – Ponto de contato
Or - Orientação da mão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	20
1.1 Objetivos de pesquisa	25
1.2 Hipóteses	26
1.3 Organização e estruturação da tese	26
2 FIGURAS DE LINGUAGEM	29
2.1 Overview das línguas de sinais.....	29
2.1.1 Espaço.....	30
2.1.2 Fonologia e Fonética da Libras	31
2.1.3 Classificadores.....	34
2.1.4 Ação Construída	36
2.2 Figuras de linguagem: perspectivas, conceito e classificação.....	38
2.2.1 Sob três perspectivas	38
2.2.2 Figuras de linguagem sob a concepção de linguagem figurada (sentido figurado)	41
2.2.3 Figuras de linguagem: classificação	43
2.2.4 Um novo olhar acerca das Figuras	48
2.2.5 Classificação das figuras de linguagem.....	58
2.2.5.1 Figuras de linguagem figuradas.....	59
2.2.5.2 Figuras de linguagem não figuradas.....	60
2.2.5.3 Figuras de sintaxe	63
2.2.5.4 Figuras de combinação	64
2.3. Figuras de Linguagem sob a perspectiva da Estilística.....	67
2.4 Figuras de linguagem e cognição	73
2.4.1 Figuras de linguagem e cognição sob a concepção do Evento de Fala.....	76
2.4.2 Figuras de linguagem e cognição sob a concepção da Metáfora Conceptual	78
2.4.3 Figuras de linguagem e cognição sob.....	79
3 METODOLOGIA.....	83
3.1 Estudo teórico conceitual.....	83
3.2 Corpus de análise	89
3.3 Análise dos vídeos	95
3.3.1 Recursos metodológicos	95
4 ANÁLISE E DISCUSSÕES	99
4.1 Língua brasileira de sinais sob a ótica das figuras de linguagem: figuradas.....	103
4.1.1 Eufemismo.....	103
4.1.2 Hipérbole	111

4.1.3 Prosopopeia Ou Personificação	121
4.2 Figuras de linguagem não figuradas	130
4.2.1 Antítese	130
4.2.2 Gradação	136
4.2.3 Anáfora	142
4.2.4 Comparação	147
4.2.5 Onomatopeias	154
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	164
REFERÊNCIAS	174
ANEXO	183

1 INTRODUÇÃO

As investigações na área de Língua Brasileira de Sinais (Libras) têm apresentado crescimento nos últimos anos, contudo, há pontos pouco explorados por tais estudos, como as elucidações sob a perspectiva das figuras de linguagem. O estudo das figuras como recurso expressivo presente em línguas orais-auditivas e em línguas espaço-visuais valoriza não só a legitimidade da Libras enquanto língua, mas também chama a atenção para os diversos níveis nos quais a Libras merece ser estudada. Esse enfoque se faz importante, pois, embora existam trabalhos sobre a ocorrência e funcionamento de alguns tipos de figuras de linguagem na Libras, outros tipos, e até mesmo figuras de linguagem que possam ser próprias de línguas de sinais, ainda carecem de atenção.

Este trabalho incide nesse ponto desfavorecido pelos estudos atuais e propõe uma pesquisa que visa analisar as Figuras de Linguagem das línguas de sinais, especificamente da Libras. As figuras de linguagem que serão analisadas na Libras são: Eufemismo, Antítese, Gradação, Personificação (Prosopopeia), Hipérbole, Anáfora, Comparação e Onomatopeia.

Na busca por identificar e extrair as Figuras de Linguagem na Libras, a pesquisa apresenta abordagem qualitativa de objetivo exploratório e procedimento documental. Como recurso metodológico, foram utilizados o *software* ELAN e *Microsoft Paint*.

A extração das figuras de linguagem ocorreu em três etapas. Em um primeiro momento, um estudo teórico conceitual. Em segundo, a coleta de produções em Libras para composição do corpus. Na última etapa, análise dos vídeos.

Na etapa um, o foco esteve em delinear os conceitos de figura de linguagem existentes nas línguas orais para, com base neles, identificar e descrever os mesmos conceitos na Libras, a partir das semelhanças teóricas conceituais existentes. A comparação das produções das figuras nas línguas orais e nas línguas de sinais foi meramente conceitual. Assim, como forma de pavimentar os estudos sobre as figuras de linguagem na Libras, em um primeiro momento, o objetivo foi traçar semelhanças teóricas conceituais a partir de estudos já realizados sobre o tema.

Após estudo conceitual das figuras de linguagem a serem analisadas, na etapa dois, foi realizada a coleta de vídeos para a pesquisa, seguindo a linha de método de pesquisa documental de vídeos. Pois, como afirmam os autores Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa documental baseia-se em materiais que não receberam ainda um tratamento analítico científico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa, onde são organizadas as

informações que se encontram dispersas, conferindo-lhe uma nova importância como fonte de consulta.

A escolha por pesquisa documental de vídeos se justifica pelo fato de que vídeos são utilizados como meio de registro pelas comunidades surdas; o registro da Libras, na maioria das vezes, é em forma de vídeo. Portanto, esta pesquisa foi realizada a partir da coleta de documentos em formato de vídeos em Libras que foram registrados e divulgados nas redes sociais, de acesso e domínio público, com sinalizantes fluentes na Libras, disponíveis nas redes sociais como: *Youtube*, *Instagram*, e *WhatsApp* que continham as figuras de linguagem que foram alvo desta pesquisa. Cabe salientar que pesquisas em páginas públicas na Internet que não requerem inscrição ou autorização do administrador para se ter acesso ao conteúdo, dispensam avaliação ética e o registro de consentimento. São exemplos aquelas pesquisas realizadas em *websites*, *blogs*, *Youtube* etc.” (ENSP/ FIOCRUZ, 2020)¹.

Na etapa três, dentre as produções pré-selecionadas, foram escolhidas algumas para análise mais detalhada, ou seja, nesta fase sucedeu-se a análise e registro das ocorrências de situações de uso das figuras de linguagem na Libras de acordo com os conceitos apurados e expostos no estudo teórico conceitual, de forma mais sistemática, por meio do uso do *software* ELAN e do aplicativo *Microsoft Paint*².

Vale ressaltar que foram selecionados vídeos produzidos originalmente em Libras, ou seja, traduções e interpretações não foram consideradas. Todos os vídeos coletados para análise estão disponíveis, na íntegra, para acesso através de um *QR Code* contendo as sinalizações.

Desde o reconhecimento do *status* linguístico das línguas de sinais, incitado pelos estudos de Stokoe na década de 60, várias pesquisas têm reafirmado que as línguas espaço-visuais são uma forma de linguagem provida de estrutura gramatical, tal qual outras línguas naturais e orais-auditivas. Essa constatação fomentou o interesse de pesquisadores acerca das diversas ópticas sob as quais as línguas de sinais merecem e precisam ser estudadas. Assim, percebendo que essas línguas careciam de estudos sistematizados, empreenderam-se pesquisas com o intuito de evidenciar e de descrever o funcionamento dos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos das línguas de sinais. (STOKOE, 1960; KLIMA; BELLUGI, 1979; LIDDELL; JOHNSON, 1989; QUADROS, 1995; QUADROS; KARNOPP, 2004).

¹ Orientações sobre Ética em Pesquisa em Ambientes Virtuais

Disponível em: https://cep.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/orientacoes_eticapesquisaambientevirtual.pdf

² *Paint* é um *software* que compõe os programas do sistema operacional *Windows* e que possibilita a criação de desenhos e pequenas edições de imagens.

Apesar de já existir uma quantidade considerável de estudos e de conhecimentos acerca das línguas de sinais, eles ainda são quantitativamente muito menores em relação aos que existem sobre as línguas orais-auditivas (BOLGUERONI; VIOTTI, 2013). Diante disso, há necessidade de ampliar e de enriquecer o conhecimento sistemático sobre as línguas de sinais, as figuras de linguagem, como recurso intrínseco das línguas orais-auditivas e das espaço-visuais, pois este campo de estudo constitui-se profícuo e de grande relevância para a expansão e a consolidação das especificidades das línguas de sinais.

Embora a atenção de estudiosos como Wilcox (2000), Fowler e Heaton (2006) e Kaneko (2020) de línguas de sinais, já tenha se voltado para as figuras de linguagem, grande parte das pesquisas já empreendidas e em andamento dedicam-se à compreensão de apenas algumas das diversas figuras de linguagem conhecidas. Na Libras, há um interesse especial pela análise de metáforas e de metonímias (FARIA, 2003, 2006; COSTA, 2015, 2020).

Faria (2003) conduziu uma pesquisa sobre a construção de sentido metafórico e polissêmico por parte dos surdos ao interpretar textos em língua portuguesa. A pesquisadora gerou um corpus de fraseologismos em Libras, classificando-os em três categorias: (i) metáfora semelhante (formas e sentidos semelhantes); (ii) metáfora diferente (sentidos semelhantes, mas formas diferentes); (iii) metáfora diferente (sentidos e formas diferentes). Por sua vez, Costa (2015), baseando-se no trabalho de Faria (2003), concentrou-se no estudo do processamento de metáforas conceituais equivalentes e não equivalentes em Libras e Língua Portuguesa por surdos que utilizam a par-linguagem Libras/Português. A pesquisa de Costa envolveu duas tarefas: (i) um experimento utilizando a técnica de leitura auto cadenciada (*self-paced*), com o objetivo de medir o tempo gasto na leitura de sentenças equivalentes e não equivalentes em Libras e português; e (ii) uma tarefa que consistia na leitura e explicação das mesmas sentenças utilizadas no experimento.

Posteriormente, Costa (2020) realizou uma investigação sobre o ensino de metáforas na língua portuguesa, em contextos de ensino de português como segunda língua para surdos bilíngues (Libras-português). O objetivo foi explorar, com base na Teoria da Metáfora Conceptual, na teoria de Fluência Conceptual e de Desenvolvimento da Competência Metafórica, e em estudos sobre o desenvolvimento da consciência metafórica no processo de ensino de segunda língua, se a conscientização dos mapeamentos metafóricos pode auxiliar na compreensão e retenção de vocabulário figurado em língua portuguesa por surdos aprendizes de português como segunda língua.

Embora estes estudos sejam suma importância, faz-se necessário atentar também para a ocorrência, o funcionamento e as particularidades de outras figuras de linguagem na Libras.

Pois, ao se debruçar sobre a ocorrência de outras figuras de linguagem na Libras, além daquelas que já foram amplamente estudadas, surge a necessidade de se reconhecer que, possivelmente, haja recursos linguísticos nas línguas de sinais que se comportam e têm aplicações semelhantes às das figuras de linguagem. Assim, como forma de reflexão sobre as construções de sentido próprias da Libras, e de sustentação sobre o seu valor como língua, é que se afirma a importância de se pensar as figuras de linguagem na Língua Brasileira de Sinais.

Nesse ponto, depois de reconhecer a relevância da percepção das figuras de linguagem na Libras, ressaltamos a importância desta pesquisa para a área de estudo, uma vez que, descrever e analisar as especificidades da Libras, leva ao fortalecimento de seu *status* de língua. Ademais, tal estudo constitui um caminho para atribuir maior prestígio à Libras e para ampliar a compreensão da língua em cada um dos níveis em que ela pode ser analisada.

Segundo Quadros (2008), a língua de sinais apresenta todos os níveis de análise de quaisquer outras línguas, ou seja: o nível sintático (da estrutura), o nível semântico (do significado), o nível morfológico (da formação de palavras), o nível fonológico (das unidades que constituem uma língua) e o nível pragmático (envolvendo o contexto conversacional). Encarar e sobretudo identificar a presença das figuras de linguagem na e da Libras permite uma reflexão em vários desses níveis e, por isso, possibilita a expansão dos estudos dessa língua visual, espacial e motora.

As figuras de linguagem são componentes referenciados como habilidades tanto na BNCC³ (Base Nacional Comum Curricular) quanto na Matriz de referência do ENEM⁴ (Exame Nacional do Ensino Médio)⁴. É relevante destacar que, nesses documentos, essas habilidades estão embasadas na língua portuguesa, mas isso não exclui a importância de estudar as figuras de linguagem na Libras, considerando a existência do estudo da Libras como língua e a implementação da educação bilíngue para surdos. Com o avanço da educação bilíngue de surdos, o estudo das figuras de linguagem na Libras dentro das escolas bilíngues de surdos se torna essencial como uma habilidade proposta no currículo básico em todo o Brasil. Diante disso, esse estudo supre uma lacuna na área da educação, visto que as figuras de linguagem desempenham um papel fundamental na expressão e na compreensão linguística, contribuindo assim para formação educacional dos surdos.

³ Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento oficial feito pelo Ministério da Educação para guiar sobre a qualidade do ensino comum no Brasil, suas funções foram definidas pela Lei nº 9.394/1996 ou Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB.

⁴ Matriz de referência do Enem é um documento elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Nele, são apresentadas as diretrizes de como as provas são elaboradas. Descreve as competências e habilidades esperadas dos concluintes ao final do ensino médio e está disponível

Cabe aqui ressaltar a lei 14.191/2021⁵ que dispõe sobre a educação bilíngue de surdos, modalidade de educação escolar oferecida em Libras, como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, para educandos surdos. Com essa proposta há a necessidade, seguindo as orientações da BNCC, do ensino da Libras como L1, conseqüentemente o ensino das figuras de linguagem na Libras deverão fazer parte do currículo de ensino das instituições que oferecerão essa modalidade descrita na lei. Essa pesquisa, portanto, poderá ser de grande valia, servindo de conteúdo para tal demanda.

A pesquisa se baseia na perspectiva da estilística e da Linguística Cognitiva. A estilística é um ramo da linguística que estuda os recursos expressivos e estilísticos utilizados na linguagem, buscando compreender como palavras, frases e textos são organizados para transmitir significados (GUIRAUD, 1978). A análise desses recursos ajuda a entender como a linguagem é utilizada para criar efeitos estéticos, emocionais e persuasivos. Seu objetivo é mostrar a significância funcional das características formais do texto e como elas contribuem para a interpretação, além de analisar os efeitos de sentido produzidos pelos recursos estilísticos, como figuras de linguagem. Essa concepção é de suma importância para nosso estudo, considerando que a estilística se preocupa com o estilo da linguagem, possibilitando a expressão não só da compreensão de mundo, mas também um olhar estético da linguagem, conferindo à palavra dados emotivos. A Linguística Cognitiva supõe que a linguagem espelha o pensamento humano ou sua intenção, sendo intrínseca às mentes dos que a utilizam, tanto na criação quanto na interpretação de uma expressão linguística (FERRARI, 2011), o *locus* das figuras de linguagem deixa de ser a linguagem e passa a ser o pensamento.

Diante disso, vale ressaltar que, em um ato comunicativo, as figuras de linguagem, fundamentadas na estilística, evidenciam a intenção ou a necessidade que o discursista tem, ao dizer as coisas de maneira nova, diferente, com estilo próprio e criativo. O que elepretende, quando as utiliza, é principalmente surpreender, impressionar ou sensibilizar seu interlocutor e, assim, torná-lo mais atento ao que está sendo enunciado. Sob a perspectiva da estilística, pode-se perceber o uso das figuras de linguagem como expressão da individualidade dos falantes de Libras por meio da língua.

As figuras de linguagem são inerentes às línguas, portanto, participam do cotidiano de qualquer um. A todo instante, em todos os lugares, nas relações comunicativas, independentemente da língua e da modalidade da língua que utilizamos, é possível vê-las, ouvi-

⁵ Lei nº 14.191/2021, de 03 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/14191.htm.

las, sinalizá-las, criá-las, produzi-las e atualizá-las. As figuras de linguagem são matéria viva. Elas sempre têm muito mais a dizer (GUIMARÃES; LESSA, 1988).

Perante o exposto, esta pesquisa sobre figuras de linguagem na Libras tem o seu pioneirismo e ineditismo pelo fato de ampliar e de enriquecer o conhecimento sistemático sobre as línguas de sinais, analisando e avaliando a língua no seu uso espontâneo e cotidiano.

O estudo das figuras de linguagem como recurso expressivo da língua valoriza a legitimidade da Libras como língua plena e viva. O presente estudo poderá favorecer, ainda, pesquisadores e usuários da Libras, bem como os estudos de tradução/interpretação, pois os sinalizantes, tradutores e intérpretes de Libras (TILS) ao conhecerem os conceitos que subjazem as Figuras de Linguagem, por exemplo, o conceito que está por trás do uso de uma ironia, de uma hipérbole ou de um eufemismo, terão mais recursos para realizar a transposição de uma língua para a outra, relacionando significados da língua fonte ao seu valor correspondente na língua alvo.

1.1 Objetivos de pesquisa

O objetivo geral deste trabalho é:

1. Realizar a identificação das figuras de linguagem na Libras e seu uso em vídeos disponíveis em redes sociais de acesso livre. Buscar semelhanças e diferenças entre os aspectos teóricos e conceituais das figuras de linguagem na Libras e nas línguas orais, contribuindo de maneira significativa para os estudos dessa língua e prestigiando e respeitando suas especificidades.

São objetivos específicos:

A. traçar semelhanças teóricas conceituais a partir de estudos já realizados sobre o tema;

B. buscar similaridades entre a ocorrência desses recursos na Libras e nas línguas orais, voltando-se, após uma reflexão em nível conceitual, para situações de uso da língua, a fim de que se identifique essas figuras de linguagem e sua importância para que os falantes da Libras possam expressar suas particularidades discursivas;

C. detectar os mecanismos linguísticos que dão origem às figuras de linguagem;

D. compreender como e com que intenção as figuras são empregadas nas produções, nos textos para perceber os efeitos de sentido que elas produzem.

1.2 Hipóteses

A tese em questão pretende extrair, por meio de investigação original e inédita, figuras de linguagem na Libras, além das que já foram estudadas por outros pesquisadores. Amparando essa tese, foram formuladas três hipóteses que nortearão o desenrolar da pesquisa, são elas:

- I. os conceitos de Figuras de Linguagem aplicados às línguas orais são os mesmos aplicados na Libras;
- II. as figuras de linguagem na Libras correlacionam com as especificidades contidas na língua visual espacial motora; e
- III. há figuras de linguagem em praticamente todos os gêneros textuais em Libras, como em contos, informativos, histórias, diálogos, relatos políticos, narrativas, poemas, propagandas e até em textos jornalísticos, científicos e outros.

1.3 Organização e estruturação da tese

Com o objetivo de proporcionar uma apresentação mais clara do quadro teórico adotado, dos dados coletados, das análises realizadas e dos resultados obtidos, esta tese foi estruturada em 5 capítulos.

No Capítulo 1, foram apresentados a introdução ao tema, as perguntas de pesquisa, os objetivos e a estrutura deste trabalho.

No Capítulo 2, explanamos um breve levantamento de concepções sobre e das línguas desinais (2.1), sendo: o espaço (tópico 2.1.1), fonologia e fonética (2.1.2), os classificadores (2.1.3) e a ação construída (2.1.4), os quais são importantes para entender a correlação das especificidades dessa língua visual, espacial e motora naquilo que tange as figuras de linguagem na Libras.

Prosseguindo, no tópico 2.2 exploramos as figuras de linguagem sob três perspectivas distintas, levando em consideração o estilo; a capacidade desses recursos de atribuir beleza, força, suavidade, dentre outros; e os aspectos argumentativos. Em seguida, abordamos as figuras de linguagem sob a concepção de linguagem figurada, destacando o sentido figurado como a base fundamental para sua compreensão. Apresentamos uma nova proposta que desafia o conceito convencional de figuras de linguagem como expressões embasadas no sentido figurado. Esta nova perspectiva questiona se as figuras de linguagem estão necessariamente atreladas ao sentido figurado e explora a ideia de que a linguagem pode ser figurativa de várias

maneiras, indo além das limitações das classificações tradicionais. Discutimos o conceito de sentido literal e sua relação com a figuratividade, apresentando uma nova proposta de conceito e classificação, sendo uma macrodivisão como: as figuras de linguagem “Figuradas” e “Não figuradas” que considera a complexidade e fluidez da linguagem figurada. Em resumo, este capítulo proporciona uma visão conceitual, perspectiva e classificatória abrangente das figuras de linguagem, contradizendo suas origens embasadas no sentido figurado até a proposta de novas perspectivas e classificação que moldam nossa compreensão desses elementos cruciais da expressão linguística.

O tópico 2.3 conduziu a uma compreensão mais profunda do papel essencial desempenhado pelas figuras de linguagem sob a perspectiva da Estilística. Demonstrou-se que a linguagem vai muito além da mera transmissão de informações; ela é um veículo poderoso para expressar emoções, influenciar outros, expressar opiniões e estabelecer conexões com indivíduos e grupos sociais. A Estilística, como área de estudo, enfoca a importância da escolha dos recursos estilísticos na criação de uma expressão rica e esteticamente marcante. Ao analisar esses recursos e seus efeitos de sentido, a Estilística nos ajuda a desvendar como a linguagem pode transmitir significados de maneira mais profunda e, assim, tornar a comunicação mais envolvente, persuasiva e impactante. Portanto, a Estilística emerge como uma ferramenta valiosa para aqueles que desejam aprimorar sua habilidade de comunicação e explorar o potencial completo da linguagem.

Ainda no capítulo 2, subtópico 2.4, abordamos sobre a importância das figuras de linguagem como elementos fundamentais da linguagem, indo além de sua simples função decorativa. Essas figuras desempenham um papel integral na estrutura linguística, uma vez que estão profundamente ligadas ao pensamento humano. Isso significa que o significado, tanto figurativo quanto literal, faz parte da base da estrutura da linguagem. A abordagem da estilística cognitiva investiga essas figuras de linguagem a partir de uma perspectiva cognitiva, analisando como são percebidas, processadas e interpretadas pelos falantes. Além disso, destaca-se a importância da figuratividade, criatividade e expressividade na compreensão e apreciação estética dos textos.

No capítulo 3, descrevemos a abordagem metodológica adotada na pesquisa, destacando a importância do estudo teórico, a coleta de dados e a análise das produções em Libras, visando compreender como as figuras de linguagem são utilizadas nessa língua e sua relevância no contexto educacional, especialmente em relação à BNCC e ao ENEM.

Em seguida, no capítulo 4, apresentamos uma análise detalhada das figuras de linguagem estudadas na Libras, enriquecendo a compreensão das complexidades dessa língua

e sua relação com o uso criativo da linguagem. A análise é organizada de forma a padronizar a apresentação dos resultados.

Primeiramente, são abordadas as figuras de linguagem "Figuradas", que incluem eufemismo, hipérbole e personificação. Em seguida, são discutidas as figuras de linguagem "Não figuradas", que englobam antítese, gradação, anáfora e onomatopeia.

Cada seção começa com a denominação da figura de linguagem estudada, seguida pela definição do conceito da figura em questão. São apresentados exemplos em língua portuguesa para compreensão contextual. Além disso, são disponibilizados *QR Codes* e *links* para os vídeos coletados, permitindo o acesso direto aos exemplos na Libras. A transcrição dos vídeos é apresentada em imagens e utiliza um sistema de notação por palavra, no formato de uma figura-tabela. A seguir, é realizada a correlação dos conceitos das figuras de linguagem na Língua Portuguesa com a Libras.

O capítulo também inclui observações sobre as especificidades das figuras de linguagem na Libras, destacando aspectos linguísticos, estilísticos e socioculturais. A análise abrange as três perspectivas descritas anteriormente no capítulo 2, além de considerar elementos expressivos e outros fatores que influenciam a utilização das figuras de linguagem na Libras.

E por fim, no capítulo 5 realizamos as considerações finais. Neste ponto, são apresentadas as conclusões e reflexões finais da pesquisa sobre as figuras de linguagem na Língua Brasileira de Sinais (Libras). Neste ensejo, destaca-se a importância do estudo das figuras de linguagem na Libras como um campo de pesquisa relevante e promissor. A pesquisa demonstrou que as figuras de linguagem desempenham um papel significativo na Libras, enriquecendo a expressão e a comunicação nessa língua visual espacial motora e são recapitulados os principais resultados alcançados ao longo da pesquisa.

2 FIGURAS DE LINGUAGEM

2.1 *Overview* das línguas de sinais

Os estudos voltados às línguas de sinais têm um progresso bem recente, quando comparadas ao progresso das pesquisas com as línguas orais. Até a década de 60, o próprio *status* linguístico das línguas de sinais como língua natural, (LEITE; QUADROS, 2014) era refutado.

O linguista norte-americano William Stokoe, devido ao seu trabalho profícuo, nadécada de 60, demonstrou que as línguas de sinais – a *American Sign Language* (ASL) e as demais línguas de sinais, por consequência, poderiam ser explicitadas e analisadas empregando os mesmos procedimentos teóricos e metodológicos aplicados às línguas orais e passaram, assim, a serem reconhecidas mundialmente como objeto de estudo para os campos linguísticos.

Os aspectos linguísticos das línguas de sinais apresentam análises nos diversos níveis da linguística, abrangendo os domínios fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. No âmbito fonológico, Stokoe (1960) inicialmente identificou os três elementos que estabelecem as unidades mínimas destas línguas, denominadas de parâmetros: configuração das mãos, movimento, localização. Klima e Bellugi (1979), por sua vez, descreveram vários morfemas identificados na língua de sinais americana, tais como movimentos repetitivos, trajetórias circulares, padrões em ziguezague, morfemas de quantidade e tensão muscular. Os mesmos autores, também, conduziram análises abrangentes da possível iconicidade de certos sinais em diferentes línguas visuais espaciais, chegando à conclusão de que esta é arbitrária, assim como em outros sistemas linguísticos.

No campo da sintaxe, há investigações sobre a estrutura das LS, notavelmente presente em Liddel (1980), um clássico sobre a sintaxe da língua de sinais americana. No âmbito semântico, há estudos analisando algumas línguas de sinais, como as metáforas na *American Sign Language* (ASL) de Wilcox (2000). No contexto brasileiro, as pesquisas sobre línguas de sinais ganharam impulso nas décadas de 1980 e 1990, com contribuições como as de Ferreira-Brito (1986, 1993, 1995), Felipe (1992, 1993) e Quadros (1995, 1999). E como mencionado anteriormente, estudos sobre figuras de linguagem, especificamente metáfora, tem-se: Faria, 2003, 2006; Costa, 2015, 2020.

Desde o estudo de Stokoe até o presente, o campo de conhecimento das línguas de sinais cresceu significativamente, certificando que as propriedades básicas das línguas naturais também estão presentes nas línguas de sinais, que vem sendo investigadas em seus mais

variados níveis de análise, sendo: fonético, fonológico, morfológico, sintático, lexical, semântico, pragmático e outros, também evidenciando semelhanças e diferenças no modo como línguas de sinais e línguas orais se estruturam nesses diferentes níveis de análise, contribuindo para os pressupostos da teoria linguística e para aprimoramento de suas aplicações no cotidiano da comunidade surda.

2.1.1 Espaço

A Libras é uma língua de modalidade espaço-visual (FERREIRA-BRITO, 1995) apresentando fonologia, sintaxe, semântica e morfologia próprias, assim como outras línguas de sinais (LS). Por ter uma produção manual, corporal e uma percepção visual, ela usa o espaço físico e o próprio corpo do sinalizante para a execução do conteúdo da mensagem visual. A exploração do espaço físico e o uso do próprio corpo são elementos importantes na interação.

As línguas de sinais são línguas de modalidade gesto visual, Quadros (2006) explica que muitos estudos têm se ocupado da identificação e da análise do efeito de modalidade sobre a estrutura linguística da língua de sinais. Não há dúvida de que a diferença de modalidade causa efeitos na língua de sinais.

As línguas de sinais são sistemas espaço-visuais motores. Diante disso, para executar ou compreender um enunciado sinalizado, precisamos levar em consideração, não apenas, o sinal que está sendo produzido, mas também, em que local do espaço que esse sinal está sendo produzido. O espaço é, assim, explorado nas línguas sinalizadas para expressar diferentes relações gramaticais (LOURENÇO, 2017). Autores como Bergman (1980) e Costello (2015, p. 128), chamam de “localização” o mecanismo pelo qual um sinal é articulado em um ponto específico do espaço de sinalização.

Meir (2002, p. 419) afirma que “devido à modalidade visual, cada localização contém informações suficientes para identificar unicamente seu referente”. O espaço de sinalização, ou o espaço neutro nas línguas de sinais é utilizado para marcação e identificação dos referidos (BERNARDINO, 2000), sendo esses identificados em pontos específicos no espaço de referenciação.

Padden (1988) discute a função do espaço nas línguas de sinais. O espaço nessas línguas transcende a mera dimensão semântica; ele não é apenas uma representação mental, mas um componente intrínseco de uma unidade lexical. A pergunta enfrentada pelos pesquisadores ao lidar com os elementos espaciais nas LS é como esses pontos podem ser incorporados à gramática e onde esses pontos espaciais são definidos no léxico.

Lillo-Martin e Klima (1986) apontam uma abordagem para essa questão: eles propõem uma única entrada para os pronomes com localização não específica (uma variável), cuja interpretação é definida no contexto do discurso.

Liddell (1990, 1995), por sua vez, sugere que os pontos no espaço devem ser tratados como construções mentais (pictóricas). De acordo com sua análise, essas construções não podem ser parte do sistema linguístico, uma vez que elas implicam espaços reais que contêm uma representação mental do objeto ou referência em si. Dessa forma, não seria necessário definir as características fonológicas e morfológicas do *locus*. Adicionalmente, a concordância verbal deixa de existir no sentido linguístico convencional.

Rathmann e Mathur (2002) examinam a proposta de Liddell e demonstram que o problema se torna evidente quando se consideram os níveis de variação fonética do *locus* em línguas gestuais, que se referem à forma e aos limites determinados. No primeiro momento, ao estabelecer um ponto no espaço para representar uma entidade no lado esquerdo, tenta-se retornar a esse mesmo ponto ao mencionar a mesma entidade posteriormente no discurso. No segundo momento, um ponto diferente do que foi, originalmente, estabelecido para a entidade supracitada pode conferir um significado distinto. Dado que há uma relação entre o ponto no espaço e o referente, cada *locus* deve ser registrado no léxico.

Na Libras, assim como verificado na ASL (SIPLE, 1978), as relações gramaticais são especificadas através da produção dos sinais no espaço. A língua de sinais brasileira, assim como qualquer língua de sinais, é organizada espacialmente, de forma bastante complexa. O uso do espaço é uma característica fundamental nas línguas visual-espaciais motoras e está presente em todos os níveis de análise.

Considerando esses estudos, parece haver efeitos de modalidade que se refletem na própria estrutura da língua. Segundo Liddell (1990), a informação sobre a relação entre a atividade e o objeto envolvido é claramente expressada de forma espacial num sentido visual.

2.1.2 Fonologia e Fonética da Libras

As línguas de sinais, conforme um considerável número de pesquisas, contêm os mesmos princípios linguísticos que as línguas orais, pois têm um léxico (palavras) e uma gramática. Stokoe (1960), considerado o pai da linguística das línguas sinalizadas, foi o primeiro linguista a defender abertamente que elas são línguas naturais e que, como quaisquer outras línguas, também devem ser estudadas pela linguística. Foi o primeiro a defender e a

demonstrar que os sinais não deveriam ser pensados como “figuras desenhadas no ar com as mãos” (BATTISON,2000), mas, sim, realizou uma primeira descrição estrutural da ASL (*American Sign Language*), considerando-a uma língua de grande complexidade, demonstrando que os sinais poderiam ser vistos como partes de um todo (fonemas que compõem morfemas e palavras). Stokoe propôs um esquema linguístico estrutural para analisar a formação dos sinais e propôs a divisão de sinais na ASL em três aspectos ou parâmetros que não carregam significados isoladamente, segundo Xavier (2006) a saber:

a. *configuração de mão (CM)*: a forma (ou estado dos dedos) que a mão apresenta na realização de um sinal, são os traços que descrevem a forma da mão (ou seja, a disposição dos dedos) são reunidos no subfeixe articulatorio denominado configuração de mão. e;

b. *localização (L)*: ponto de contato ou ainda ponto de articulação: lugar no corpo ou no espaço em frente ao corpo em que o sinal é produzido; O subfeixe articulatorio ponto de contato [PC] é formado por quatro subconjuntos de traços, sendo: localização; parte da mão, proximidade; relação espacial.

c. *movimento (M)*: maneira como a mão se move ao longo da articulação de um sinal.

Análises dos sinais, posteriores à de Stokoe, identificaram outros parâmetros que foram adicionados aos estudos da fonologia das línguas de sinais como, a orientação da palma (Or) (BATTISON, 1974, 1978) e as marcações não manuais – MNM (BRENNAN, 1992 *apud* XAVIER; BARBOSA, 2017, p 982).

d. *orientação da mão (Or)*: a orientação determina a parte da mão que está paralela ao plano do chão (por Liddell & Johnson, 2000)⁶.

e. as expressões não-manuais (ENM) (movimento da face, dos olhos, da cabeça ou do tronco) prestam-se a dois papéis nas línguas de sinais: marcação de construções sintáticas e de sinais específicos. As marcações não-manuais, ou seja, expressões faciais e movimentos da cabeça e do torso que estão previstos entre os traços articulatorios que constituem um sinal (XAVIER, 2006)⁷.

Autores que deram continuidade à descrição e à análise da ASL após Stokoe (1960),

⁶ De acordo com Liddell & Johnson (2000), os sinais fazem uso de duas especificações diferentes que determinam conjuntamente a orientação da mão. Uma delas, denominada por eles de *face* [FA], é responsável por indicar a parte da mão que é alocada no ponto em que um determinado sinal é produzido e/ou a direção para a qual os dedos apontam. Já a outra, designada de *orientação* [OR], tem a função de determinar que parte da mão está situada paralelamente ao plano do chão [HP].

⁷ As expressões não-manuais que constituem componentes lexicais marcam referência específica, referência pronominal, partícula negativa, advérbio ou aspecto. Com base em Baker (1983), Ferreira Brito e Langevin (1995) identificam as expressões não-manuais da Libras, as quais são encontradas no rosto, na cabeça e no tronco.

(Battison, 1978; Klima & Bellugi, 1979; Liddell, 1984; Liddell & Johnson, 2000 [1989]), consideraram que o uso de uma mesma terminologia linguística, no caso aqui fonologia e fonética, no tratamento tanto de línguas orais, quanto de línguas sinalizadas, tem a vantagem de explicitar semelhanças entre elas. Além disso, de acordo com Battison, o emprego de termos como fonema e fonologia para as línguas sinalizadas se justifica em razão de eles se referirem, na teoria linguística, a entidades abstratas, independentes do seu canal de manifestação, ainda que tais termos sejam formados pela raiz grega ‘*phone*’, que significa som.

De acordo com a pesquisa de Mohr (2014), diversos estudos realizados desde a década de 1980 têm demonstrado que as línguas de sinais vão além da manualidade, incorporando recursos não-manuais em uma sincronia inteligentemente orquestrada pela mente do sinalizante. Esses estudos, como mencionados por Engberg-Pedersen (1990), Sandler (1999), Sutton-Spence e Woll (2006), e Pfau e Quer (2010), contrapõem a ilusão de que a manualidade é limitante para as línguas de sinais.

Ao contrário da expectativa da maioria das pessoas, a língua de sinais não consiste simplesmente em ‘gestos manuais’. O componente manual (mãos) é sempre acompanhado pelo componente não manual - olhos, boca, expressões faciais, movimento e postura da cabeça e do corpo. Juntos, eles criam significado holístico (PFAU; QUER, 2010).

Entre esses articuladores não manuais, a boca ocupa um lugar único porque é vista como uma ponte entre a modalidade visual-espacial (a modalidade da língua de sinais) e a modalidade vocal-auditiva (a modalidade da língua oral) - "síntese desse ‘blend’ sinais e discurso" (SMITH, 2017, p. 1).

Os padrões da boca desempenham um papel significativo na estrutura da língua de sinais em todos os níveis. Eles complementam os sinais manuais ou, às vezes, até apresentam informações independentes, valendo-se da simultaneidade da língua de sinais.

Componentes não manuais, ou seja, corporais - que envolvem cabeça, tronco e membros, as articulações-boca e os gestos-boca enquadram-se na parte não manual, a qual tem a mesma relevância do sinal manual para a constituição do significado, das sentenças e do discurso.

As articulações-boca e os gesto-boca são considerados dentro do escopo dos recursos não manuais, e, segundo Balvet; Salandre (2014), são pistas fundamentais para determinar a natureza, o papel e a interpretação dos sinais manuais, ou seja, são elementos que integram as palavras em uma língua de sinais.

As línguas de sinais utilizam articuladores múltiplos (mãos, corpo, expressões faciais, olhos, boca, movimento da cabeça, e assim por diante).

Pfau e Quer (2010) reconhecem o importante papel que as mãos exercem nas línguas sinalizadas, porém, ressaltam o mesmo *status* de importância e de complexidade que outros articuladores – o corpo, a cabeça e a face – possuem na gramática dessa modalidade de língua.

Ao discutir os marcadores não manuais, é importante observar que eles abrangem mais do que apenas as expressões faciais. Wilbur (2000) argumenta que as regiões superiores e inferiores do rosto, envolvidas nos sinais não manuais, desempenham papéis distintos em diferentes domínios sintáticos. De acordo com a pesquisa da autora, os sinais localizados na parte superior do rosto ou na região da cabeça, como sobrancelhas, olhares, posições e movimentos da cabeça, estão relacionados a componentes de maior escala, como orações e sentenças. Em contraste, os sinais na parte inferior do rosto, incluindo a boca, língua e bochechas, estão mais associados a elementos lexicais ou aos sintagmas em que esses elementos são usados, especialmente para transmitir informações de natureza adjetiva ou adverbial.

Estudos realizados por Siple (1978) e Swisher *et al.* (1989, *apud* PÊGO, 2021) indicam que, durante a comunicação em línguas de sinais, os sinalizantes não direcionam sua atenção para as mãos do interlocutor, mas sim para o rosto, onde informações gramaticais essenciais são codificadas de forma não-manual.

2.1.3 Classificadores

Nas línguas de sinais, ocorre a presença de um recurso muito importante, os Classificadores (CL), que fazem parte do núcleo lexical (QUADROS; KARNOPP, 2004) dessas línguas. Eles são responsáveis pela formação da maioria dos sinais já existentes, assim como pela criação de novos sinais (BERNARDINO, 2012)

Classificadores são chamados também de *classifier predicates* (predicados classificadores), verbos de movimento e localização, *markers* (marcadores), *depicting verbs* (verbos descritivos), verbos policomponenciais, verbos multidirecionais. São várias nomenclaturas e não se chega a um acordo sobre esses recursos. Nesta pesquisa, optamos continuar com o vocábulo “classificadores”, termo mais usado na literatura sobre línguas de sinais.

Classificadores configuram a relação entre significação-função em um dado contexto dentro do sistema de uma determinada língua, como escreve Dubois *et al.* (1993, *apud* FELIPE, 2002, p.37-58).

Segundo Capovilla e Raphael (2001), os Classificadores (CL) constituem um "conceito

empregado nas LS para denotar as diversas maneiras pelas quais um sinal específico é produzido, dependendo das características físicas particulares do referente que está sendo representado". Além disso, os Classificadores (CLs) desempenham um papel no estabelecimento de concordância linguística, pois substituem, categorizam e definem objetos e pessoas. Estes elementos, quando acompanhados de expressões não manuais, conferem significado a situações em que não seja possível representá-los mediante sinais (BRITO, 1997).

Ferreira (2010) ressalta que os CLs representam morfemas presentes tanto nas línguas orais como nas línguas visuais. Ela destaca que "as línguas de sinais, talvez devido à sua natureza espacial visual, frequentemente fazem uso de diversos tipos de Classificadores, explorando também morfologicamente o espaço multidimensional em que os sinais são realizados".

Ainda de acordo a autora, houve uma evolução na compreensão das CMs (configurações de mãos) nas línguas de sinais. Isso pode ser atribuído ao fato de que as CMs agora são utilizadas como afixos classificadores, anexando-se aos verbos para representar características das entidades associadas aos substantivos que substituem. Em várias línguas de sinais, determinadas CMs são empregadas para expressar traços de formato e tamanho dos referentes, bem como para descrever os movimentos de seres em um contexto. Portanto, elas desempenham um papel na descrição dos referentes (atuação como adjetivos), substituição dos referentes (uso de pronomes) ou indicação da localização dos referentes (emprego como locativos).

De acordo com Felipe (2001) apud Gesueli (2009):

O classificador não pode ser confundido com características descritivas do objeto, ou seja, ao atribuir uma qualidade a um objeto, podemos estar utilizando um tipo de classificação, mas não necessariamente um classificador na concepção linguística do termo. Os classificadores são configurações de mãos que, relacionadas à coisa, pessoa e animal, funcionam também como marcadores de concordância verbal (FELIPE, 2001 apud GESUELI, 2009).

Supalla (1986) afirma que os classificadores são morfemas utilizados em verbos de movimento e de localização, sendo que cada um dos parâmetros básicos usados nesses verbos é um morfema. Para o autor, haveria cinco tipos de classificadores, que seriam: (1) CL semânticos; (2) CL de corpo; (3) CL de partes do corpo; (4) CL de instrumento e (5) especificadores de tamanho e forma.

Para Bernardino, Martins, Moura e Bastos (2020) classificadores são as configurações de mãos utilizadas para representar um referente na perspectiva do observador. Eles seriam divididos em quatro tipos: (1) CL de entidade (correspondendo ao semântico); (2) CL de manuseio (instrumento); (3) CL descritivos (especificadores de tamanho e forma) e (4) CL de

partes do corpo. O que Supalla (1986) considera o CL de corpo as pesquisas mais atuais têm identificado como sendo a Ação Construída (tópico 2.1.4), ou seja, o sinalizante utiliza o próprio corpo para projetar o referente.

Os classificadores são demonstrações da forma de um objeto, de alguém ou de alguma coisa. São representados em formas de configuração das mãos, que referenciam, mostram ou descrevem uma pessoa, um animal ou até mesmo um objeto, em verbos de movimento ou de localização, para demonstrarem um referente. Nos classificadores, mãos e corpo são usados como articuladores para designar o nome do referente ou o agente da ação (BERNARDINO, 2012).

2.1.4 Ação Construída

Um outro recurso muito explorado das línguas de sinais é a Ação Construída (AC). Antes é preciso saber que a nomenclatura "Ação Construída" não é unânime. Há, em estudos acerca de línguas de sinais, descrições e análises de recursos que correspondem à Ação Construída, mas que são nomeados de outras formas. Há, em Supalla (1986,) a designação de cinco tipos de classificadores e entre eles está a categoria chamada de "Classificadores de Corpo", que se refere exatamente ao que aqui chamamos de Ação Construída. Há ainda, em Liddell (2003), o recurso chamado de "Espaço Sub-Rogado" que também corresponde à Ação Construída. Todos esses nomes se referem ao recurso das línguas de sinais em que o sinalizante se torna o objeto, assumindo assim o papel do referente que pode ser uma pessoa, um animal ou uma coisa (QUINTO-POZOS, 2007).

Muitas pesquisas conduzidas na área reconhecem a existência em ASL do que Tannen (1989) se refere como ação construída (Liddell 1980, Metzger 1995, Roy 1989, Winston 1991, 1992). Metzger (1995) explica vagamente isso como a maneira como os sinalizantes usam seu corpo, cabeça e olhar para relatar as ações, pensamentos, palavras e expressões dos personagens dentro de um discurso (p. 256). Seu estudo revelou que a ação construída e também um diálogo construído são produzidos de forma bastante semelhante na ASL.

Dudis (2004) descreve o mesmo fenômeno como um tipo do que ele chama de "*real-space blends*", traduzido aqui por "misturas de espaço real". Esse ato discursivo envolve a projeção do corpo de um sinalizante em [uma] mistura, produzindo um elemento misturado visível, tipicamente um ator humano (p. 223). A "mistura" é o processo cognitivo de combinar elementos de dois espaços mentais distintos, alguns dos quais são integrados em um terceiro espaço, resultando em uma fusão de conceitos e ideias. (Dudis, 2002, p. 53).

Embora esse fenômeno seja frequentemente observado como parte de uma narrativa, quando ocorre isoladamente, o sinalizante está, de certa forma, saindo momentaneamente do papel de narrador para ‘se tornar’ um personagem. O mesmo autor (2004) cita a teoria de *Conceptual blending* (combinação ou mistura conceitual) de Fauconnier e Turner (1996) para explicar a produção dessa “mistura” de espaços reais nos discursos em ASL.

“Toda a riqueza de detalhes desse ‘blend’, ou dessa “mistura” é acessível direta e indiretamente ao único elemento realmente visível – o sinalizante” (BERNARDINO, 2020). Enquanto o sinalizante mantém um espaço mental ativo com a AC (ou incorporação do personagem), ele pode utilizar uma das mãos para demonstrar o mesmo personagem em outro espaço mental (através de um classificador) e na outra mão ainda pode haver um outro referente (usando outro classificador).

Dudis (2004) também explora a capacidade de um sinalizante de criar outro tipo de mistura de espaço real que envolve a "partição" de partes do corpo. Nesses tipos de misturas, "diferentes partes do corpo do sinalizante são projetadas como elementos visíveis separados do espaço real em suas respectivas misturas" (Dudis, 2004, p. 225).

Dudis (2002, 2004) admite que misturas de várias naturezas têm potencial para serem produzidas concomitantemente, como outros pesquisadores observaram anteriormente. Seu trabalho, no entanto, deu uma análise mais aprofundada às inúmeras opções (e combinações delas) que estão disponíveis para os sinalizantes. Suas descobertas demonstraram que "mesmo que o corpo do sinalizante como uma unidade única, possa ser projetado em uma mistura para criar atores visíveis, outros elementos visíveis também são possíveis" (Dudis, 2004, p.237). O trabalho de Dudis (2002, 2004) apoia essa noção de que tais misturas podem acontecer de forma independente ou concomitante. Ele explica que os sinalizantes podem estabelecer misturas únicas que envolvem seus corpos na construção da mescla, um ato denominado de ação construída ou estabelecer misturas simultâneas atribuindo diferentes partes do corpo para separar misturas conhecido por particionamento do corpo (DUDIS; 2002, p.71).

Desdobrando essa ideia, temos a implicação de que a Ação Construída é a demonstração, por meio de movimentos e de posturas corporais e faciais, das ações de uma personagem como percebidas e reconstruídas por um narrador (BOLGUERONI; VIOTTI, 2013).

O levantamento breve de concepções sobre e da língua de sinais aqui mencionadas é importante para entendermos a correlação das especificidades dessa língua visual espacial motora sobre as figuras de linguagem na Libras.

2.2 Figuras de linguagem: perspectivas, conceito e classificação

Após o panorama sobre os estudos na área de línguas de sinais e as instâncias espaço; fonologia e fonética; classificadores e ação construída, seguimos abordando sobre as figuras de linguagem.

2.2.1 *Sob três perspectivas*

As figuras de linguagem são sempre muito mais e, enquanto o mundo existir estarão aí incitando quem quiser estudá-las ou escrever sobre elas. As figuras de linguagem, e a linguagem em geral, nunca deixarão de ser uma constante e infinita reelaboração das experiências do homem no mundo (GUIMARAES; LESSA, 1988).

Antes de delinear e entrelaçar o conceito de Figuras de Linguagem das línguas orais e das línguas de sinais é preciso ter em mente, com clareza, o que são esses elementos linguísticos e como eles são encarados pelos estudiosos da área. É importante pontuar que, apesar de receber outros nomes como, Figuras de Palavras, Figuras do Pensamento, Figuras de Construção ou de Sintaxe, Figuras de escopo, nesse trabalho adotaremos somente o nome Figuras de Linguagem.

O estudo das figuras de linguagem tem sua origem na retórica greco-romana. Modernamente, as figuras são um assunto de interesse da estilística, através dos estudos que dizem respeito à expressividade do discurso.

As Figuras de Linguagem são recursos especiais que servem àquele que utiliza da língua oral, escreve ou sinaliza, para comunicar à expressão mais força, cor, intensidade e beleza (CEGALLA, 2002).

Lopes (2010), Bergamin, Bárbara, Martins e Barreto (2013) configuram as Figuras de Linguagem como recursos linguísticos utilizados pelos autores para que as obras se tornem mais expressivas. Esses recursos exploram os sons, os movimentos, os sentidos, e as estruturas da língua, bem como suas relações com as coisas do mundo, para criar sentidos novos e expressivos. Elas são capazes de conseguir um determinado efeito que influirá na interpretação do texto pelo leitor. Entretanto, as figuras de linguagem também fazem parte do nosso cotidiano.

De uma forma geral, as figuras são recursos estilísticos utilizados no nível dos sons, das palavras relacionadas com as estruturas sintáticas ou do significado, de acordo com alguns autores são agrupadas como figuras sonoras/de som, figuras de sintaxe ou de construção e ainda figuras do pensamento, para conferir maior valor expressivo à linguagem.

Assim sendo, nesta pesquisa, encaram-se as figuras de linguagem de acordo com três perspectivas. A primeira trata do valor das figuras para que um indivíduo possa atribuir a

determinado texto, seja escrito, oral ou sinalizado, o seu estilo próprio. Segundo Garcia (2006, p. 123), “estilo é, assim, a forma pessoal de expressão em que os elementos afetivos manipulam e catalisam os elementos lógicos presentes em toda atividade do espírito”. Alcançar esse estilo pessoal é uma das motivações para empregar figuras de linguagem na comunicação de algo. Elas são recursos exímios para inculcar em um enunciado o estilo próprio do emissor e contribuir para que ele possa deixar marcas de sua individualidade nos textos que produz. Estilo, de acordo com Mounin (1968), é um desvio da norma, é uma elaboração individual e, ainda, uma conotação.

Figuras de linguagem, para Brandão (1989), são resultados do distanciamento ou do desvio de uma norma face à qual elas constituem, num primeiro momento, violações ao sistema e, num segundo momento, reduções a novas normas.

Cabe aqui uma ressalva, na tradição retórica, a linguagem figurada ou ainda as figuras de linguagem são um desvio da linguagem usual, e, conseqüentemente, própria de linguagens especiais, como a poética e a persuasiva, o que acaba resultando na oposição linguagem cotidiana/linguagem poética. Essa dicotomia estava assentada no conceito de figura como desvio da linguagem cotidiana. Os autores Lakoff e Johnson (2003) questionam e derrubam o conceito de figura que o fundamenta, redefinindo-a como algo central em vez de desviante, marginal ou periférico. A figura é reconhecida como um fenômeno onipresente em todos os tipos de linguagem, tanto na comunicação do dia a dia quanto na linguagem científica.

Ainda é comum uma correlação da estilística e/ou estilo a uma concepção de distorção da norma linguística. Isso se deve ao fato de que há uma distinção significativa entre características estilísticas e equívocos gramaticais. Uma característica estilística surge quando existe uma intenção estético-expressiva que justifica a ‘desvio’ da norma gramatical. Por outro lado, o erro gramatical não carrega uma motivação estética, uma vez que se configura simplesmente como um desconhecimento das regras da norma padrão.

De acordo com Pierre Guiraud (1978, p. 149), o estilo pode ser compreendido como a manifestação presente no enunciado, resultante da escolha de meios de expressão determinada pela natureza e pelas intenções do indivíduo que se expressa. Vale notar que a definição de Guiraud realça a palavra-chave da estilística: ‘escolha’. Salienta-se então que o termo ‘estilo’ não deve necessariamente ser associado ao conceito de ‘desvio’. Em outras palavras, de acordo com Henriques (2011), estilo não se confunde com desvio, mas sim, com uma ‘escolha’ linguística. Essa decisão, que pode envolver variações ou desvios em relação à norma, está intrinsecamente ligada à capacidade e sensibilidade individuais para responder às seguintes questões: o que deseja comunicar? Para quem é a mensagem? Como pretende transmitir a

mensagem? E quando é apropriado comunicar?

Ainda, segundo o Claudio Cezar Henriques:

Pode-se então definir estilo como o modo pelo qual um indivíduo usa os recursos fonológicos, morfológicos, sintáticos, lexicais, semânticos, discursivos da língua para expressar, oralmente ou por escrito, pensamentos, sentimentos, opiniões, etc. O estilo tem, portanto, significado (expressividade), pois ele revela, aberta ou veladamente, características do emissor diante de seu interlocutor: tipos de atividade, visões de mundo e de grupos sociais, etc. O estilo de um texto também pode trazer à tona esses mesmos elementos, só que no caminho inverso, originários do próprio interlocutor que os coloca como uma resposta automática ao que encontra diante de si no papel (ou no ar). Como se vê, os estilos podem se constituir como excelentes recursos estratégicos a serem usados como um sistema de sinais contextualizadores do discurso. (HENRIQUES, 2011. p.28)

Bueno (1964) conceitua Estilo como a projeção exterior do impulso interior da inspiração, é a exteriorização do seu processo mental por meio de palavras, de frases, de períodos e de sinalização. É a personalidade do indivíduo expressa pelos meios oferecidos pelo idioma.

A segunda forma de tratar as figuras de linguagem, refere-se à capacidade que elas possuem de atribuir beleza, força, suavidade, agradabilidade e realce ao enunciado (CEGALLA, 2000). As figuras têm a capacidade de romper com a automatização dos significados da língua, exigindo do receptor uma nova atenção para a construção de significado, como uma espécie de ressignificação. Elas estabelecem conexões com elementos, imagens, sons, configurações de mão, sinais que usualmente não seriam percebidos ou resgatados, caso esses recursos figurativos não fossem utilizados (BARRETO, 2016).

Se, por um lado, as figuras de linguagem constituem um poderoso recurso expressivo que é capaz de tornar os textos mais elegantes, mais singulares (FARACO; MOURA, 1998), na terceira perspectiva, podemos mencionar a capacidade de enfatizar os aspectos argumentativos.

Usualmente tratadas como recursos ligados apenas ao embelezamento e ao emprego artístico da língua, as figuras de linguagem possuem também uma importante faceta que é capaz de funcionar muito bem em textos argumentativos. Por isso, pode-se perceber o emprego dessas figuras em quase todos os gêneros textuais, como em contos, poemas, propagandas e até em textos jornalísticos e científicos. As figuras de linguagem têm, em sua essência, uma força argumentativa, ilocucionária e persuasiva (FILHO, 2016).

As três perspectivas apresentadas aqui, são fundamentais para conduzir o estudo linguístico durante as análises e discussões. Essas perspectivas constituem um dos elementos-chave que direcionarão este estudo linguístico.

2.2.2 Figuras de linguagem sob a concepção de linguagem figurada (sentido figurado)

As figuras de linguagem podem estar apoiadas sob algumas concepções, inicia-se pelo âmbito de que as figuras são recursos linguísticos apoiados no emprego figurativo de palavras/ sinais, constituindo um amplo grupo de artifícios expressivos que buscam incrementar a forma como um indivíduo se comunica (AMARAL, 2013).

Brandão (1989) define as Figuras de linguagem como uma forma especial de expressão. Comumente, o tempo tem sido marcado por dois aspectos: o efeito de concretude que provoca no receptor e o distanciamento em relação à outra forma de linguagem considerada própria, literal e estritamente dentro dos padrões gramaticais.

Figura de linguagem é um recurso expressivo que consiste no uso de palavras em sentido figurado, isto é, em um sentido distinto daquele em que convencionalmente são empregadas. (CEREJA; MAGALHÃES, 2013).

Segundo autores como Amaral *et al.* (2013), as diversas possibilidades de emprego conotativo das palavras compõem um arcabouço variado de recursos expressivos que recebe o nome geral de Figuras de Linguagem. No exercício da comunicação, essas figuras evidenciam a intenção ou a necessidade que o discursista tem de dizer as coisas de maneira nova, diferente e criativa. O que intenciona o enunciador, quando as utiliza, é principalmente surpreender, impressionar ou sensibilizar seu(s) interlocutor(es) e, assim, torná-lo(s) mais atento(s) ao que está sendo produzido.

Para Guiraud (1970), o discurso tem na gramática o ponto de apoio para sustentar a significação e a correção de várias estruturas gramaticais, não deixando, porém, de dar ênfase ao valor “estético ou expressivo”, que representa a parte figurativa, sensível da linguagem, por meio dos diversos recursos estilísticos, recursos esses denominados de figuras de linguagem.

O conhecimento das estratégias da linguagem figurada não tem, de acordo com Amaral *et al.* (2013), uma finalidade em si mesmo, ou seja, não se trata de identificar as figuras apenas para saber classificá-las, dar-lhes um nome. A compreensão sobre as Figuras de Linguagem contribui para o entendimento e para a interpretação das produções textuais (jornalísticas, literárias, publicitárias, humorísticas etc.), leva-nos também a ser mais sensíveis à beleza da linguagem e ao significado simbólico das palavras. Além disso, ter domínio mais amplo das estratégias da linguagem figurada ajuda a expressar de forma diferente, variada e pessoal o que pensamos e sentimos.

As Figuras de Linguagem são formas especiais de se expressar, distintas daquelas que

são naturais e ordinárias, pelas quais se atribui a uma palavra uma significação que não é a significação própria dessa palavra (a figurada), desde muito cedo o termo tem sido marcado por dois aspectos: o efeito que provoca no receptor e o distanciamento em relação à outra forma de linguagem considerada própria e estritamente dentro dos padrões gramaticais (BRANDÃO, 1989).

Segundo Ramos (2013) as figuras de linguagem são manifestações do sentido figurado, sendo essas, recursos linguísticos que exploram os sons, os sentidos e as estruturas da língua, bem como suas relações com as coisas do mundo, para criar sentidos novos e expressivos. E ainda, de acordo com o mesmo autor, os estudos sobre o sentido figurado buscaram organizar as múltiplas relações entre significantes e significados nas figuras de linguagem e esclarecer que tipo de lógica rege essas relações.

Figuras de linguagem são recursos - palavras, expressões, repetições etc. - que buscam produzir sentidos não convencionais ou não literais, ou seja, sentido figurado, utilizados com a finalidade de produzir determinados efeitos expressivos (CEREJA; VIANNA; DAMIEN, 2016).

Para Ormundo e Siniscalchi (2018) a figura de linguagem é uma forma de expressão em que as palavras são empregadas fora do seu sentido mais comum, isto é, empregadas no sentido figurado ou que as frases estão construídas de maneira não convencional.

A linguagem poética explora o sentido conotativo das palavras, num contínuo trabalho de criar ou alterar o significado, já cristalizado, dessas mesmas palavras. E na linguagem cotidiana é comum também, como consequência da forte carga de afetividade e expressividade, comunicar-se através de recursos que utilizam do sentido conotativo/figurado. Esses recursos expressivos são as figuras de linguagem (NICOLA e INFANTE, 1997).

Há uma grande afinidade entre o sentido figurado e a literatura. Entretanto, não se pode afirmar que as figuras de linguagem estejam restritas ao universo literário. Elas estão presentes no uso cotidiano da linguagem e são comumente utilizadas pelos falantes para produzir e ampliar sentidos, referir novos fenômenos, criar efeitos de humor, de expressividade, de estranhamento, de emoção e outros.

Os diversos autores supracitados, afirmam que as figuras de linguagem são recursos expressivos utilizados na comunicação que consistem em empregar palavras de forma figurada para criar impacto, produzir e transmitir significados e sentidos não convencionais ou não literais, ou seja, utilizar do sentido figurado, sendo então, formas especiais de expressão que exploram a conotação das palavras, visando surpreender e sensibilizar os interlocutores. O conhecimento dessas estratégias contribui para a compreensão, interpretação e apreciação da

linguagem em diversos contextos, como textos jornalísticos, literários e publicitários. Além disso, elas não se limitam à literatura, sendo também usadas na comunicação cotidiana, isto é, conectam o sentido figurado à linguagem poética e cotidiana para ampliar sentidos, criar efeitos expressivos e transmitir emoções.

No decorrer do estudo, refutaremos a afirmativa trazida pelos autores citados aqui de que as figuras de linguagem são baseadas exclusivamente na linguagem figurada ou sentido figurado.

Os conceitos apresentados extraídos dos livros didáticos e gramáticas aqui mencionadas servem como base para compreendermos o que é disseminado nesse material, mas não se constituem propriamente como referências teóricas para a discussão dos conceitos.

2.2.3 Figuras de linguagem: classificação

Para Fiorin (2014), as figuras de linguagem são operações enunciativas para intensificar o sentido de algum elemento do discurso. São, assim, mecanismos de construção do discurso. Para entender isso, é preciso vê-las dentro de um contexto mais amplo, na perspectiva discursiva.

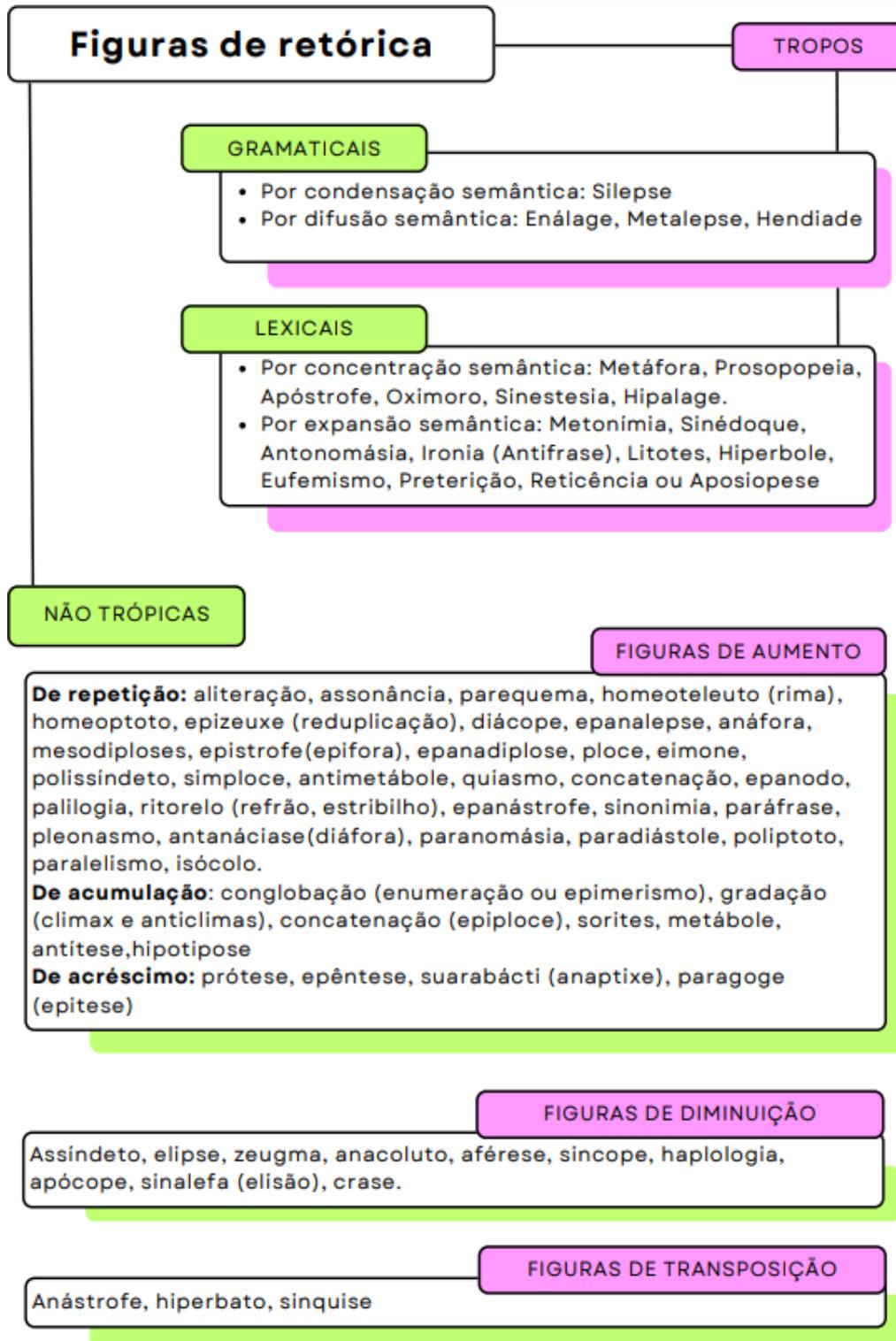
Nos estudos sobre figuras de linguagem, o linguista as denominou “figuras de retórica”, e considerou o tropo - conceituado pelo autor de direção, maneira, mudança, alteração de sentido da palavra - como uma classe das figuras. A unidade básica do tropo é a palavra. Nele, um sentido literal de um termo é substituído por um sentido figurado. Por isso os tropos são chamados de figuras de palavras.

Já Fontanier (1968) e Ricoeur (2000), acrescentam que há tropos de uma só palavra, ou tropos de mais de uma palavra, ou tropos não propriamente ditos. Dessa maneira, a unidade do tropo deixa de ser a palavra e passa a ser o discurso. “(...) A frase é um predicado”. “(...) A frase é a unidade do discurso”.

Para Fiorin (2014), há uma distinção entre tropos e figuras, definindo as primeiras como palavras tomadas de maneira em sentido conotativo e as figuras como operações tomadas de maneira expressiva, porém no seu sentido próprio ou denotativo.

O autor propõe uma classificação das figuras, *a priori*, em dois grupos, sendo eles:

Figura 1: Figuras de retórica

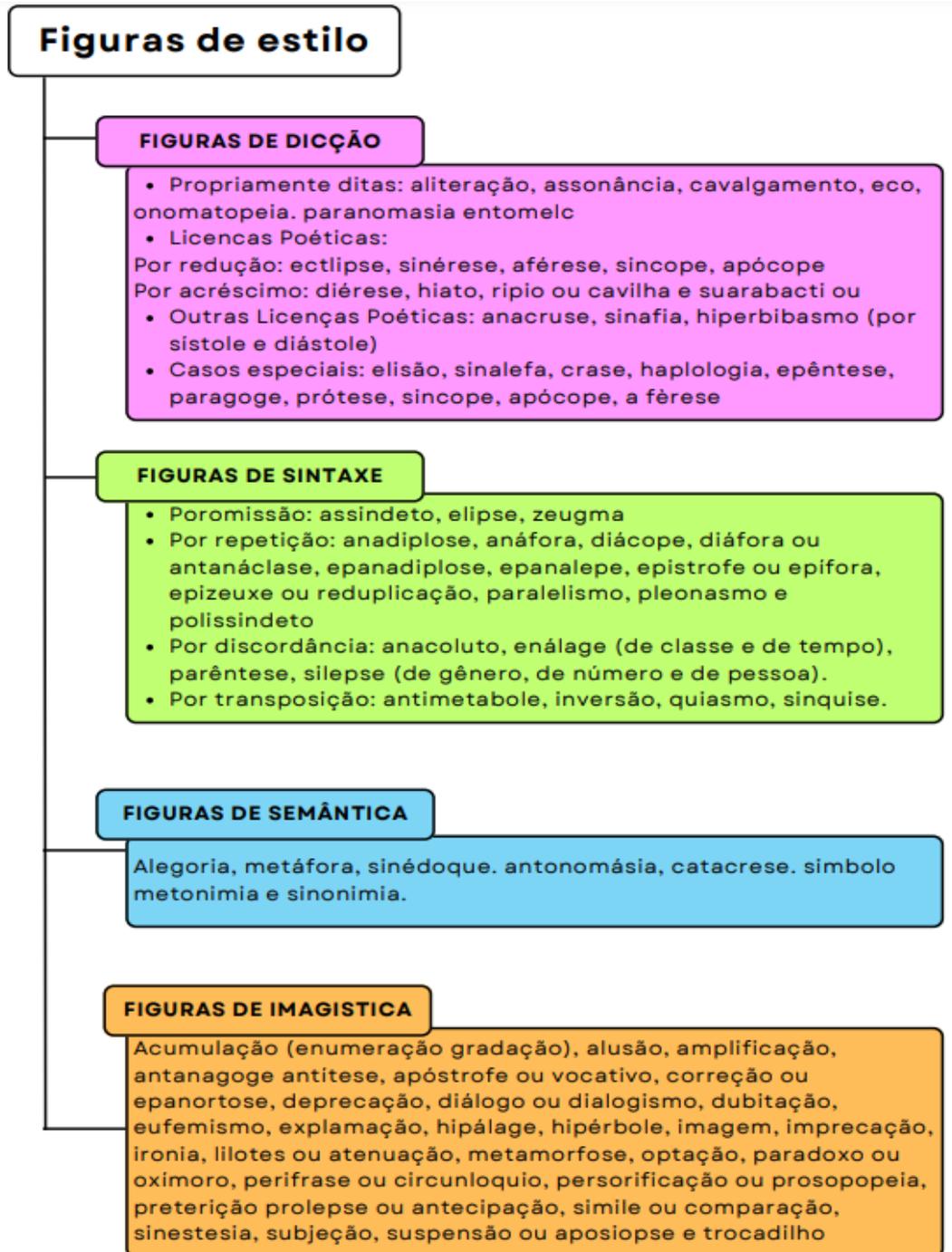


Fonte: Elaborado pela autora - baseado em Fiorin (2014).

Para Pires de Melo, as figuras de linguagem são referendadas como Figuras de estilo e são desvios da norma da língua padrão, bem como a outros recursos capazes de responder pela criação de efeitos expressivos ou artísticos da linguagem. De acordo com o autor as figuras de

estilo são classificadas da seguinte forma:

Figura 2: Figuras de estilo



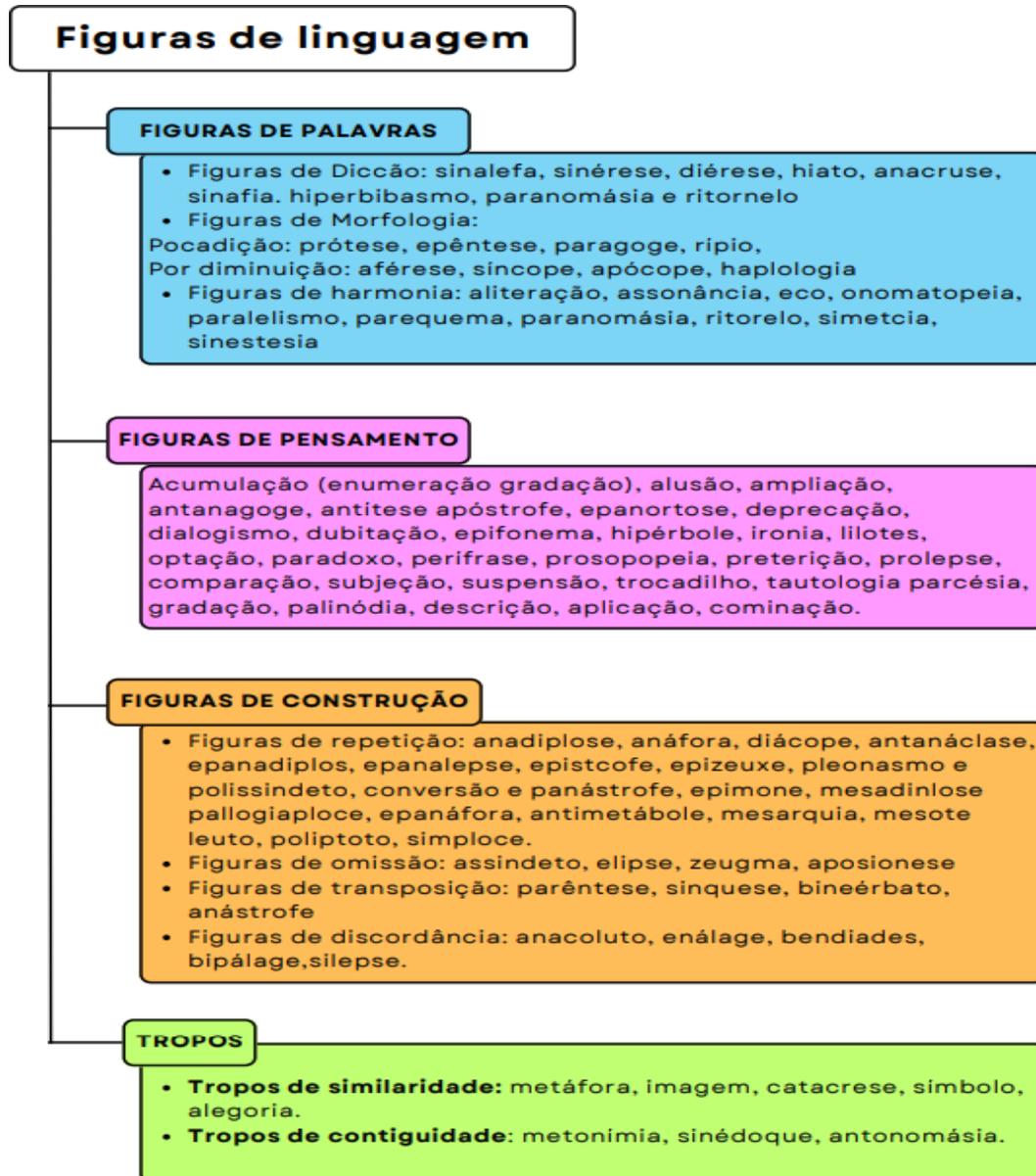
Fonte: Elaborado pela autora - baseado em Pires-de-Melo (2001).

Para Cherubim (1989), no livro *Dicionário de Figuras de Linguagem*, figuras são os aspectos que as diferentes expressões do pensamento podem incorporar-se no discurso. O autor divide as figuras em: figuras de palavras, de construção, de pensamento e, por último, os tropos.

As figuras de palavras se dividem em figuras de dicção ou de prosódia, figuras de

morfologia, figuras de harmonia ou de combinação. Figuras de sintaxe são referentes à ordem das palavras na frase. As figuras de pensamentos são giros de pensamentos independentes da expressão. E, por fim, os tropos, figuras nas quais as palavras apresentam mudança de sentido. O quadro abaixo reproduz sinteticamente a classificação das figuras, segundo o autor.

Figura 3: Figuras de linguagem - Cherubim



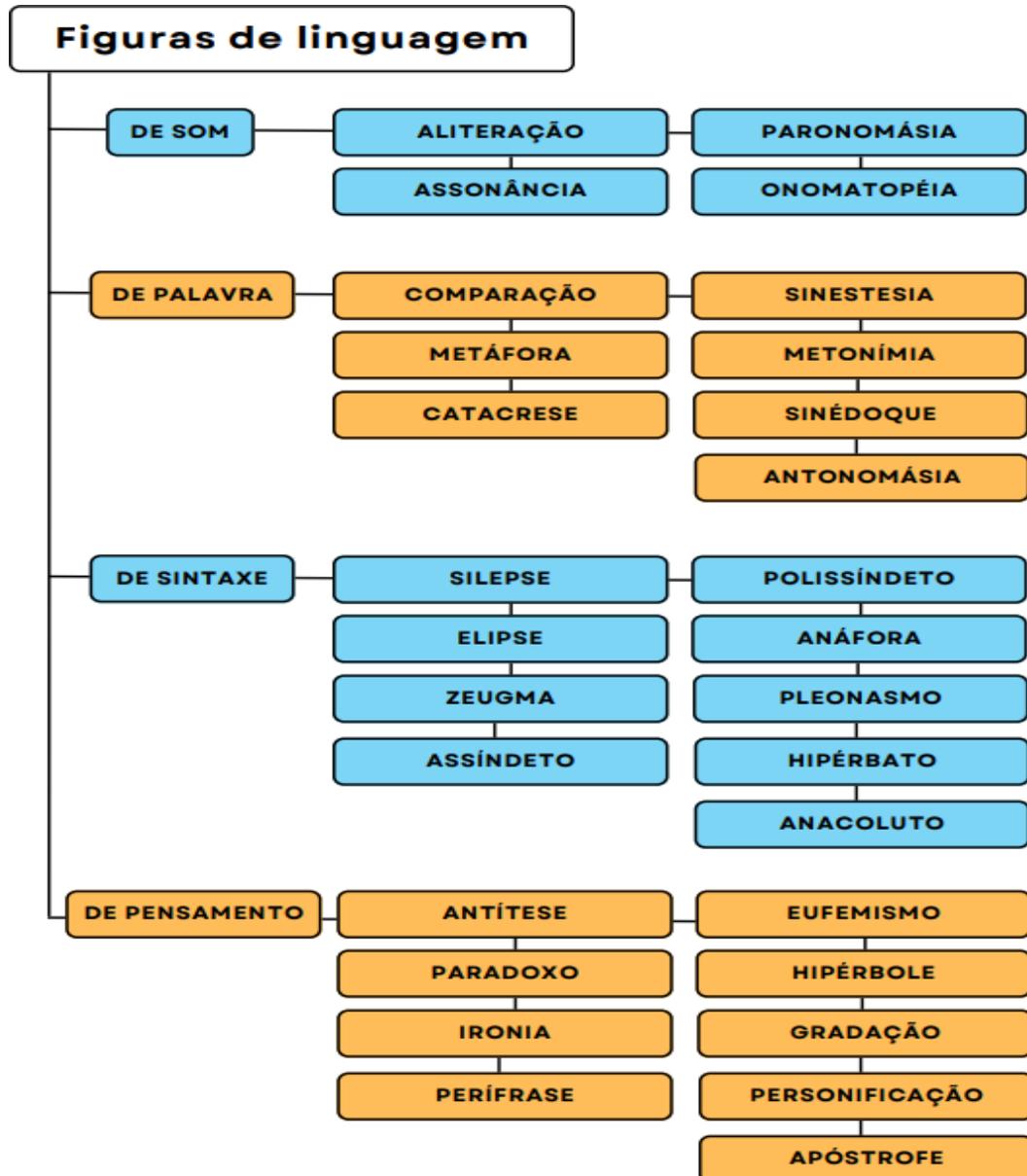
Fonte: Elaborado pela autora - baseado em Cherubim (1989).

Guimarães e Lessa (1988) referem a figuras de linguagem como modo de dizer diferente do comum, recursos que enfatizam as sensações, servindo para expressar aquilo que a linguagem comum aceita por todos não consegue expressar satisfatoriamente. Ou seja, são uma forma do ser humano assimilar e expressar experiências diferentes, desconhecidas, novas.

Revelam a sensibilidade de quem as produz.

Os autores classificam as figuras em 4 grupos, sendo: figuras de palavras(tropos), figuras de sintaxe ou de construção, figuras de pensamento, figuras de som ou de harmonia, conforme quadro abaixo:

Figura 4: Principais Figuras de Linguagem – Guimarães e Lessa



Fonte: Elaborado pela autora – baseado em Guimarães e Lessa (1988).

Considerando as informações apresentadas, fica evidente a existência de uma grande variedade de classificações relacionadas às figuras de linguagem. No entanto, é importante destacar que a classificação mais amplamente adotada em gramáticas e livros didáticos se baseia nos princípios estabelecidos por Guimarães e Lessa (1988). Na próxima

seção será discutido uma nova classificação proposta por parte da pesquisadora.

2.2.4 *Um novo olhar acerca das Figuras de Linguagem*

A dificuldade em abordar o tema das Figuras de Linguagem na literatura atual é notável devido à falta de consenso na terminologia utilizada. Isso começa com a própria designação geral para o tópico, já que diversas nomenclaturas são empregadas de forma variada e, por vezes, contraditória. Entre as várias terminologias usadas, encontram-se expressões como "figuras de estilo", "figuras de estilística", "figuras de retórica", "figuras de palavras", "figuras de sintaxe", "figuras de harmonia", "figuras de morfologia", "figuras de construção", "figuras de colocação", "figuras de concordância", entre outras.

Neste estudo, optamos por utilizar a expressão "figuras de linguagem" devido à sua ampla presença e aceitação nas literaturas consultadas como: "Figuras de Linguagem" (BRANDÃO, 1989), "Dicionário de Figuras de Linguagem" (CHERUBIM, 1989), "Figuras de Linguagem: Teoria e Prática" (GUIMARÃES e LESSAS, 1988), em livros didáticos de ensino fundamental e médio, bem como nas gramáticas da língua portuguesa. Isso permite estabelecer uma base comum e facilitar a compreensão do tema, dada a sua recorrência na literatura educacional.

Todavia, ainda mais preocupante que a abundância de terminologias, são as definições desconexas, que podem ser um obstáculo para o ensino, dentre estas podemos citar de alguns autores de livros didáticos consultados, como: Cereja; Magalhães (2013); Amaral (2013); Cereja; Vianna; Damien (2016), Ormundo e Siniscalchi (2018) e Ramos (2013) e ainda Brandão (1989). Para tais autores, o conceito de figura de linguagem reside na linguagem figurada, sendo, puramente conotativa. Ou seja, discentes ou leitores que aprendem (ou desaprendem) que as diferentes possibilidades de emprego conotativo das palavras constituem um amplo conjunto de recursos expressivos a que se dá o nome geral de "figuras de linguagem".

Antes de continuar a reflexão de que todas as figuras de linguagem são essencialmente embasadas na linguagem figurada – conotativa e não literal, lembrando que essa afirmativa trazida por vários autores será refutada, é indispensável trazer alguns termos que correlacionam a esse tema abordado, sendo: signo linguístico, sentido denotativo, sentido conotativo, sentido figurado e sentido literal.

Segundo Orlandi (1986), o signo linguístico refere-se a um conjunto de sinais usados pelos indivíduos para se comunicar. Contudo, para Saussure (1995), o signo linguístico se divide em duas distintas partes: significante e significado. O significado é um conceito, e o

significante é a representação mental que fazemos de um som (no caso das línguas orais), ou um conjunto de gestos (no caso das línguas de sinais) (VIOTTI, 2008).

É extensa a gama de variações possíveis nas formas de interação entre significante e significado; as teorias das Figuras de Linguagem tentam organizar as múltiplas relações entre eles, procurando, ao mesmo tempo, explicitar a lógica que as determina (BRANDÃO, 1989).

Após as considerações acima apontadas, passemos para os conceitos de sentido denotativo e sentido figurado. Garcia (2000) aponta que denotação é o componente estável da significação de uma palavra, elemento não subjetivo, ou seja, são os elementos reais que o emprego do símbolo abarca, sentido literal. A conotação, no entanto, é constituída pelos componentes subjetivos, que variam segundo o contexto; é o conjunto de propriedades que devem ser atribuídas ao conceito indicado pelo símbolo, manifestação da linguagem em seu sentido figurado. Assim sendo, a denotação se identifica com a extensionalidade, e a conotação com a intencionalidade [...] do conceito (FILHO, 2016).

Diante do exposto, compreende-se que a conotação, ou o sentido figurado, relaciona-se com a subjetividade, com as emoções, com as intenções do falante, ou seja, seria uma espécie de sentido que gera sentidos outros, os quais não se relacionariam com o chamado sentido “real”, concreto, visível, tangível da palavra. Já a denotação é antagonista do que foi posto, estaria, então, intimamente relacionada com o chamado sentido “real”, concreto, visível, tangível da palavra; seria, praticamente, o sentido oriundo dos dicionários (FILHO, 2016).

De acordo com Amaral *et al.* (2013) o sentido conotativo ou conhecido como figurado é um sentido particular e especial que a palavra adquire em função de um contexto específico em que ela é usada. As diferentes possibilidades de emprego conotativo das palavras constituem um amplo conjunto de recursos expressivos chamados de figuras de linguagem.

A noção de linguagem figurada ou sentido figurado vem sempre ligada à pressuposição de que existem maneiras ‘simples’, ‘comuns’, ‘naturais’ e ‘correntes’ de se expressar, ou seja, que mostra as coisas como elas são, em oposição às quais se torna reconhecível e apreciada. (BRANDÃO, 1989)

Para Ramos (2013), os estudos sobre o sentido figurado buscaram estabelecer as múltiplas relações entre significantes e significados nas Figuras de Linguagem e esclarecer que tipo de lógica rege essas relações. Embora as implicações dessa organização sejam diversas, em geral mostram um traço comum a todas as figuras: a opacidade. Opaco é antônimo de transparente. Ao denominar a linguagem figurada de opaca, os pesquisadores evidenciam duas tendências das figuras.

A primeira, é se deixar perceber, predominantemente, como linguagem; quanto mais se

interpela pelo sentido denotativo, menos a linguagem é percebida, porque se torna “automatizada”. As Figuras de Linguagem, por associarem sentidos inusitados aos enunciados, exigem uma atenção nova para a construção de sentidos. Nesse momento, a linguagem é lembrada e se torna densa, opaca.

A segunda, é o fato de o sentido figurado, ao mesmo tempo, revelar a materialidade da linguagem – sua sonoridade, sua musicalidade, seu movimento do corpo – e a capacidade do ser humano de, a partir dessa materialidade, construir imagens – e assim recuperar, na sua imaginação, a existência real das coisas. Daí as manifestações do sentido figurado serem chamadas de Figuras de Linguagem.

A linguagem figurativa requer, antes de tudo, que identifiquemos alguma entidade que distinga a linguagem figurada da linguagem não figurada ou literal. E esta é uma tarefa mais complexa do que se possa imaginar. Para começar, parece haver um ciclo circular de raciocínio envolvido nas avaliações de muitos falantes: por um lado, eles sentem que a linguagem figurada é especial ou artística e, por outro lado, sentem que o fato de algo ser um uso cotidiano é em si evidência de que o uso não é figurativo.

Há muitas razões para questionar essa visão e separar os parâmetros de convencionalidade e de uso cotidiano da distinção entre literal e figurado. Uma delas é a mudança histórica de significado: os linguistas históricos, há muito, reconhecem que algumas mudanças de significado são metafóricas ou metonímicas.

Ariel (2002) assume a posição de Lee (1990), para quem as palavras se tornam mais polissêmicas em função de sua idade e de sua frequência. As palavras tendem a integrar em seus sentidos literais alguns sentidos derivados contextualmente ao longo de sua história.

Honeck e Hoffman (2020), no livro *Cognition and Figurative Language*, conceituam a linguagem figurada como o uso do sentido conotativo, metafórico ou subjetivo da linguagem, é aquela que proporciona interpretações abstratas que vão além do sentido literal das palavras e das definições que aparecem nos dicionários. A linguagem figurada é usada para dar mais expressividade ao discurso, para tornar mais amplo o significado da palavra. Além disso, serve para criar significados diferentes ou quando o interlocutor não encontra um termo adequado para o que deseja comunicar.

Podemos dizer, baseado em Dancygier e Sweetser (2012), que o Sentido Figurado significa que um uso é motivado por uma relação metafórica ou metonímica com algum outro uso, um uso que pode ser rotulado como literal. E literal não significa 'uso cotidiano, normal', mas 'um significado que não depende de uma extensão figurada de outro significado.

Como supracitado, para pensar um significado como figurado, precisamos pensar que

existe algum significado literal a partir do qual ele é "estendido" por alguma relação figurada. Linguagem figurada entendida aqui como linguagem metafórica é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra (LAKOFF e JOHNSON, 1980)

Partindo dessa premissa, a linguagem figurada está diretamente relacionada à linguagem conotativa e, diante dessa afirmativa, há um equívoco ao afirmar que as figuras de linguagem são recursos expressivos baseados no uso das palavras e expressões em sentido figurado.

Notadamente, é esta a noção que tem sustentado a abordagem das figuras, e que ainda se encontra amplamente difundida em materiais de ensino de línguas, tais como gramáticas, livros didáticos e dicionários, a noção de que as figuras de linguagem estão enraizadas na linguagem figurativa ou linguagem conotativa, percebe-se que há figuras que têm, em sua essência, o emprego da linguagem literal ou sentido literal.

Do exposto até aqui, depreende-se que as figuras de linguagem em sua totalidade não podem ser enquadradas numa sistemática de natureza conotativa figurativa. Para Fiorin (2014), o contrário de sentido figurado é o sentido literal.

Muitas são as discussões sobre a questão do sentido literal e as divergências sobre o tema. Assumimos, contudo, que o sentido literal nada mais é que um sentido básico que se entende quando se usa a língua em situações naturais (MARCUSCHI, 2008), assim, o sentido literal está em oposição ao sentido figurado. Não se trata do sentido dicionarizado, não está vinculado à forma automatizada das palavras, pois elas podem ter vários sentidos literais. O sentido é um efeito do funcionamento da língua e não uma simples propriedade inerente ao item lexical como tal.

Arial (2002) define que o sentido literal (SL) foi tido originalmente como codificado, composicional, contextualmente invariante, sentencial e vericondicional (condição significativa para identificar a verdade dos enunciados). Seria, segundo a autora: automático, obrigatório, normal – contrário de fortuito, não marcado, não figurativo. Sugere ainda, três aspectos pelos quais o SL poderia ser tomado como básico ou mínimo: seriam eles: linguisticamente (que se acha inscrito nos usos comuns, dicionarizados); psicolinguisticamente (que se dá como aquele que surge pelos usos intencionais); internacionalmente (que ocorre nos processos interativos negociadamente).

Assim, se um dos aspectos centrais da noção de SL supracitado é sua invariância contextual, sendo que sua essência estaria no conhecimento linguístico dos itens lexicais e de suas regras linguísticas de combinação, isto já não é mais tão seguro. O SL não pode ser mais tido simplesmente como aquilo que é dito, completamente determinado, explícito e convencional. É por isso que há uma discussão entre os estudiosos sobre a não possibilidade

distinção entre sentido literal e sentido figurado da maneira tradicional, já que o SL requer um suporte contextual (tal qual o sentido figurado); o processamento do SL é, por vezes, inferencial e do sentido figurado é automático em muitos casos – isso sugere que é até mais fácil lidar com o sentido figurado); as formas linguísticas não estão obviamente classificadas entre sentido literal e sentido figurado e vale ressaltar que tal como Searle (1978) citado por Marcuschi (2008) muitos enunciados tomados em sentido literal exigem contextos para sua interpretação.

Para compreender melhor esse conceito, consideremos a frase "A porta está aberta". Quando nos deparamos com essa afirmação descontextualizada, nossa percepção inicial tende a ser a de um objeto físico que permite a entrada e saída de um lugar obstáculos. No entanto, essa frase pode adquirir significados distintos dependendo do contexto em que é empregada.

Imaginemos a seguinte situação: um professor ministra uma aula e um grupo de alunos interrompe com barulho, conversas constantes e desatenção ao conteúdo. O professor repreende os alunos, pede silêncio, mas, mesmo após alguns minutos, a perturbação persiste. Nesse momento, o professor interrompe a aula, chama os alunos e declara: "A porta está aberta!" Agora, o significado transcende a simples descrição física; representa um pedido para que os alunos deixem a sala. Esse é um contexto onde a frase assume um significado completamente distinto do sentido anterior.

Analisemos outro contexto: durante a aula, a porta está aberta e alguém para do lado de fora, demonstrando curiosidade. O professor, de maneira amigável, se dirige a essa pessoa e comenta: "A porta está aberta" (possivelmente acompanhado de um gesto convidativo). Nesse caso, percebemos uma significação diferente: o professor não está pedindo para a pessoa sair, mas sim convidando-a a entrar e participar da aula.

Esses exemplos ilustram como o Sentido Literal empregado, no caso do significado de uma frase como "A porta está aberta" é moldado pelo contexto em que é empregada. Fica evidente que o SL requer um suporte contextual para a criação e interpretação dos sentidos.

Através dessa pesquisa constatamos que existem figuras de linguagem onde ocorre alteração de sentido, ou seja, aquelas que se comportam como linguagem figurada (aqui nomeadas de Figuradas), também chamadas na retórica de Tropos, e aquelas que não se comportam como linguagem figurada (denominadas aqui de Não Figuradas).

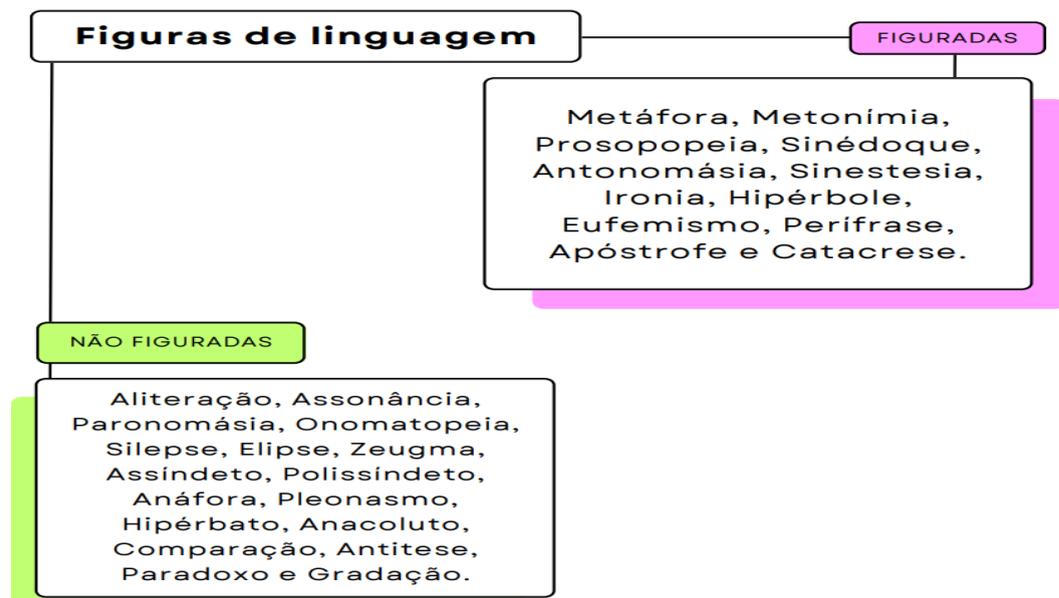
Figuras de linguagem Figuradas são aquelas que, de acordo com Fiorin (2014), é o mesmo que Tropos, ou seja, direção, maneira, mudança, alteração de sentido da palavra conseqüentemente sentido figurado/conotativo, sendo a partir de um significado literal ele é 'estendido' por alguma relação figurada. É a alteração de significado, é o sentido não literal. É uma expressão lexical usada em um significado considerado 'não literal' ou ainda, considerando

linguagem figurada como metafórica, as figuras de linguagem figuradas são uma reconceitualização de um domínio (o alvo) em termos de outro (a fonte) (DANCYGIER; SWEETSER 2012).

As figuras de linguagem ‘Não figuradas’ são ações enunciativas utilizadas para intensificar e, conseqüentemente, para abrandar o sentido. O emissor, objetivando avivar ou atenuar o sentido, utiliza-se das figuras como adjunção ou repetição com conseqüente aumento do enunciado, supressão com a natural diminuição do enunciado; a transposição dos elementos, ou seja, troca de seu lugar no enunciado; e a mudança ou troca de elementos, o que quer dizer que elas não provoquem efeitos especiais quando usadas (FIORIN, 2014), ou seja, a movimentação no nível fonológico, morfológico, sintático e semântico causa efeitos tanto quanto as figuras de linguagem que lançam mão da linguagem figurada.

A partir dessa afirmativa que se passa a cogitar na conciliação do critério de ser ‘Figurada’ e ‘Não Figurada’ existente, admitindo que nada de novo é estabelecido, mas apenas se atinge uma esquematização situada em razoáveis níveis de coerência, tendo como meta primordial a de chegar a um sistema que seja simples e coerente, sem deixar de ser abrangente. Foi desse conceito de “Figurado” que partimos para tentar uma classificação para as figuras de linguagem, propondo, assim, uma macro organização baseada na definição de ‘Figurado’ ou ‘Não Figurado’ que as figuras se relacionam.

Figura 5: Figuras de linguagem - Macrodivisão



Fonte: Elaborado pela autora, baseado na pesquisa

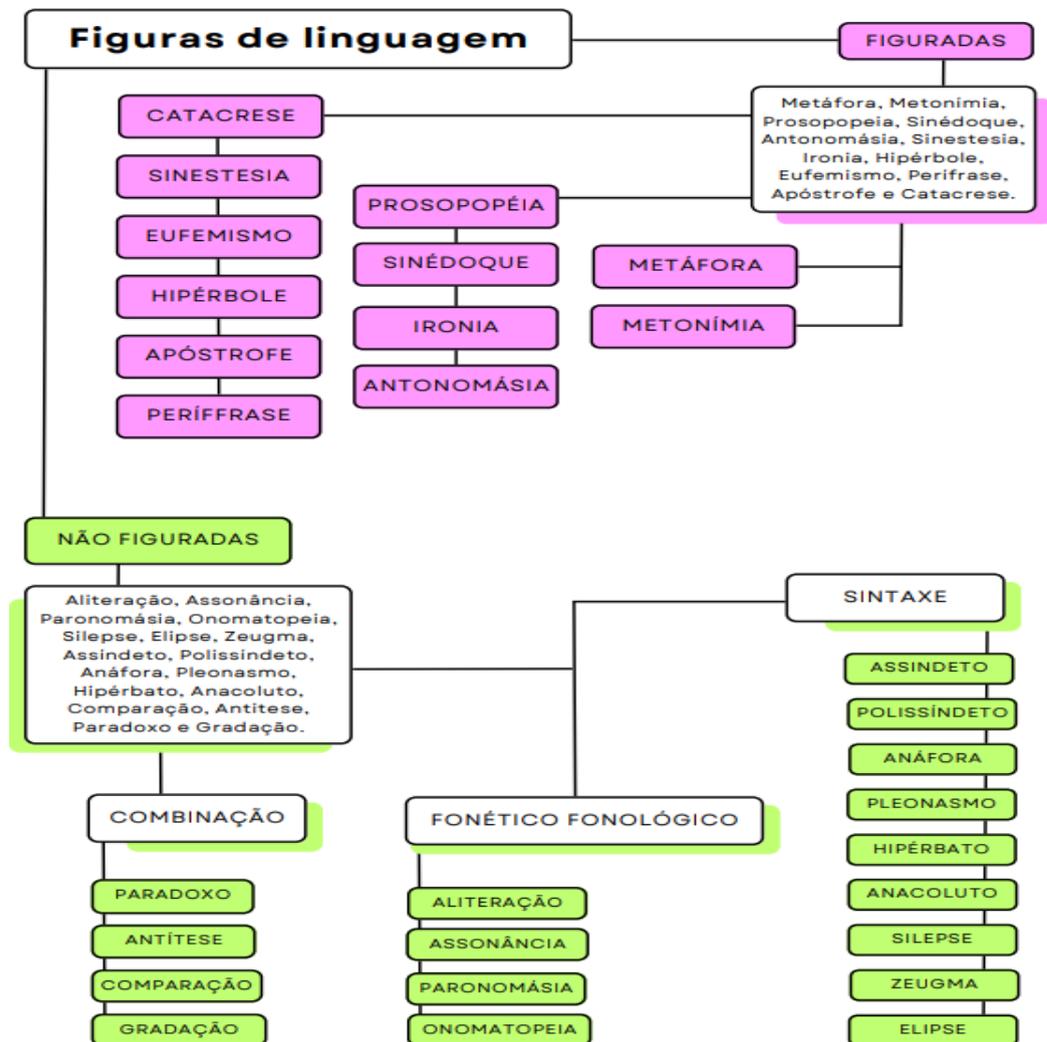
Portanto, a primeira divisão proposta é de dois grupos, sendo eles: Figurativos e Não figurativos.

As figuras de linguagem figuradas são recursos expressivos que consistem no uso de palavras em sentido figurado, onde há alteração de sentido, ou seja, aquelas que têm como base e ou comportamento a linguagem figurada. É a criação de um significado a partir da reconceitualização de um domínio em termos de outro. Consiste em atribuir a um termo o significado de outro termo, estabelecendo uma relação de semelhança ou de analogia. São elas: Metáfora, Metonímia, Prosopopeia, Sinédoque, Antonomásia, Sinestesia, Ironia, Hipérbole, Eufemismo, Catacrese, Perífrase e Apóstrofe.

Já as Não Figurativas são aquelas que não se comportam como linguagem figurativa, compreendendo as que comportam como sentido literal em nível fonético fonológico, sintático, imagístico/pensamento. São maneiras de falar distantes daqueles naturais e ordinárias (BRANDÃO, 1989), são: Aliteração, Assonância, Paronomásia, Onomatopeia, Silepse, Elipse, Zeugma, Assíndeto, Polissíndeto, Anáfora, Pleonasma, Hipérbato, Anacoluto, Comparação, Antítese, Paradoxo e Gradação.

Em resumo, a proposta não se configura inovação, entretanto se presta a agrupar as figuras de linguagem em quatro grupos, ligados a outros tantos níveis, planos ou estratos através dos quais o discurso se realiza, ou seja, o fonético fonológico, o sintático, o figurado e, também, as possíveis combinações, pois muitas delas podem ser enquadradas em mais de um grupo. Neste caso, para efeito de classificação, deve-se optar por aquele em cujo âmbito assumam posição mais definida ou adequada. Das considerações feitas, a figura 6 ilustra a proposta de classificação sugerida:

Figura 6: Figuras de linguagem – nova classificação



Fonte: Elaborado pela autora, baseado na pesquisa.

Portanto, a classificação definida através dessa pesquisa é: as figuras de linguagem são divididas em dois macrogrupos sendo denominados de ‘Figuradas’ e ‘Não Figuradas’. As não figuradas se dividem em: figuras ‘Fonético-fonológicas’, de ‘Sintaxe’ e de ‘Combinação’.

As formas da língua existem para construir sentidos e, por esse motivo, as figuras são ações enunciativas para intensificar, criar o sentido de determinado componente do discurso. São “mecanismos de construção do discurso” (PIRES-DE-MELO, 1997).

Nesta pesquisa, ponderamos sobre a necessidade de incluir uma definição importante que é a ‘Figuratividade’. Ao discorrer sobre linguagem figurada, não há dúvida que o uso de uma palavra com o significado de outra, motiva extensões convencionais de significados de palavras e vínculos figurativos que são amplamente usados para moldar os vocabulários das línguas, criam uma espécie de moldura ou figuras mentais, que são usadas para dar mais expressividade, mais beleza, mais persuasão ao discurso, como exemplo, o eufemismo que é

uma das figuras de linguagem classificada no grupo das ‘Figuradas’ que é a substituição de uma palavra ou de uma expressão para suavizar ou atenuar intencionalmente o seu significado, claramente, percebe-se a Figuratividade no discurso citado.

O enunciado que utiliza figuras de linguagem ‘não figuradas’ também causa o mesmo efeito no receptor sem lançar mão da linguagem figurada, isso se dá pela movimentação a nível fonético, fonológico, sintático e outros causando um sentido.

Figuratividade é o sentido do enunciado, é o que provoca o efeito do sentido, é o construir, conscientemente, a busca da materialização de uma realidade simbólica, é a capacidade de produzir significação análoga a experiência concreta. Segundo Silva (1990) a figuratividade é responsável pela disposição que faz significar o discurso em todos os níveis do percurso gerativo do sentido, conforme o sentido se constrói. Ou seja, fontes figurativas de polissemia lexical se enquadram em várias categorias, o foco em construções predicativas distorce muitos fatos linguísticos. Para uma análise linguística aprofundada do uso figurativo, precisamos olhar sistematicamente para uma variedade de construções e de significados figurativos. É a propriedade de produzir e restituir parcialmente significações análogas às de nossas experiências perceptivas mais concretas (BERTRAND, 2003).

Não se pode limitar o conceito de Figuratividade apenas ao uso de linguagem figurada, é claro que as figuras de linguagem figuradas não são as únicas motivações para o uso figurativo. Nesse contexto, podemos dizer que a polissemia - a relação entre múltiplos significados convencionais relacionados de uma única palavra - é muitas vezes de natureza figurativa (DANCYGIER E SWEETSER, 2012). A função é articular, transformar o mundo exterior em significação.

A figuratividade ou figuração (HANSEN, 2014) é um conceito fundamental na análise estilística e na compreensão da linguagem. Refere-se à capacidade da linguagem de criar imagens mentais e representações simbólicas através do uso de figuras de linguagem.

As figuras de linguagem são recursos estilísticos utilizados para expressar ideias de maneira não literal e literal, acrescentando camadas de significado e tornando a comunicação mais vívida, expressiva e impactante. Elas desempenham um papel essencial na criação de efeitos estéticos e na transmissão de emoções.

A figuratividade desempenha um papel importante na criação de significados e na expressividade do texto. Ao usar figuras de linguagem, os escritores e oradores podem despertar a imaginação do público/receptor, criar associações e transmitir significados de forma mais profunda e impactante. As figuras de linguagem são amplamente utilizadas na literatura, na poesia, na publicidade e em várias formas de comunicação.

Além disso, a figuratividade está intrinsecamente ligada ao pensamento simbólico e à capacidade humana de criar e interpretar significados. Ela permite que a linguagem vá além de sua função meramente informativa, tornando-se uma ferramenta de expressão criativa, artística e estilística.

Em suma, a figuratividade representa a habilidade inerente à linguagem de gerar imagens mentais e construir representações simbólicas, valendo-se da utilização de recursos conhecidos como figuras de linguagem. Essas figuras contribuem para a expressividade, a estética e a profundidade da comunicação. Para Guiraud (1978), figuratividade é o efeito de sentido produzido pelos recursos estilísticos, no caso, as figuras de linguagem. E podem, ainda, serem utilizadas para despertar a imaginação do leitor, criar associações e transmitir sentimentos de uma forma mais impactante. A figuratividade desempenha um papel central nas diversas formas de expressão, permitindo a criação de significados além do sentido.

Tanto as figuras de linguagem pertencentes ao grupo das 'Figuradas' quanto as pertencentes ao grupo das 'Não Figuradas' fazem associações, seja de sentido figurado ou pela movimentação das palavras no enunciado, criando uma espécie de figura mental ou moldura dentro da qual as pessoas vão acessar. Esse fenômeno, portanto, fica associado a algum sentido, a alguma ideia, e essas associações estão longe de serem neutras, as escolhas pelas figuras de linguagem A, B ou C são intencionais.

É necessário incluir uma gama mais ampla de relações no que tange à definição de figuratividade. Existem duas áreas principais onde a pesquisa justifica tal ampliação; numa área estão determinadas classes de mistura e na outra estão os usos figurativos de construções gramaticais.

Sobre a mistura figurativa, considera-se a discussão de Fauconnier e Turner (2002) que rotulam o processo envolvido nesta combinação de interpretações; seria a combinação (ou mistura) de situações, o arranjo das palavras não é metafórico, metonímico ou hiperbólico - ainda assim, não é literal. Requer uma reconfiguração imaginativa. Tanto a composição do significado literal em um enunciado quanto a metáfora são subcasos de integração ou de mistura conceitual, cabe, então, estender a definição de figuratividade para incluir combinações não metafóricas de elementos de diferentes cenários para criar um novo cenário que não seja uma instância de nenhum dos dois. O que é importante para todos esses casos é a maneira pela qual a 'combinação' ocorre e recombina conceitos estruturando palavras, expressões maiores, situações, contextos, ponto de vista, aspecto sociocultural e outros para produzir novas conceituações.

Outra área em que os estudiosos, tradicionalmente, não falam sobre o uso figurativo/

figuratividade é em seus tratamentos de significados estendidos de construções gramaticais. Goldberg (1995) observou que essa construção é igualmente aplicável a ‘trocas’ metafóricas, como a comunicação linguística, onde não há nada literalmente dado ou recebido construções gramaticais, assim como as palavras frequentemente carregam usos figurativos estendidos. Construções gramaticais, como palavras, têm redes de significados relacionadas por muitos dos mesmos princípios, que (tanto para palavras quanto para construções) licenciam relacionamentos entre significados convencionais, assim como novas extensões para novos usos. As construções gramaticais são cruciais para induzir interpretações figurativas, mesmo quando não queremos dizer que as próprias construções são usadas figurativamente.

Como forma de exemplificar a figuratividade por construções gramaticais presente nas figuras de linguagem ‘Não Figuradas’, podemos citar a Anáfora, uma figura de sintaxe que compreende a repetição intencional de uma palavra ou grupo de palavras, no início de duas ou mais frases sucessivas, a fim de enfatizar o termo repetido (CEREJA, VIANNA e DAMIEN, 2016). Em um primeiro momento, pensa-se na repetição de uma palavra no sentido literal, porém essa repetição da palavra/sinal considerada como uma movimentação de ordem sintática pode configurar uma estratégia para provocar uma maior expressividade, sugere insistência de ocorridos, pode ser uma forma de intensificar intencionalmente o significado do sentimento do emissor, ou seja, a figuratividade pode ser percebida então, quando a repetição de palavras ou expressões no início da frase estabelece uma representação mental ou figura mental que direciona o acesso das pessoas criando assim um novo sentido ou significado inusitado.

Percebe-se, então, que essa construção gramatical mencionada se afasta das estruturas regulares ou comuns, porém, intencionalmente, reiterar (repetir) os sinais em duas ou mais orações visam transmitir à frase mais concisão, convencimento, insistência, progressão, harmonia, expressividade ou até mesmo elegância (CEGALLA 2002), ou seja, geram significados estendidos. A anáfora, figura de linguagem aqui observada, mostra-nos que é um recurso expressivo da língua que estende e ou intensifica o significado da palavra ou expressão.

2.2.5 Classificação das figuras de linguagem

Nesta seção será apresentado um panorama reflexivo sobre a classificação das figuras de linguagem, primeiro acerca das figuras de linguagem figuradas e, em seguida, as figuras não figuradas.

2.2.5.1 Figuras de Linguagem Figuradas

As figuras de linguagem figuradas consistem na mudança de significado das palavras ou expressões, ou seja, é o emprego ou a substituição de um termo em sentido diferente daquele em que esse termo é, convencionalmente, empregado, isto é, no sentido figurado, simbólico de uma palavra por outra, quer por uma relação muito próxima (contiguidade) quer por associação, comparação ou similaridade. Consiste em atribuir a um termo o significado de outro termo, estabelecendo uma relação de semelhança ou de analogia.

Quadro 1: Figuras figuradas

	FIGURAS FIGURADAS
Metáfora	É a figura de linguagem em que se dá a substituição da significação natural de uma palavra por outra, por intermédio de uma relação de semelhança subentendida.
Catacrese	É a aplicação de um termo figurado por falta de outro termo próprio ou apropriado.
Sinestesia	É quando há evocação de impressões sensoriais através de palavras, permitindo a fusão de sensações visuais, olfativas e auditivas.
Metonímia	É quando a palavra é empregada em lugar de outra que sugere, ou seja, em vez de uma palavra, emprega-se outra com a qual tenha qualquer relação por dependência de ideia.
Sinédoque	É um tropo imperfeito porque não oferece uma real e perfeita translação de sentido, mas tão somente uma simples extensão do sentido vocabular, baseada em relação de continuidade, de vizinhança ou de coexistência para alargar ou restringir a significação normal das palavras.
Antonomásia	É a substituição de um nome por outro, entre comum e próprio, ou substituição de um nome por uma perífrase.

Silepse	É a figura pela qual a concordância das palavras se faz de acordo com o sentido e não segundo as regras gramaticais.
Ironia	É quando é dito o contrário do que se pensa, com intenção sarcástica, em dizer o contrário do que se está pensando ou sentindo.
Perífrase	É quando substituir uma palavra por uma série de outras, de modo que estas se refiram àquela indiretamente.
Eufemismo	É quando se atenua o sentido rude ou desagradável de uma palavra ou expressão, por meio da substituição por outra de sentido agradável ou menos chocante.
Hipérbole	É a figura que engrandece ou diminui exageradamente a verdade das coisas.

Fonte: Elaborado pela autora, baseado na pesquisa e conceitos segundo Guimarães e Lessa (1988).

2.2.5.2 Figuras de Linguagem Não Figuradas

As figuras de linguagem não figurativas consistem em recursos enunciativos empregados para intensificar ou, ao contrário, suavizar o sentido. O emissor, com o objetivo de realçar ou atenuar o sentido, recorre a figuras como a adjunção ou repetição para expandir o enunciado, a supressão para reduzi-lo naturalmente, a transposição dos elementos ao trocar suas posições no enunciado e a mudança ou substituição de elementos. Embora essas figuras não empreguem linguagem figurada, não significa que não provoquem efeitos especiais ao serem usadas. Ou seja, a manipulação nos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico gera impacto tão significativo quanto as figuras de linguagem que se valem da linguagem figurada.

As figuras de linguagem não figurativas, ou seja, lançam mão do sentido literal das palavras, tratam dos valores expressivos de natureza fonética fonológica observáveis nas palavras e nos enunciados.

Nas línguas orais, são conhecidas como figuras de som, sendo que essas causam efeitos na linguagem quando há repetição de sons ao longo de uma frase, de uma oração ou de um texto, ou ainda quando se procura imitar ou reproduzir os barulhos e sons produzidos pelas coisas ou seres (GUIMARÃES e LESSA, 1988), por isso, esses autores as nomeiam como Figuras de harmonia.

As figuras de som também são chamadas de Figuras de dicção, dizem respeito à oralidade, ou às particularidades fônicas do texto, caracterizadas por alteração na pronúncia ou na estrutura das palavras (PIRES-DE-MELO, 2001). Figuras de som são assim denominadas as figuras de linguagem cujos efeitos produzidos relacionam-se aos sons das palavras (LOPES, 2010).

As figuras de som tratam dos valores expressivos de natureza sonora observáveis nas palavras e nos enunciados. Os sons da língua – como outros sons dos seres e das coisas – podem provocar uma sensação de agrado ou desagrado e ainda sugerir ideias, impressões. O modo como o enunciador profere as palavras da língua pode, também, manifestar estados de espírito ou traços da sua personalidade (MARTINS, 1997). As figuras que exploram relações de som e de sentido baseiam-se no princípio de que os sons semelhantes correspondem a sentidos semelhantes, algo que estaria implícito na consciência do enunciador (BERGAMIN; BÁRBARA; MARTINS; BARRETO, 2013).

As figuras sonoras podem ser pensadas como a valorização daquilo que há de musical numa língua. Mas, sendo mais abrangente, essas figuras podem evocar a língua por suas características pertinentes ao universo sonoro, que reúne não só o musical como também o ruído, o barulho ou, resumidamente, o que é audível (GUIMARÃES; LESSA, 1988).

Entende-se, então, que em determinadas situações, os falantes sentem a necessidade de explorar sons para produzir efeitos de sentido. O uso frequente de alguns desses efeitos sonoros acaba por fazer com que tais efeitos passem a designar figuras de linguagem específicas, chamadas de figuras sonoras ou de som. As principais figuras de som aqui indicadas são: aliteração, assonância, paronomásia e onomatopeia (ver figura 4).

Pensando nas figuras de som no contexto de línguas de sinais, há uma diferença marcante que é chamada de modalidade. Isto é, enquanto as línguas orais são produzidas pela articulação vocal e percebidas pelo ouvido, as línguas de sinais são produzidas por movimentos corporais que são percebidos visualmente. Tal diferença reside no canal de comunicação que, muitas vezes, é considerada ser a causa última das diferenças estruturais entre as línguas orais e gestual.

Portanto, ao se tratar das línguas embasadas na modalidade visual espacial motora, as figuras fonético-fonológicas não exploram os sons, as vias dessa modalidade, mas se fundamentam nos parâmetros fonético-fonológicos da Libras, sendo: configuração de mão, movimento, localização, orientação da mão (LIDDELL e JOHNSON, 2000) e expressões não manuais. O estudo fonético-fonológico das línguas de sinais inclui a produção e a percepção de sinais manuais e não manuais.

As figuras de linguagem fonético-fonológicas das línguas de sinais utilizam vários articuladores, como mãos, corpo, expressões faciais, olhos, boca (articulação – boca, gestos-boca), cabeça movimento, entre outros. Pfau e Quer (2010) enfatizam que além das mãos, o corpo, a cabeça e a face também desempenham papéis importantes e complexos na gramática das línguas de sinais. Os marcadores não-manuais, incluindo expressões faciais, são divididos em regiões superior e inferior do rosto, cada uma relacionada a diferentes aspectos sintáticos e morfológicos. Estudos indicam que, durante a comunicação em línguas de sinais, os sinalizantes direcionam sua atenção principalmente para o rosto, onde informações gramaticais essenciais são codificadas de forma não-manual (SIPLÉ, 1978 e SWISHER *et al*, 1989 apud PÊGO, 2021).

Como mostra a figura a seguir, esse tipo de figura de linguagem pode acontecer por repetição, combinações, semelhança, harmonia dos parâmetros fonéticos fonológicos.

Quadro 2: Figuras fonético-fonológicas

FIGURAS DE LINGUAGEM FONÉTICO-FONOLÓGICAS	
Aliteração	É conhecida também por Figura de harmonia (efeitos provocados pelas combinações sônicas) equivalente à incidência reiterada de fonemas consonantais idênticos.
Assonância	É a sequência de palavras ou sílabas semelhantes, mas não idênticas. Conformidade ou aproximação fonética entre vogais tônicas de palavras diferentes.
Paranomásia	É o emprego de palavras semelhantes no som, mas diferente no sentido.
Onomatopeia	É a figura que consiste no emprego da palavra ou conjunto de palavras que representam um ruído ou som, cuja pronúncia imita o som da coisa significada.

Fonte: Elaborado pela autora, baseado na pesquisa e conceitos segundo Guimarães e Lessa (1988).

2.2.5.3 Figuras de sintaxe

As figuras de sintaxe estão dentro da categoria não figurativas e derivam de alterações na maneira convencional de construir a frase. Isso pode ocorrer por quebra da ordem direta, por omissão, por repetição de termos e por outros recursos da mesma espécie (PIRES-DE-MELO, 1997).

As figuras de sintaxe também são conhecidas como Figuras de Construção (CHERUBIM, 1989), são assim denominadas as construções que se desviam da norma ditada pela gramática normativa da língua. São utilizadas para dar mais expressividade, clareza e elegância à produção (LOPES, 2010).

Segundo Guimarães e Lessa (1988), as figuras sintáticas ou de construção correspondem a ‘desvios’ em relação à concordância entre os termos da frase, da oração em que estes termos aparecem, ou ainda a possíveis repetições ou omissões de termos.

Para Brandão (1989), as figuras de sintaxe consistem em apresentar uma ordem peculiar dos elementos do discurso, embora haja uma contraposição a uma ordem ideal da normativa gramatical. São exemplos, a oposição, a apóstrofe, o parêntese, a interrupção, a repetição, a disjunção, a adjunção e outros. As figuras de construção são referentes à ordem das palavras e que se fazem por modificação da ordem, por aposição e por subentendimento (CHERUBIM, 1989).

Portanto, a construção de uma oração, por vezes, se afasta da estrutura gramatical a que se está habituada. Quando esse desvio da norma diz respeito à repetição de termos, ou a uma inversão dos termos na frase, ou a uma interrupção na estrutura da oração, este recurso expressivo é denominado de figura de sintaxe ou de construção. Este afastamento do habitual torna o texto mais expressivo (CAMPOS; CARDOSO; ANDRADE, 2010).

As figuras de sintaxe aqui destacadas são: anacoluto, assíndeto, elipse, hipérbato, pleonasma, polissíndeto, anáfora, silepse e zeugma (ver figura a seguir).

Quadro 3: Figuras de sintaxe

FIGURAS DE LINGUAGEM DE SINTAXE	
Elipse	É a omissão de um termo ou de uma oração que facilmente se pode subentender. É uma economia de palavras que torna o estilo conciso e elegante.
Zeugma	É a figura pela qual uma palavra expressa em determinada parte do período ou da frase, é, em outras partes, subentendida.
Assíndeto	É a ausência de conjunção coordenativa entre frases ou entre partes da frase.
Polissíndeto	É a repetição intencional do conectivo coordenativo, geralmente com a conjunção aditiva e, em maior número de vezes do que exige a ordem gramatical.

Anáfora	É a repetição de uma ou mais palavras no princípio de duas ou mais frases, ou de dois ou mais versos.
Pleonasm	É Quando se empregam palavras redundantes legitimamente, reforçando a expressão para conseguir impressionar o interlocutor eficazmente, conseguindo vigor e clareza na comunicação.
Hipérbato	É qualquer alteração na ordem direta. É, pois, a figura genérica no caso da transposição, sendo específica quando acusar inversão de orações no período.
Anacoluto	É a figura que consiste na mudança abrupta de uma construção. É conhecida também por frase quebrada.

Fonte: Elaborado pela autora, baseado na pesquisa e conceitos segundo Guimarães e Lessa (1988).

2.2.5.4 Figuras de Combinação

Nos modelos de classificação trazidos e discutidos por essa pesquisa, as figuras de linguagem agora nomeadas por figuras de combinação, eram chamadas de figuras de pensamento porque, segundo os autores, essas figuras se realizam no plano imaginativo, de pensamento ou da idealização subjetiva do texto.

As figuras de pensamento são processos estilísticos que se realizam na esfera do pensamento, no âmbito da frase. Nelas, intervém fortemente a emoção, o sentimento, a paixão (CEGALLA, 2002).

As figuras de pensamento consistem em certos giros de pensamento independente de sua expressão; fazem-se por imaginação, por raciocínio (CHERUBIM, 1989).

Para Guimarães e Lessa (1988), as figuras de pensamento correspondem a uma alteração, um desvio, ao nível de intenção do falante. Essa alteração não se dá na expressão, mas, anteriormente, no próprio processo de engendramento mental da expressão. Não podem ser detectadas a partir de um termo que substitui outro ou de um desvio em relação às normas gramaticais.

Desta forma, além de mudança na linguagem nos níveis sonoro, lexical e sintático, também temos a possibilidade de provocar alterações no plano semântico (significado). O que ocorre quando manipulamos intencionalmente o sentido das palavras ou expressões, criamos figuras de pensamento. São assim designadas as figuras caracterizadas por um novo dimensionamento dado ao sentido lógico da frase, do período, da oração (LOPES, 2010).

Porém, pode-se depreender diante de todo o percurso dessa tese que as figuras estão situadas nos limites da norma, e a variação - essencial para a caracterização de qualquer fato da linguagem, enquanto figura de linguagem, quando caracterizado, está no plano de pensamento, ou seja, todas as figuras de linguagem têm como primícia e origem no plano imaginativo, de pensamento ou da idealização subjetiva do sujeito.

Portanto, nomear uma figura de linguagem em particular de ‘Figura de pensamento’ seria incoerente devido a todas as figuras antes de se darem em nível de expressão, se originar no pensamento. Então, sugerimos para esse grupo de figuras uma nova nomenclatura: ‘Figuras de combinação’. Em vista disso, figuras de combinação são recursos expressivos que trabalham com a combinação de palavras, termos, orações ou expressões dentro do texto.

Nessas figuras há uma combinação entre ideias ou palavras que expressam sentidos opostos – a antítese, na mesma linha, tem-se o paradoxo quando termos de sentidos contrários estão ligados numa mesma unidade de frase, reunindo ideias contrárias e aparentemente inconciliáveis; há, também uma sequência de palavras que quando combinadas entre si qualificam um processo, uma hierarquia e mais do que isso exprime em suas diversas etapas de forma gradativa – a gradação; tem-se ainda a comparação, figura que se realiza por meio da combinação de dois elementos comparativos presentes no enunciado, esses elementos podem ser do mesmo universo ou não.

As figuras de combinação consistem na alteração do campo semântico e dos sentidos das palavras e expressões empregadas no texto, buscando produzir maior expressividade à comunicação. Elas trabalham com a combinação de elementos, seja por meio de criação de opostos, comparação e gradação.

Quadro 4: Figuras de combinação

FIGURAS DE LINGUAGEM DE COMBINAÇÃO	
Antítese	É a figura que salienta a oposição entre duas ideias ou palavras.
Paradoxo	É quando há uma comparação que subverte ideias por serem incompatíveis entre si, é exprimir a opinião contrária ao senso comum sem por aparência o erro, mas podendo conter a verdade ou parte dela, e ser, portanto, apenas uma forma de originalidade.
Gradação	É quando se apresenta uma série de ideias ou sentimentos numa ordem tal que o que segue exprima sempre um pouco mais ou um pouco menos do que se precede.
Comparação	É uma comparação entre dois elementos de um mesmo universo ou universos diferentes. É o confronto de dois ou mais objetos em que depreendemos algum ponto de contato. É o Símile.

Fonte: Elaborado pela autora, baseado na pesquisa e conceitos segundo Guimarães e Lessa (1988).

Vale salientar aqui que algumas figuras podem ser incluídas, indistintamente, em um ou outro grupo, o que justifica que sejam enquadradas naquele com o qual apresentam maior afinidade, sendo agora oportuno esclarecer que algumas, em princípio, admitidas como de sintaxe, melhor se enquadrariam como de pensamento, ou de combinação como postulamos, porque é nesse nível que a norma cede a vez à alteração.

Em suma, ao longo dessa pesquisa, pode-se definir que as figuras de linguagem são recursos estilísticos que consistem no uso da linguagem figurada ou não, seguindo então para uma macro divisão de figuras ‘Figuradas’ e as ‘Não figuradas’ utilizadas nos níveis: fonético fonológico – *figuras fonético-fonológicas* assim chamadas devido aos efeitos produzidos relacionarem-se com os parâmetros fonético-fonológicos da língua; nível do uso de sentido figurado – *figuras figuradas*, caracterizado por criar um novo sentido através do uso do sentido figurado/metafórico; das estruturas sintáticas – *figuras de sintaxe* - figuras que movimentam as palavras dentro da frase diferenciando da norma ditada pela gramática normativa da língua; o nível do significado por combinação – *figuras de combinação* –, caracterizado como recursos expressivos que trabalham com a combinação de palavras, termos, orações ou expressões dentro do texto, promove um novo dimensionamento ao sentido lógico da frase, do período, da oração.

As figuras de linguagem são utilizadas na linguagem para tornar a comunicação mais expressiva, estilosa, criativa, persuasiva, mais vívida e impactante acrescentando camadas de

significado através da figuratividade. São chamadas de ‘*Figuras*’ por assim criar imagens/figuras mentais e representações simbólicas, está intrinsecamente ligada ao pensamento simbólico e à criação de significados além do sentido literal das palavras, é um elemento fundamental na compreensão da linguagem e desempenha um papel crucial tanto nas figuras de linguagem ‘Figuradas’ quanto nas ‘Não Figuradas’.

2.3. Figuras de Linguagem sob a perspectiva da Estilística

As Figuras de linguagem, nesta pesquisa, estão sob a ótica da estilística, ou seja, são considerados recursos estilísticos. Autores como Amaral *et al.* (2013) definem a Estilística como uma área da linguagem que investiga os recursos (recursos estilísticos) que salientam nosso mundo psíquico. A linguagem possibilita-nos expressar não só nossa compreensão de mundo (ideias, narrativas, conceitos, opiniões etc.), mas também nosso mundo psíquico (emoções e estado de espírito).

Diante disso, salientamos que a comunicação não é apenas a transmissão de informações, é a forma como demonstramos emoções, a forma como influenciemos alguém, a forma como exprimimos opiniões e criamos laços com os indivíduos e com os grupos sociais, entre outros. Temos, então, a base da estilística. Ela é a ciência da expressão e uma crítica dos estilos individuais, não é mais que o estudo da expressão linguística do pensamento (GUIRAUD, 1978)

Para Bally (*apud* MARTINS, 1997), a estilística estuda os fatos da expressão da linguagem, organizada do ponto de vista do seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade.

A estilística é um ramo da linguística que se dedica ao estudo dos recursos expressivos e estilísticos utilizados na linguagem. Ela investiga como as palavras, as frases e os textos são organizados de forma a transmitir significados. Através da análise dos recursos estilísticos, podemos compreender melhor como a linguagem é utilizada para criar efeitos estéticos, emocionais e persuasivos (GUIRAUD, 1978).

Um dos principais objetivos da estilística é desvendar como os elementos linguísticos são empregados para construir diferentes estilos do texto. Isso envolve a observação de aspectos como a escolha de vocabulário, a estruturação de frases, o ritmo, a sonoridade, as figuras de linguagem e outras ferramentas estilísticas. Ao identificar esses recursos, é possível compreender como eles contribuem para a criação de uma atmosfera, de um tom ou de uma intenção específica no texto.

De modo geral, o objetivo de estudos em estilística é:

[...] mostrar como um texto ‘funciona’: não simplesmente para descrever as características formais de textos, mas para mostrara significância funcional dessas características para a interpretação de textos; ou para relacionar efeitos ou temas literários a ‘gatilhos’ linguísticos onde se sente que essessão relevantes (WALES, 2011, p. 400).

Para Guiraud (1978), a Estilística também se preocupa em analisar os efeitos de sentido produzidos pelos recursos estilísticos. As figuras de linguagem podem ser utilizadas para despertar a imaginação do leitor, criar associações e transmitir sentimentos de uma formamais impactante. Já a repetição de sons, como aliteraões e assonâncias, pode criar um efeito rítmico e musical no texto.

A Estilística é uma disciplina que tem suas raízes nas antigas tradiões retóricas e poéticas. Ao longo da história, estudiosos têm se dedicado a analisar e compreender os aspectos estilísticos da linguagem, buscando desvendar como a expressão linguística pode ser utilizada para criar efeitos estéticos e comunicativos (MARTINS, 1997).

Segundo Martín (1972), os primórdios da Estilística remontam à Grécia Antiga, onde a retórica desempenhava um papel central na educação e na vida política. A retórica, que trata da arte de persuadir através da linguagem, estabeleceu as bases para o estudo dos recursos estilísticos. Grandes filósofos e oradores gregos, como Aristóteles e Demóstenes, desenvolveram teorias sobre a persuasão, o estilo e a composição dos discursos.

Na Roma Antiga, a retórica também ocupava um lugar de destaque, influenciada pela tradição grega. O poeta e retórico Quintiliano foi um dos principais teóricos da época, escrevendo sobre a importância da eloquência e do estilo na comunicação efetiva (MARTINS, 1997).

Durante a Idade Média, a estilística foi fortemente influenciada pela tradição cristã. A linguagem era vista como um instrumento para expressar verdades divinas e converter os fiéis. A figura de Santo Agostinho foi fundamental nesse período, com seus estudos sobre a interpretação das Escrituras e a retórica sagrada.

No Renascimento, a Estilística ganhou um novo impulso com o desenvolvimento da literatura e da crítica literária. A retórica clássica foi resgatada e estudada com afinco, com destaque para as obras de autores como Petrarca e Erasmo de Rotterdam.

No século XIX, a Estilística começou a se afastar da tradição retórica e adquiriu uma perspectiva mais científica, influenciada pela linguística. O linguista francês Gustave Guillaume, por exemplo, desenvolveu estudos sobre as relações entre a forma e o conteúdo da

linguagem, contribuindo para a compreensão dos recursos estilísticos.

No século XX, a estilística passou a ser abordada de forma mais sistemática, interdisciplinar e autônoma (MONTEIRO, 2009). Diversos teóricos, como Roman Jakobson, Viktor Shklovsky e Mikhail Bakhtin, trouxeram contribuições significativas para a área. Jakobson, por exemplo, propôs uma classificação das funções da linguagem, enquanto Shklovsky enfatizou a importância da estranheza e da desautomatização na linguagem literária. Bakhtin, por sua vez, explorou os aspectos sociais e dialógicos da linguagem, destacando a importância do contexto na interpretação estilística.

Atualmente, a Estilística continua a evoluir e se renovar. Com o advento das novas tecnologias e a diversificação dos meios de comunicação, novos desafios e possibilidades surgem para os estudos estilísticos, inclusive abordagens mais contemporâneas, como a estilística cognitiva e a estilística computacional.

A Estilística é uma área multidisciplinar, voltada para os fenômenos da linguagem, tendo por objetivo o estilo (MARTINS, 1997) e que dialoga com a literatura, a retórica, a psicologia, a sociologia e outras disciplinas. Ela é aplicada em diferentes contextos, como na análise de textos literários, na publicidade, na política, no jornalismo e em várias outras formas de comunicação verbal.

Michael Riffaterre (1973) considera a Estilística o estudo exclusivo da mensagem. Os signos não têm valor absoluto, mas um valor resultante de uma oposição e contato com outros signos. Somente no contexto é que se atualiza o valor expressivo.

Segundo Amado Alonso (1969), a Estilística da língua, cuida dos recursos expressivos da natureza linguística: dos indícios que se sobrepõem aos signos, do lado afetivo, ativo, imaginativo e valorativo das formas da língua. Tais valores expressivos tanto se encontram na língua cotidiana como na literária.

O conceito de estilo comporta, para Alonso (1969), uma duplicidade. Em sentido mais restrito, estilo é o uso especial da língua pelo enunciador, uma maestria ou virtuosismo idiomático como parte da construção. Em sentido mais amplo, estilo é toda a revelação do enunciador, é o homem.

Estilo, para Murry (1949), é a qualidade de linguagem, peculiar ao escritor, que comunica as emoções ou pensamentos. Reis (1981) estabelece que estilo deve ser entendido como resultado da expressão de uma subjetividade, neste estudo adotamos a definição segundo Monteiro (2009), o estilo como expressão individual, subjetiva, resultante de uma gama extensa de fatores ou condicionamentos culturais, como as influências do meio, da época, da estrutura linguística, e ainda os fatores de ordem histórico-cultural não devem ser desprezados em relação

ao estilo, o conceito de estilo deve ficar muito além do indivíduo enquanto personalidade única.

A Estilística trata do estilo, dos recursos expressivos da língua, as figuras de linguagem, também conhecidas por figuras de estilo, que são recursos especiais expressivos, são estudados pela estilística. (CEGALLA, 2002). O estilo define o caráter específico da ação, imagina-se a estilística, de forma geral o estudo das relações entre a forma e o conjunto das causalidades informantes (GUIRAUD, 1978).

De acordo com Leech e Short (2007, p. 31), estilo refere-se à maneira como a linguagem é empregada em um determinado contexto linguístico, seja um gênero específico ou um texto em especial. Essa manifestação é resultado das escolhas feitas por um autor, com base em um sistema linguístico peculiar. No contexto Saussuriano, a noção de estilo está relacionada à *parole*, complementando o domínio da *langue*. Mais precisamente, os autores mencionados atribuem duas definições principais ao estilo: a primeira considera o estilo como "a forma como a língua é utilizada em um determinado contexto" (uso linguístico em relação ao código linguístico), enquanto a segunda define o estilo como "a forma como a língua expressa um determinado conteúdo" (uso linguístico em relação à realidade referencial) (LEECH; SHORT, 2007, p. 33).

Essas definições são complementares, pois ambas se referem à forma de expressar algo, seja através das escolhas linguísticas de um sistema específico, seja através da representação da realidade desejada. Além disso, essas duas definições apresentam abordagens distintas: a primeira tem uma perspectiva mais linguística, enquanto a segunda é mais cognitiva. A primeira destaca a relação entre estilo e linguagem, enquanto a segunda concebe o estilo em relação à forma como a realidade é percebida e conceituada em uma manifestação discursiva. É importante ressaltar que, no caso de textos literários, essa realidade é um mundo fictício, ou seja, o conteúdo do texto literário representa um mundo ficcional ao qual o texto se refere.

Os mesmos autores defendem a visão de que o estilo, ou a escolha estilística, diz respeito a aspectos que envolvem diferentes maneiras de expressar o mesmo conteúdo. Quando descrevemos uma realidade referencial, é possível que diferentes pessoas a descrevam de maneiras distintas. Mesmo que estejamos falando do mesmo objeto ou espaço, cada pessoa pode fazer escolhas linguísticas diferentes, o que revela diferentes pontos de vista e permite inferências sobre o estado mental do autor. Em outras palavras, é possível distinguir entre o que o autor escolhe falar e como ele escolhe falar sobre isso (LEECH; SHORT, 2007, p. 32).

Charles Bally (*apud* MARTINS, 1997), ampliando o campo de estudo do seu mestre

Saussure, volta-se para os aspectos afetivos da língua, da língua a serviço da vida humana, língua viva, espontânea, mas gramaticalizada, lexicalizada e possuidora de um sistema expressivo, cuja descrição deve ser a tarefa da Estilística.

A Estilística compreende uma parte dos estudos linguísticos concentrados na expressividade da linguagem, diferindo erros e características estilísticas, representa uma seção fundamental dentro das análises linguísticas, direcionando sua atenção ao estilo, como o próprio nome denota. Dentro desse campo, a linguagem pode ser empregada com propósitos estéticos, conferindo à palavra elementos emotivos.

A linguagem emotiva ou afetiva é delineada por esse recurso de significância, no qual se torna visível a aplicação de recursos linguísticos que transcendem a mera transmissão de informações. No âmbito da Estilística, emerge uma notável dicotomia entre o aspecto emocional e o intelectual, estabelecendo uma conexão complementar entre a sua exploração e a análise gramatical, que aborda a linguagem de forma mais normativa e sistematizada.

Existem, pois, quatro campos estudados dentro da Estilística: Estilística fônica, Estilística morfológica; Estilística sintática; Estilística da enunciação.

A Estilística fônica também chamada de Fonoestilística trata dos valores expressivos de natureza sonora (no caso das línguas orais) e dos parâmetros fonético- fonológicos das línguas de sinais observáveis nas palavras/sinais e, se concentra na análise dos aspectos fonético-fonológicos da linguagem, buscando compreender como os aspectos da enunciação são usados para criar efeitos estilísticos e comunicar significados mais profundos (MARTINS, 1997).

Entre os autores que mais se dedicaram ao exame da expressividade dos elementos fonético-fonológicos, destacam-se Maurice Grammont (1975), Henri Morier (1975) e Bally (1941), os quais salientam que essa área de estudo explora como as escolhas fonéticas de um emissor da mensagem podem influenciar a percepção do discurso, a expressão de emoções, a ênfase em certas palavras ou ideias, bem como a construção de diferentes ambientes e atmosferas comunicativas. Ao considerar a estilística fonética, os pesquisadores analisam como as características fonético-fonológicas da língua podem adicionar nuances e camadas de significado além do que é comunicado apenas pelo significado lexical das palavras.

A Estilística morfológica ou estilística léxica ou da palavra se concentra nos aspectos expressivos da palavra ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais, apesar de não poderem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais, estudam a análise das estruturas morfológicas das palavras e sua contribuição para a criação de efeitos estilísticos na linguagem (MARTINS, 1997).

A Estilística sintática se dedica a analisar como as estruturas sintáticas, ou seja, as formas pelas quais as palavras são organizadas em frases e orações são utilizadas para criar efeitos estilísticos na comunicação (MARTINS, 1997). A sintaxe lida com a ordem das palavras, as relações gramaticais e a organização geral das construções linguísticas. O foco recai sobre como as escolhas sintáticas de um falante ou escritor podem influenciar o significado, a ênfase e o impacto emocional de uma mensagem (HALLIDAY, 1976). Diferentes arranjos de palavras e estruturas sintáticas podem criar ritmo, fluidez, tensão e clareza na linguagem. Além disso, a manipulação consciente das regras sintáticas pode ser usada para transmitir emoções, nuances e intenções específicas. Uma frase só está adequada quando faz sentido para o interlocutor. Ou seja, as palavras escolhidas precisam significar exatamente o que seu emissor quis dizer, caso seja essa a vontade do autor (HENRIQUES, 2011), vale ressaltar que os processos de interação não são tão simples assim de modo que o interlocutor nem sempre entende exatamente o que o emissor quer dizer.

Esse campo da estilística é valioso na análise de textos literários, discursos políticos, publicidade e qualquer contexto onde a forma e a estrutura das frases desempenham um papel importante na comunicação. Ao compreender como a organização sintática afeta a interpretação e a apreciação de um texto, os estudiosos podem desvendar as sutilezas do uso da linguagem para criar impacto e estilo distintos.

Estilística da enunciação se concentra na análise das escolhas linguísticas feitas por um falante ou escritor individual em um contexto específico de comunicação. Diferente das abordagens mais tradicionais que se concentram apenas nas características formais das palavras, frases e estruturas, a Estilística da Enunciação considera a influência do contexto, do emissor, do destinatário e das intenções comunicativas na produção e interpretação de um texto. A enunciação implica na emissão e recepção, sendo que ambos devem conhecer a mesma língua (MARTINS, 1997).

Nesse sentido, a Estilística da Enunciação explora como a identidade, os valores, as atitudes e as intenções do emissor podem ser refletidos na escolha de palavras, no tom, na entonação, na estrutura da frase e em outros elementos linguísticos. Ela também analisa como o texto é moldado para se adequar ao público-alvo, considerando a interação entre emissor e destinatário. É preciso considerar o sujeito que enuncia, qual o objetivo de sua enunciação, de que pessoas ou experiências ele fala, se precisa remodelar o que pretende dizer ou está no texto. (HENRIQUES, 2011).

Através da análise da Estilística da Enunciação, é possível identificar características únicas do estilo pessoal de um autor, bem como reconhecer as estratégias utilizadas para

persuadir, informar, emocionar ou causar impacto nos leitores ou ouvintes. Ao observar como a linguagem é adaptada para atender a diferentes situações comunicativas, os estudiosos podem entender como o contexto molda a forma como uma mensagem é elaborada e compreendida.

As figuras de linguagem sob o olhar da estilística só são legitimadas à medida que correspondem a uma alteração do sentido, enriquecendo o texto com novos significados. As figuras não têm por fim a informação, emitida no discurso neutro ou denotativo, mas a apreensão de uma realidade particular das coisas (MONTEIRO, 2009).

Em suma, a estilística é uma área de estudo que busca compreender como a linguagem é utilizada de forma expressiva e esteticamente marcante. A palavra-chave da estilística é ‘escolha’ (HENRIQUES, 2011), ou seja, é a escolha dos meios de expressão determinados pela natureza e interesse do indivíduo que se expressa Guiraud (1978). Ela analisa os recursos estilísticos empregados nos textos e investiga os efeitos de sentido produzidos por esses recursos. Por meio da estilística, podemos desvendar como a linguagem é capaz de transmitir significados, tornando a comunicação mais rica, mais persuasiva e mais impactante.

2.4 Figuras de linguagem e cognição

As figuras de linguagem estão longe de serem consideradas apenas decorativas, elas são importantes como função integral da linguagem como um todo; isso ocorre porque as estruturas cognitivas relevantes que envolve as figuras são importantes, penetrantes e partem do pensamento através das escolhas do enunciador e, como resultado, o significado figurativo e/ou literal é parte da base da estrutura linguística. Em outras palavras, o ato de dizer (ou escrever, desenhar, sinalizar ou se expressar) uma coisa para criar significados inusitados revela padrões penetrantes entre linguagem, pensamento e cognição, os quais, por sua vez, estão maduros para o estudo empírico. E essa é uma afirmativa não apenas para a linguagem literária, mas para a linguagem cotidiana, ou seja, vale para todas as linguagens humanas. As figuras de linguagem moldam os pontos de vista dos leitores ou receptores da mensagem, há uma distinção entre o literal e o figurativo, a relação convencional entre a forma e o significado, a relação entre significado e contexto e a natureza do significado literal incorporado (DANCYGIER; SWEETSER, 2014).

O enunciador leva em conta o questionamento do outro, para que ele possa ser persuadido, levando em consideração o que há de comum entre o que produz o texto e aquele que o recebe (ARISTÓTELES, 1991, p. 38)

Há um arcabouço de escolhas envolvendo o emissor, podendo-se valer de mecanismos da língua para criar ou compor imagens ou figuras inusitadas que surpreendem quem recebe. Entre os mecanismos que têm à disposição encontram-se as figuras de linguagem.

A Linguística Cognitiva (LC) é uma abordagem da linguagem associada à perspectiva do meio de conhecimento e com as experiências do cotidiano humano, defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição, concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir das interações de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais (FERRARI, 2011).

Essa abordagem contribui com explicações e discussões acerca dos fenômenos das figuras de linguagem e seu uso, pois para a LC, a linguagem seria o resultado da interação entre cognição e experiência humana, ou seja, autores como Langacker (1987), Lakoff (1987), Geeraerts (2006), Gibbs e Macedo (2010) destacam que as unidades e as estruturas da linguagem são estudadas não como unidades autônomas, mas sim como as manifestações das organizações conceptuais, princípio de categorização, mecanismo de processamento e experiências culturais, sociais e individuais, para esses autores, essas manifestações fornecem a base da criação do significado e ainda, por isso, as figuras de linguagem produzidas e processadas pelos falantes têm como base a sua experiência corpórea com o espaço, o tempo, as emoções, dentre outras características inerentes à linguagem.

Os linguistas cognitivistas partem da hipótese de que a língua reflete o pensamento humano ou seu significado, e está nas mentes dos falantes, na produção e na compreensão de uma expressão linguística. De acordo com Evans e Green (2006) a língua detém padrões sistemáticos que refletem padrões de conceitualização e possui duas funções: a de codificar e exteriorizar ideias e pensamentos (funções simbólicas) e a de transmitir essas ideias e pensamentos (função interativa). Ainda segundo os autores, a compreensão sobre as Figuras de Linguagem envolve toda a problemática de uma linguagem geral, das funções da língua, como: codificação, implicação, inferência, conhecimento de mundo, experiência humana, restrições contextuais, imagens, intensão, imaginação e criatividade.

O problema da relação entre linguagem e percepção parece não estar relacionado a quaisquer características fixas das palavras, mas a um ato perceptivo em que os significados das palavras são reestruturados ou uma propriedade de semelhança é criada (HONECK e HOFFMAN, 2020).

A estilística cognitiva, uma abordagem que combina os estudos da estilística com os princípios da cognição humana, se baseia na compreensão de que a linguagem não é apenas

uma ferramenta de comunicação, mas também um reflexo dos processos cognitivos e mentais dos falantes. (STOCKWELL, 2016a, 2002; SEMINO, CULPEPER, 2002)

Essa perspectiva busca investigar como os aspectos estilísticos da linguagem estão relacionados à forma como é percebida, processada e interpretada a informação. Ela se concentra nas estruturas mentais subjacentes que influenciam a produção e a compreensão dos textos, bem como nos processos cognitivos envolvidos na apreciação estética (STOCKWELL, 2002; WALES, 2011).

A estilística cognitiva também explora a relação entre a linguagem e os conceitos culturais e contextuais. Ela reconhece que a linguagem é influenciada pelas experiências individuais e sociais dos falantes. Por exemplo, um mesmo recurso estilístico pode ter interpretações diferentes em diferentes culturas ou contextos. Assim, busca compreender como esses fatores influenciam a construção de significados e a apreciação estética dos textos.

Além disso, a estilística cognitiva destaca a importância da criatividade e da expressividade na linguagem. Ela investiga como a linguagem estilisticamente marcada pode despertar emoções, criar associações e transmitir significados de forma impactante. Através da análise dos processos cognitivos envolvidos na apreciação estilística, é possível compreender melhor como a linguagem influencia nossas percepções e experiências.

A estilística cognitiva tem aplicações em diversas áreas, como literatura, publicidade, mídia e comunicação em geral. Ela permite uma compreensão mais profunda dos recursos estilísticos utilizados nos textos e como eles afetam os leitores/receptores. Além disso, ela contribui para o estudo da criatividade linguística, da estética textual e da relação entre linguagem e cognição.

Um dos principais conceitos da estilística cognitiva é o de figuração (Hansen, 2014), o que nesta tese chamamos de Figuratividade (ver seção 2.2.4). Figuratividade é a capacidade da linguagem de criar imagens mentais e representações simbólicas, ativando os mecanismos cognitivos dos receptores, permitindo a interpretação do texto de maneiras criativas e pessoais.

Em resumo, a estilística cognitiva é uma abordagem que investiga os aspectos estilísticos da linguagem a partir de uma perspectiva cognitiva. Ela examina como os recursos estilísticos são percebidos, processados e interpretados pelos falantes, levando em consideração os aspectos mentais, culturais e contextuais envolvidos. A estilística cognitiva destaca a figuratividade, a criatividade e a expressividade como elementos-chave na compreensão e apreciação estética dos textos.

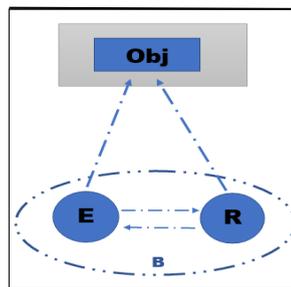
2.4.1 Figuras de linguagem e cognição sob a concepção do Evento de Fala

De acordo com Martelotta e Palomanes (2018) a significação é uma atividade coletiva, resultado da interação entre pessoas, dentro de um contexto social e cultural específico, a partir da experiência, da percepção e das relações entre cognição e experiência, ou seja, construção de sentido só se dá pela experiência.

Langacker (2008) conduz a compreensão de que a relação entre linguagem e pensamento se dá através da análise de construções linguísticas de uma língua em uso, ou seja, da interação entre pessoas, o autor utiliza do termo *Ground* para indicar o evento de fala, seus participantes (falante e ouvinte), sua interação e as circunstâncias imediatas (notavelmente, o tempo e o lugar da conversação).

Baseado no Evento de fala, tem-se a Base (B) = *ground* (indica o evento de fala, seus participantes, sua interação e as circunstâncias imediatas, como o tempo e o lugar da conversação), os participantes: Falante (F) aqui chamo de Emissor (E) e Ouvinte (O) denomino de Receptor (R). Primeiro, os interlocutores prestam atenção um ao outro como parte da interação na fala. Depois, ambos dirigem sua atenção à entidade (Obj) que é o focoda atenção. O Emissor e o Receptor estão em um processo interativo, em um tempo e lugar específicos, focando sua atenção em um contexto linguístico específico.

Figura 7: Evento de fala



Extraído/adaptado de Langacker, 2008, p. 260

O falante é também definido na Gramática Cognitiva (GC) como conceitualizador, ou sujeito da concepção. Ele age direcionando a atenção do receptor para o objeto da concepção, ou aquilo que é conceitualizado. A região do palco consiste no objeto conceitualizado e todo o seu entorno (o ambiente, o que ambos já sabem previamente sobre ele, o que é informado pelo conceitualizador na interação). O sujeito dirige a atenção do receptor para o objeto, utilizando diversos meios – recursos expressivos (aqui focamos as figuras de linguagem), para alcançar esse objetivo. É através da interação existente entre o falante e o receptor que ocorre a

compreensão do enunciado, inclusive das figuras de linguagem utilizadas no enunciado. O escopo da conscientização compreende todos os elementos dessa interação – é um trabalho compartilhado entre emissor e receptor, onde um se dedica a compreender (receptor) e o outro se esforça para ser compreendido (emissor).

O significado só existe quando ele é interpretado (MARTELOTTA e PALOMANES, 2018). As estruturas de conhecimento armazenadas na memória permanente têm papel decisivo na construção do significado, ou seja, são essas estruturas que nos permitem explicar por que a interpretação envolve sempre mais informação do que aquela diretamente codificada na forma linguística (FERRARI, 2011).

Langacker (1987) institui a noção de domínio para tratar de estruturas armazenadas na memória semântica permanente, isto é, o contexto de caracterização da unidade semântica, os quais os mais básicos são os que apresentam estreita ligação com a experiência corporal: espaço, visão, temperatura, paladar, pressão, cor e dor. E ainda, além dessa noção de domínio, vale destacar aqui a noção de *Frame*, que compreende estruturas cognitivas permanentes e estáveis, associadas ao armazenamento de conhecimento culturalmente compartilhado.

Segundo Ferrari (2011), baseado nos estudos de Fillmore (1975, 1977, 1982, 1985), *Frame* é um sistema estruturado de conhecimento, um armazenamento na memória de longo prazo organizado a partir de esquematização de experiências, assim dizendo, o significado das palavras é subordinado a *frames*.

Assim, uma vez que o significado só existe quando ele é interpretado, considerar a interpretação de uma palavra, de um grupo de palavras ou de significado; requer acesso às estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados à cena da experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência (FERRARI, 2011) e (DANCYGIER; SWEETSER, 2014). Portanto, a noção de domínio e *frame* traz implicações sobre o significado das palavras ou expressões.

As abordagens cognitivas transformaram radicalmente os modelos de linguagem e de significado literais cotidianos. Modelos cognitivos recentes de semântica levantam a hipótese de que a produção e o processamento linguísticos envolvem a simulação das situações descritas: isto é, as mesmas partes do cérebro são ativadas (embora não sejam ativadas de forma idêntica) ao imaginar ou descrever uma situação como estariam envolvidas na percepção e na experiência de tal situação. Essa visão corporificada do significado - esse significado é feito da mesma coisa que a experiência corporal - desafia a ideia de linguagem e de pensamento como abstratos. E essa teoria do significado oferece um contexto para reavaliar o papel e os mecanismos da linguagem figurativa, vendo-os como parte da linguagem e não como acréscimos decorativos.

A experiência incorporada é, inerentemente, baseada em uma perspectiva ou ponto de vista, experimenta-se uma cena visual de algum ponto particular em vez de qualquer outro, e situações são experimentadas de seu próprio papel de participante em vez de outro. Isso significa que a expressão linguística é adaptada e desenvolvida, especificamente, para expressar e sugerir significados baseados em pontos de vista, (Bergen 2012 e Dancygier e Sweetser 2012).

Diante disso, o significado só existe quando ele é interpretado, a realidade tal qual ela se dá na língua é uma interpretação que se faz da realidade. Toda informação é posicionada, seja posicionamento físico, ideológico, opinião, interpretação, conhecimento e outros. Um discurso envolve o ponto de vista que seria a característica da significação que é sempre em relação ao emissor. Tem-se também a figura e fundo que condiz às relações de posicionamento dentro dos próprios objetos do discurso, ou seja, do que está sendo significado, figura seria o foco, o núcleo da sentença e fundo, o que é desfocado, periférico.

2.4.2 Figuras de linguagem e cognição sob a concepção da *Metáfora Conceptual*

As figuras de linguagem ‘figuradas’ têm como base o uso da linguagem figurada, ou seja, uso do sentido conotativo e chamado de metafórico por Honeck e Hoffman (2020). Essas figuras partem da premissa da Teoria da Metáfora Conceptual proposta por George Lakoff e Mark Johnson no livro *We Live By* de 1980. Sua premissa básica é a de que a metáfora não é mero recurso estilístico, mas uma maneira de conceptualizar a própria experiência humana. Pois, além de estar presente na linguagem em si, as metáforas estão no pensamento e na ação, ou seja, não é apenas uma questão de linguagem, arranjo linguístico ou uma forma de dizer melhor, e, sim, as metáforas são um meio pelo qual há a compreensão do mundo, é um sistema de cognição.

A metáfora é vista como um veículo de compreensão por excelência. Os pesquisadores Lakoff e Johnson (2003) transferem o *locus* da linguagem para o pensamento, o lugar da metáfora deixa de ser a linguagem e passa a ser o pensamento.

As expressões metafóricas são o embrião da teoria da metáfora conceptual, que são figuras de linguagem “figuradas”: metáfora, metonímia, prosopopeia, sinédoque, antonomásia, sinestesia, ironia, hipérbole, eufemismo, perífrase e apóstrofe. Todas são expressões, estratégias comunicativas que trazem para a superfície uma rede metafórica que não tem a ver, meramente, com a linguagem e, sim, com a cognição e com o sistema conceptual que norteia nossas concepções, situa-se na compreensão e na experiência, envolve a compreensão de um domínio

da nossa experiência (conceito de domínio citado acima) por meio de outro domínio, é uma ponte de um domínio com outro domínio. Dessa forma tem-se o domínio alvo e o domínio fonte ou os domínios de origem e de destino (DANCYGIER e SWEETSER, 2012).

Domínio alvo seria aquilo que se compreende, as coisas com as quais desejamos lidar, são áreas mais abstratas da vida ou mais difíceis de conceituar, e para isso, faz-se uso do domínio fonte, que envolve elementos mais concretos da experiência, fornecendo, então, a base para a construção do significado, ou seja, por meio do domínio fonte compreendemos o domínio alvo.

Por meio das figuras de linguagem figuradas se aplica o conceito do domínio fonte no domínio alvo, os repertórios de conhecimento, as informações de concepções que temos em relação ao domínio fonte, deslocam-se para o domínio alvo. Assim, a metáfora conceptual embasando as figuras de linguagem figuradas, tem a seguinte fórmula: DOMÍNIO - ALVO é DOMÍNIO - FONTE, sendo essa a estrutura cognitiva das figuras de linguagem figuradas. Para compreender melhor, verifique o exemplo de uma Hipérbole trazido na figura 23 - tópico 4.1.2 a expressão “CABEÇA PARECE EXPLODIR”, tem-se como domínio fonte um objeto que explode, sendo a base metafórica e o domínio alvo como o que se quer compreender (o que é abstrato) a “muita dor de cabeça”. Em suma, a compreensão e experiência de conceitos ocorrem a partir das inferências e as inferências de um domínio são compreendidas em termos de inferências de outro domínio.

As figuras de linguagem enquadradas no grupo das ‘Não figuradas’ (aliteração, assonância, paronomásia, onomatopeia, silepse, eclipse, zeugma, assíndeto, polissíndeto, anáfora, pleonasma, hipérbato, anacoluto, comparação, antítese, paradoxo e gradação) são aquelas que não se alicerçam na linguagem figurada/metafórica, mas se estruturam por meio de mudança, trocas, repetições, adjunções ou supressão de elementos no enunciado. Ou seja, esse movimento fonético fonológico, sintático, morfológico, semântico requer um suporte contextual, inferencial para a compreensão e ou interpretação do enunciado. O conceito de espaço mental nos permite discutir esses processos espontâneos de construção de significado, além de permitir descrições semânticas claras e precisas de uma gama de fenômenos gramaticais, incluindo o uso de pronomes, construções condicionais, construções temporais e causais e construções de intersubjetividade (FAUCONNIER e SWEETSER 1996, DANCYGIER e SWEETSER 2005, VERHAGEN 2005).

2.4.3 *Figuras de linguagem e cognição sob a concepção da Teoria da relevância*

Muitos autores, em especial psicolinguistas e cognitivistas, postulam que o

processamento do sentido figurado e do sentido literal não é significativamente diferente, pois sempre se exigem inferências para interpretar o que é dito (MARCUSCHI, 2008).

É comum ver modelos de análises de interações verbais baseados exclusivamente em processos de codificação e decodificação. Um exemplo desse tipo de abordagem é o modelo de código. De acordo com Ready (apud SILVEIRA e FELTES, 2002, p. 18) várias teorias científicas da comunicação baseiam-se na Metáfora do Canal, segundo a qual codificar seria como “empacotar” algo e decodificar seria como “desempacotar”. O processo comunicativo se daria, então, por mero envio e recebimento de mensagens e mera interpretação de signos, negligenciando o papel do contexto e da inferência na comunicação.

No entanto, ao longo dos anos, os estudos com base no modelo de código mostraram-se insuficientes, pois não davam conta do sentido de muitos enunciados, por encararem o processo comunicativo como mera codificação e decodificação.

Grice (1975) propôs o Princípio da Cooperação para descrever as interações verbais, reconhecendo que a interpretação não ocorre apenas por meio da decodificação, mas também por meio de inferências. Esse princípio é baseado na ideia de um acordo tácito de cooperação entre o emissor e o receptor da comunicação. Ele é regido por máximas conversacionais, que são divididas em categorias de quantidade, de qualidade, de relação e de modo. Essas máximas orientam as interações verbais eficazes e bem-sucedidas.

Grice apresentou uma perspectiva estabelecendo diretrizes para uma comunicação inovadora por meio do conceito de implicatura. A abordagem de Grice enfatiza que há uma lacuna entre a formulação de uma frase pelo emissor e a sua compreensão pelo receptor, e que essa lacuna na interpretação é preenchida por meio de inferências, em vez de simples decodificações.

Com base nos estudos de Grice, que buscaram descrever o processo comunicativo, e levando em consideração que a comunicação vai além da simples codificação e decodificação de informações, Sperber e Wilson (1995) apresentam uma nova teoria. Essa teoria se baseia na ideia de que os indivíduos prestam atenção apenas aos estímulos relevantes para eles. Segundo os autores, a comunicação humana possui duas características inseparáveis e conjugadas: é ostensiva por parte do comunicador e inferencial por parte do ouvinte. A Teoria da Relevância surge como uma explicação de como o processo de atribuição de sentido ocorre, além de identificar as razões por trás das falhas na comunicação, quando ocorrem interpretações equivocadas.

Ao ser produzido um enunciado se torna, manifestamente, conhecido tanto pelo receptor quanto pelo emissor, e o emissor espera que sua intenção informativa seja relevante para o

receptor e chame sua atenção. Se a informação for relevante, o receptor fará inferências com base no conteúdo do enunciado e nas informações disponíveis em seu ambiente cognitivo, que são as informações que cada indivíduo possui. Esse ambiente cognitivo é compartilhado mutuamente (manifestabilidade mútua) (SPERBER E WILSON, 1995). Além disso, esse ambiente é composto por um conjunto amplo de suposições aos quais, hipoteticamente, os participantes da interação conversacional têm acesso.

As informações adquiridas são consideradas relevantes somente quando o esforço necessário para as processar é recompensado com novas informações, ou seja, efeitos contextuais. A partir do enunciado, o receptor procurará estabelecer conexões entre o que foi dito e as informações presentes em seu ambiente cognitivo, selecionando aquelas que geram o maior número de efeitos contextuais, dentre as muitas disponíveis.

De maneira geral, a mente opera de forma produtiva ou econômica, buscando alcançar o máximo de efeitos com o mínimo de esforço. Segundo Sperber e Wilson (1995), uma suposição é considerada relevante no contexto quando proporciona um maior número de efeitos contextuais. Uma suposição é relevante no contexto quando o esforço necessário para a processar, nesse contexto, é baixo.

A concepção do Princípio da Relevância envolve a seleção intencional do emissor ao escolher um enunciado que seja altamente relevante para o ouvinte, garantindo, assim, a preferência pela interpretação da informação mais adequada entre as várias possíveis, que são mais ou menos acessíveis e compatíveis com o referido enunciado. De acordo com Silveira (2002) "comunicar é solicitar a atenção de alguém por meio de um estímulo ostensivo; conseqüentemente, comunicar implica que a informação transmitida é relevante, o que sustenta a presunção de Relevância ótima" (SILVEIRA e FELTES, 2002, p.53)

Diante de todo exposto, o enunciador, ao escolher as figuras de linguagem, e essas escolhas estão longe de ser neutras, sejam as figuras de linguagem 'Figuradas' e ou as 'Não figuradas', tem-se em mente o processo interativo, ou seja, o eu com o outro, relação Emissor/Receptor. A escolha dessas figuras de linguagem no ato comunicativo se baseia na consistência com o Princípio da Relevância, evento de fala e da concepção da metáfora conceptual, pois - em meio a inúmeras informações constantes no ambiente cognitivo de cada indivíduo, compatíveis com o enunciado, que poderiam gerar diversas interpretações - são selecionadas apenas as informações que causam maior número de efeitos contextuais, expressivos, persuasivos, ou seja, as mais compatíveis com a intenção.

O ponto de vista em uma situação afeta a estrutura inferencial, portanto, o ponto de vista em um domínio de origem deve afetar quais inferências são mapeáveis para o destino

(DANCYGIER e SWEETSER, 2012). Ou seja, é necessário recuperar sua representação semântica por um processo automático de decodificação linguística, acrescido de informações contextuais (*inputs* visuais e linguísticos, domínio-alvo, domínio-fonte, conhecimento de mundo (domínios), isto é, informações do ambiente cognitivo), considerando ainda a relação histórico cultural, em um tempo e lugar específico, focando sempre a atenção em um contexto linguístico específico.

3. METODOLOGIA

Buscando identificar e extrair as figuras de linguagem na Libras, a pesquisa empregada se caracteriza por natureza básica⁸. A abordagem é qualitativa de objetivo exploratório e procedimento documental. Como recurso metodológico, utilizou-se o *software* ELAN e *Microsoft Paint*.

Este estudo ocorre em 3 etapas. Em um primeiro momento, um estudo teórico conceitual. Em segundo, a coleta de produções em Libras para composição do *corpus*. Na última etapa, a análise dos vídeos.

3.1 Estudo teórico conceitual

Parte-se de um estudo teórico conceitual, configurando-se como uma pesquisa exploratória, proporcionando mais informações e conhecimento sobre o assunto que está sendo investigado, possibilitando sua definição e seu delineamento (PRODANOV; FREITAS, 2013), ou seja, o delineamento de conceitos aqui refere-se a um entrelaçamento entre as definições das Figuras de Linguagem existentes nas línguas orais e nas línguas de sinais. Com base nesse entrelaçamento, pretende-se comparar o comportamento das figuras de linguagem na Libras. Para tanto, utilizou-se de um levantamento teórico bibliográfico, que se desenvolveu ao longo das etapas:

1. Levantamento bibliográfico preliminar,
2. Busca de fontes,
3. Leitura do material, sendo que essa leitura teve como objetivos identificar as informações para entender conceitos e o que está sendo ensinado nas escolas sobre figuras de linguagem;
4. Estabelecimento das relações de informações e dos dados obtidos com o problema proposto;
5. Análise da consistência das informações e dados apresentados pelos autores.

⁸ A pesquisa é fundamentada na natureza básica que consiste na ampliação de um campo de conhecimento ou melhorar a compreensão de um fenômeno natural, é um meio importante de gerar novas ideias, princípios e teorias e ainda diz respeito aos estudos que têm o intuito de produzir conhecimentos inéditos, mas, sem a preocupação com a aplicação prática (GIL, 2008)

3.1.1. Material pesquisado

Nessa leitura, os livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio e gramáticas serviram como base para compreendermos o que é disseminado nesse material, mas não se constituem propriamente como referências teóricas para a discussão dos conceitos, analisamos os livros sobre figuras de linguagem, Estilística e Linguagem figurada, bem como dissertações e teses relevantes, conforme demonstrado no quadro abaixo:

Quadro 5: Material pesquisado relevante

Tipo de material	Título	Autoria	Ano publicação	Outras informações importantes
Gramáticas	Gramática Contemporânea da Língua Portuguesa	NICOLA e INFANTE	1999	
	Gramática	FARACO & MOURA	1999	
	Novíssima Gramática da Língua Portuguesa	CEGALLA,	2000, 2002	
	Minimanual de Gramática	LOPES	2010	
	Gramática Houaiss da Língua Portuguesa	AZEVEDO	2008	
Livros didáticos	Projeto Teláris: português	ORGATTO, BERLIN e MARCHEZI	2013, 2015	Ensino Fundamental 2 – 8º e 9º anos
	Ser Protagonista: Língua Portuguesa,	RAMOS	2013	1º ano: ensino médio
	Novas palavras:	AMARAL	2013	1º ano: ensino médio
	Português: linguagens. V. 1	CEREJA e MAGALHÃES,	2013	1º ano: ensino médio
	Viva Português ensino médio. Volume 1	CAMPOS; CARDOSO; ANDRADE	2010	1º ano: ensino médio
	Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso	CEREJA, VIANNA e DAMIEN,	2016	1º ano E. M.

Tipo de material	Título	Autoria	Ano publicação	Outras informações importantes
Livros sobre figuras de linguagem	Figuras de Linguagem: teoria e prática	GUIMARÃES e LESSA	1988	
	Figuras de Linguagem	BRANDÃO	1989	
	Figuras de Estilo	PIRES-DE-MELO	1997	
	Figuras de Retórica	FIORIN	2014	
Estilística	Estilística brasileira	BUENO	1994	
	A Estilística	GUIRAUD	1978	
	Estilística da Língua Portuguesa	LAPA	1979	
	Estilística e Discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade	HENRIQUES	2011	
	Questões de Estilísticas no ensino da Língua	BAKHTIN	2013	
Linguagem figurada	Metaphors We Live	LAKOFF e JOHNSON	2002	Foco maior na metáfora e metonímia.
	Figurative Language	ANCYGIER e SWEETSER	2014	Foco maior na metáfora e metonímia.
	Cognition and Figurative Language	HONECK e HOFFMAN,	2020	Foco maior na metáfora e metonímia.

Tipo de material	Título	Autoria	Ano publicação	Outras informações importantes
Dissertações e teses	A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos	FARIA	2003	Dissertação com foco maior nas metáforas
	Leitura e Compreensão de expressões metafóricas em português como L2 por surdos sinalizadores	COSTA	2015	Dissertação com foco maior nas metáforas
	O ensino de metáforas em língua portuguesa para surdos bilíngues Libras-Português	COSTA	2020	Tese com foco maior nas metáforas
	Articulação-boca na Libras: um estudo tipológico semântico funcional	PÊGO	2021	Tese com foco nas articulações-boca da Libras

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Afunilamos para materiais sobre as figuras de linguagem na Libras, que é o foco dessa pesquisa, porém, sem muito sucesso, pois encontramos grande parte desses materiais empreendidos e em andamento dedicados à análise e à compreensão apenas da metáfora e da metonímia na Libras. Duas pesquisas se destacam por investigar a compreensão e o processamento de metáforas por surdos bilíngues, Faria (2003, 2006) é pioneira no estudo sobre metáforas na Libras, sua pesquisa trata da manifestação da metáfora na LSB em contraste com as construções metafóricas presentes na língua portuguesa. A autora conduziu um estudo sobre a interpretação de textos em língua portuguesa por parte dos surdos, focando na construção de sentido metafórico e polissêmico. Costa (2015) concentrou-se no processamento de metáforas conceituais equivalentes e não equivalentes em Libras e Língua Portuguesa por surdos que utilizam a par-linguagem Libras/Português, sua investigação perpassou o ensino de metáforas em língua portuguesa para surdos bilíngues (Libras-português) que aprendem o português como segunda língua. Neste mesmo ensejo, a autora da pesquisa estuda a integração entre metonímia e metáforas conceituais, bem como aspectos semânticos: iconicidade, metáfora e metonímia.

Já no que se refere à metonímia, Mendes (2013) com a pesquisa intitulada “A metaforização na constituição dos sinais na Libras” recorre aos pressupostos dos autores Lakoff e Johnson (1980; 2002) e Wilcox (2000) para distinguir a iconicidade, a metonímia e as metáforas e constata que, assim como nas línguas orais, várias metáforas na LSB têm base física e cultural, afirma ainda que é possível um item lexical em Libras ser, ao mesmo tempo, icônico, metonímico e metafórico, como apresentar um dos aspectos isolados. Albres (2012) no ensaio: “Integração entre Metáfora, Metonímia e Iconicidade: Estudos da Linguística Cognitiva”, discute que as metonímias são baseadas na incorporação de gestos em línguas de sinais, que há dois tipos de metonímia com base no gesto, aquele em que o gesto em si é metonímico tendo como alvo o conceito e outro em que o gesto mais um sinal manual indica a metonímia.

Diante do exposto, fica evidente a lacuna que existe sobre o tema “Figuras de Linguagem na Libras” e a necessidade de estudo e de registro. Tal resultado preliminar reforça então a relevância da pesquisa proposta, justificando sua realização e apontando para a necessidade de um olhar mais apurado para as línguas de sinais.

3.2 Corpus de análise

O tema “figuras de linguagem” é um componente referenciado como habilidade tanto na BNCC⁹ (Base Nacional Comum Curricular) - quanto na Matriz de referência do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). A BNCC, propõe as seguintes habilidades:

- **EF67LP38**, “Analisa os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, dentre outras” (BRASIL, 2018, p.175).
- **EF89LP37**: “Analisa os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem como ironia, eufemismo, antítese, aliteração, assonância, dentre outras” (BRASIL, 2018, p.191).
- **EM13LP06**: “Analisa efeitos de sentido decorrentes de usos expressivos da linguagem, da escolha de determinadas palavras ou expressões e da ordenação, da combinação e da contraposição de palavras, dentre outros, para ampliar as possibilidades de construção de sentidos e de uso crítico da língua” (BRASIL, 2018, p.507).
- Na Matriz de Referência de linguagens, códigos e suas tecnologias do ENEM na competência de área 1, que aborda a aplicação das tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida, observamos, respectivamente, as habilidades e competências:
- **Habilidade 1** - “Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação” (BRASIL, 2009, p.2)
- **Competência de área 5** - “Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, a função, a organização e a estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção” (BRASIL, 2009, p.3).

Onde se lê “recursos expressivos”, compreendemos como “Figuras de Linguagens”, ressaltando que as figuras de linguagens pertencem ao grupo dos recursos expressivos, porém não são os únicos, existem outros.

Diante disso, a opção por algumas das figuras de linguagem, não todas, se dá pelo fato

⁹ A pesquisa é fundamentada na natureza básica que consiste na ampliação de um campo de conhecimento ou melhorar a compreensão de um fenômeno natural, é um meio importante de gerar novas ideias, princípios e teorias e ainda diz respeito aos estudos que têm o intuito de produzir conhecimentos inéditos, mas, sem a preocupação com a aplicação prática (GIL, 2008)

de, ao realizar o levantamento teórico bibliográfico, essas figuras serem encontradas em grande recorrência nas habilidades da BNCC, já na Matriz de Referência de linguagens, códigos e suas tecnologias do ENEM as figuras não são nomeadas como na BNCC, são referendadas como “Recursos Expressivos da linguagem”, porém nos livros didáticos do ensino fundamental e ensino médio são apontadas figuras de linguagem que serviram de base para nossa escolha e delimitação do corpus.

Para Figueiredo (2007) e Oliveira (2007), o documento como fonte de pesquisa pode ser escrito ou não, tais como filmes, vídeos, slides, relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, gravações, fotografias, pôsteres entre outras matérias de divulgação. Esses documentos são aplicados como fontes de informações, de indicações e de esclarecimentos que trazem seu conteúdo para elucidar determinadas questões e servir de prova para outras, de acordo com o objetivo do pesquisador

Appolinário (2009) define documento como qualquer suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade que possa ser usada como fonte de informação, por meio de investigação, servir para consulta, estudo ou prova. Incluem-se nesse universo os impressos, os manuscritos, os registros audiovisuais e sonoros, as imagens, entre outros. E, ainda segundo o conceito técnico da Associação de Arquivistas Brasileiros, o documento define-se como qualquer informação fixada em um suporte (AAB, 1990).

A escolha por pesquisa documental de vídeos se justifica pelo fato de que vídeos são utilizados como meio de registro pelas comunidades surdas; o registro da Libras, na maioria das vezes é em forma de vídeo. Esta pesquisa compreende a coleta de documentos em formato de vídeos em Libras registrados e divulgados nas redes sociais de acesso e domínio público, com sinalizantes fluentes na Libras, disponíveis nas redes sociais como: *Youtube*, *Instagram*, e *WhatsApp* que contenham as Figuras de Linguagem que são alvo desta pesquisa. Cabe salientar que pesquisas em páginas públicas na Internet que não requerem inscrição ou autorização do administrador para se ter acesso ao conteúdo, dispensam avaliação ética e o registro de consentimento. “São exemplos aquelas pesquisas realizadas em *websites*, *blogs*, *Youtube* etc” (ENSP/ FIOCRUZ, 2020)¹⁰.

A coleta dos vídeos nessas plataformas justifica-se pela facilidade em se capturar dados “espontâneos”, de sinalizantes em Libras em diversas situações, ou seja, da língua em uso, sendo possível abrangência de diversos gêneros textuais. Vale ressaltar que tais produções não

¹⁰ Orientações sobre Ética em Pesquisa em Ambientes Virtuais
https://cep.ensp.fiocruz.br/sites/default/files/orientacoes_etica_pesquisa_ambiente_virtual.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023

têm a influência da pesquisadora, uma vez que nesses vídeos os sujeitos se expressam, narram fatos ou emitem sua opinião sobre determinado tema. Ocorre o emprego de Figuras de Linguagem em, praticamente, todos os gêneros textuais, como em contos, informativos, histórias, diálogos, narrativas, poemas, propagandas e até em textos jornalísticos e científicos.

Para seleção de vídeos para compor o *corpus* da pesquisa, iniciamos as buscas pelo *YouTube*, uma rede social de vídeos *online* que permite assistir, criar e compartilhar vídeos pela internet. Esta plataforma recebe vários registros produzidos em Libras de usuários surdos e ouvintes, uma vez que este *site* favorece o registro de vídeos em Língua de Sinais e a preservação dos mesmos, possibilitando que as pessoas que o acessam possam se interessar em assistir o que foi registrado, tanto no passado quanto no presente, independente do interesse de acesso, sejam filmes, contos, histórias, comédia, drama, teatro, piadas, poesia, discursos do dia a dia, ação, informações diversas, questões políticas, e outros.

As pessoas surdas que têm a Língua Brasileira de Sinais como língua natural (primeira língua) se expressam em Língua de Sinais publicamente pelo *YouTube*. O primeiro requisito para a seleção dos vídeos dentro dessa plataforma era obter produções de Surdos *influencers* digitais, ou seja, sinalizantes conhecidos da comunidade surda brasileira por meio do *YouTube* e que utilizam gêneros textuais variados.

Todos os sinalizantes dos vídeos selecionados são surdos que usam, preferencialmente, a Libras como primeira língua, *influencers* digitais como: Gabriel Isaac e Léo Viturinno, sinalizantes referência em contação de histórias e piadas como Nelson Pimenta, Fábio de Sá e Rimar Segalla, produtores de literatura surda como Fernanda Machado, Rodrigo Custódio. Dentre eles foram encontrados gêneros textuais: história, informações, poesia, piada, discursos do dia a dia.

Já o *Instagram* é uma rede social gratuita com foco em conteúdos visuais (VALINOR, 2022) que são compartilhados por meio de fotos e vídeos de curta duração, capaz de gerar engajamento para temas diversos. Nele, também é possível seguir usuários, curtir, comentar e compartilhar as publicações, além de dispor de várias funcionalidades, como *live*, *stories*, *reels* etc. *Instagram* já é uma das redes mais populares do mundo e vai muito além de interações com imagens. Através do *Feed*, *IGTV*, *Reels*, encontram-se vídeos arquivados com os mais diversos gêneros textuais como tutoriais, entrevistas, dicas, receitas, informações e muitas outros.

Para acessar o *Instagram*, cria-se uma conta e para ver as publicações de uma pessoa ou empresa, basta seguir o perfil dela na rede. Nesta plataforma, foram selecionados os perfis de surdos seguidos pela pesquisadora, em sua maioria *influencers digitais*, em seguida, partiu-se para a seleção dos vídeos, sendo que, *a priori*, a escolha se deu pelos títulos das produções,

conteúdos sobre “surdos” e vida cotidiana da comunidade surda, reflexões, elaborados por esses sinalizantes da Libras, compartilhados no *Feed e Reels*.

A busca também se deu no *WhatsApp*, pois, como afirmam Paulino *et al.* (2018, p. 172), este é um recurso popular, gratuito de bate-papos que permite aos participantes comunicação e compartilhamento de informações, incluindo texto, imagens e vídeos numa interface comum permitindo que todos os usuários visualizem conteúdo compartilhado em tempo real e interajam sincronicamente. Corradi; Vidotti, (2007) salientam que os ambientes virtuais prediletos pelos surdos são *e-mail*, bate-papo, *Messenger* e redes sociais, os quais são fundamentalmente voltados para a interação social.

Em relação à plataforma *WhatsApp*, seus variados recursos concebem que essa interação ocorra de maneiras diferentes conforme os grupos de usuários, permitindo que recursos como textos, vídeos, imagens, ligações e fotografias sejam compartilhadas e usufruídos com facilidade promovendo uma eficiente comunicação entre surdos e ouvintes, inclusive é um recurso muito usado em chamadas de vídeos.

A seleção dos vídeos em Libras, que são a base do nosso corpus, no *WhatsApp* aconteceu de forma diferente das buscas realizadas nos outros dois aplicativos. A pesquisadora tem convívio com a comunidade surda, sendo através de trabalho, relação professor aluno, amizades com surdos, assim, o contato com esses sujeitos na esfera *WhatsApp* é grande. Tanto por meio de contato individual com os surdos ou quanto em grupos com demandas relacionadas a informações, movimentos, educação, escola, instituições.

Vale ressaltar que essas demandas são relacionadas à causa surda e os grupos são compostos por surdos e ouvintes, ou seja, há presença da Libras como meio de interação sendo recorrente a postagem de vídeos pelos surdos presentes nos grupos. Desta forma, a seleção se deu através do ato de assistir aos vídeos recebidos, vídeos esses que continham, à primeira vista, traços de figuras de linguagem foram selecionados e arquivados para, posteriormente, passar por um crivo mais detalhado.

Na nossa perspectiva, o *WhatsApp* foi um campo profícuo de coleta de vídeos, pois são produções espontâneas, em sua grande maioria sem nenhum tratamento prévio à postagem, ou seja, são vídeos sem roteiro, diagramação, edição, maquiagem, preocupação com local, enfim, favoreceu a percepção das figuras de linguagem nas produções em Libras do dia a dia, envolvendo diversos gêneros textuais como informações, notícias, histórias, piadas, opiniões, relatos e outros.

De posse de vídeos pré-selecionados das redes sociais supracitadas, partimos para um estudo mais detalhado, ou seja, nesta etapa, sucedeu a análise e a escolha dos vídeos de forma

mais sistemática, que atendiam a pergunta problema: como se dá o emprego das figuras de linguagem na Libras; a identificação e a extração delas no contexto, embasados nos conceitos apurados e expostos no estudo teórico conceitual. Para tanto, foi realizada uma leitura minuciosa das produções e registro das ocorrências de situações de uso das Figuras de Linguagem na Libras, que será melhor detalhada na próxima seção.

Vale ressaltar que foram selecionados os vídeos produzidos originalmente em Libras, ou seja, traduções e interpretações não foram consideradas. Todos os vídeos coletados para análise estão disponíveis, na íntegra, para acesso através de um QR Code contendo as sinalizações.

Os vídeos selecionados que compõem nosso *corpus* de análise estão alocados no quadro 2, contendo o título do vídeo, a plataforma da qual foi extraído. Ressaltamos que onde se lê *WhatsApp/YouTube* estamos nos referindo aos vídeos coletados do *WhatsApp* e foi transferido para o *YouTube* para facilitar a criação do *QRCode*. Na terceira coluna, tem-se o gênero textual com o qual o vídeo é identificado e por último o link para acessar as produções.

Quadro 6: Identificação dos vídeos selecionados e analisados

VÍDEO SELECIONADO	PLATAFORMA	AUTOR	GÊNERO TEXTUAL	LINK PARA ACESSO
Nota de falecimento	WhatsApp/YouTube	Milton deAzevedo GonçalvesJunior	Notícia	https://youtu.be/r24sNfP0MIk
Divulgação de falecimento	WhatsApp/YouTube	Janaína Gonçalves Costa	Divulgação	https://youtube.com/sHORTS/9ESU7DLuLms
Dica Política	WhatsApp/YouTube	Bruno Amaral	Opinião	https://youtube.com/sHORTS/mPO3QB56O1s
Duas vidas rotina	Instagram	Talita Manzano Marçola	Dica	https://www.instagram.com/reel/CbFqkM8jftR/?igshid=MDJmNzVkMjY
				m NzVkMjY

Surdos não precisam ser valorizados?	YouTube	Gabriel Isaac	palestra	https://www.youtube.com/watch?v=hx0o8XEC7xM&t=14s
O leão e o surdo	YouTube	Fábio de Sá	Piada	https://www.youtube.com/watch?v=6fVIw4xTi3o&t=264s
Folclore surdo: A Árvore	YouTube	Fernanda de Araújo Machado	História	https://www.youtube.com/watch?v=4UBwn9242gA
Meu aniversário dia 19 de março saudades	Instagram	Clarissa Fernandes	Bilhete	https://www.instagram.com/reel/CiBy1jUjFjMvKLM4k26lIYe3RR67-E1r2hs4e40/?igshid=MmU2YjMzNjRIOQ
Vídeo do Felipe	WhatsApp/YouTube	Felipe de Oliveira Ferreira	Bilhete informativo	https://www.youtube.com/watch?v=YP0LPUXOP94
Poesia Surda para Sempre	YouTube	Rodrigo Custódio da Silva	Poesia	https://www.youtube.com/watch?v=M3-YzIzkPxU
Pinóquio em Língua de Sinais	Youtube	Nelson Pimenta	Narrativa	https://www.youtube.com/watch?v=C7UegznsZ_w&t=70s
Perguntas que os Gays odeiam responder	Youtube	Léo Vitorino	Opinião	https://www.youtube.com/watch?v=pGdNxK4Y3rQ&t=101s
Os três machados	Youtube	Rimar R. Segala	Narrativa	https://www.youtube.com/watch?v=dj3MJnJjvsY&t=3s
Os Seis Animais Doutores	Youtube	Nelson Pimenta	Fábula	https://www.youtube.com/watch?v=TNQ-mdhFt9g
Mensagem informativa	WhatsApp/YouTube	Cristiane dos Santos Carvalho	Mensagem/bilhete/Texto informativo	https://youtu.be/Swlv89MDPjc
Notícia hipérbole	YouTube	Kauan	Notícia	https://youtu.be/LVZBesPIch0
Autoconhecimento - Constelação em libras 3: "Carregar os pesos dos pais"	Instagram	Rimar R. Segala	Mensagem informativa Argumentativa (postagem em rede social)	https://www.instagram.com/reel/CvHtnZftag9/?utm_source=ig_web_button_share_sheet

Fonte: Elaborado pela autora

No vídeo intitulado "Notícia Hipérbole", uma produção educacional realizada em uma

escola bilíngue para surdos é o resultado de uma atividade conduzida pela professora da disciplina de Arte abordando o gênero textual ‘notícia’. Durante o processo de matrícula dos alunos, os pais são convidados a assinar uma autorização para o uso da imagem de seus filhos (veja a autorização em anexo) em materiais produzidos dentro da escola. Esse, como alguns vídeos foram alocados no YouTube, como supracitado, para facilitar a geração do QR Code.

3.3 Análise dos vídeos

Esta pesquisa tem como técnica norteadora de análise a pesquisa qualitativa, tendo o ambiente natural como fonte de dados, ou seja, sem qualquer manipulação intencional da pesquisadora. Esse tipo de pesquisa não aspira medir os dados e nem os utilizar estatisticamente como o centro do processo de análise de um problema, a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são a base no processo de pesquisa qualitativa (PRODANOV e FREITAS, 2013). Esta concepção tem como parâmetro a compreensão da realidade de forma contextualizada e não por meio de dados isolados. Tal pesquisa tem como base o modelo chamado “naturalista” ou “qualitativo”, sendo seu principal atributo a reflexão que se constrói na prática e a partir dela (SERRANO, 1998).

Partindo da concepção dinâmica de sujeito como um ser interativo, comunicativo e que compartilha significados num dado contexto, o estudo qualitativo interpela que um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada, podendo ser conduzido através de diferentes procedimentos, sendo um deles o método documental (GODOY, 1995), método aplicado na presente pesquisa por meio de análise de vídeos produzidos originalmente em Libras.

3.3.1 Recursos metodológicos

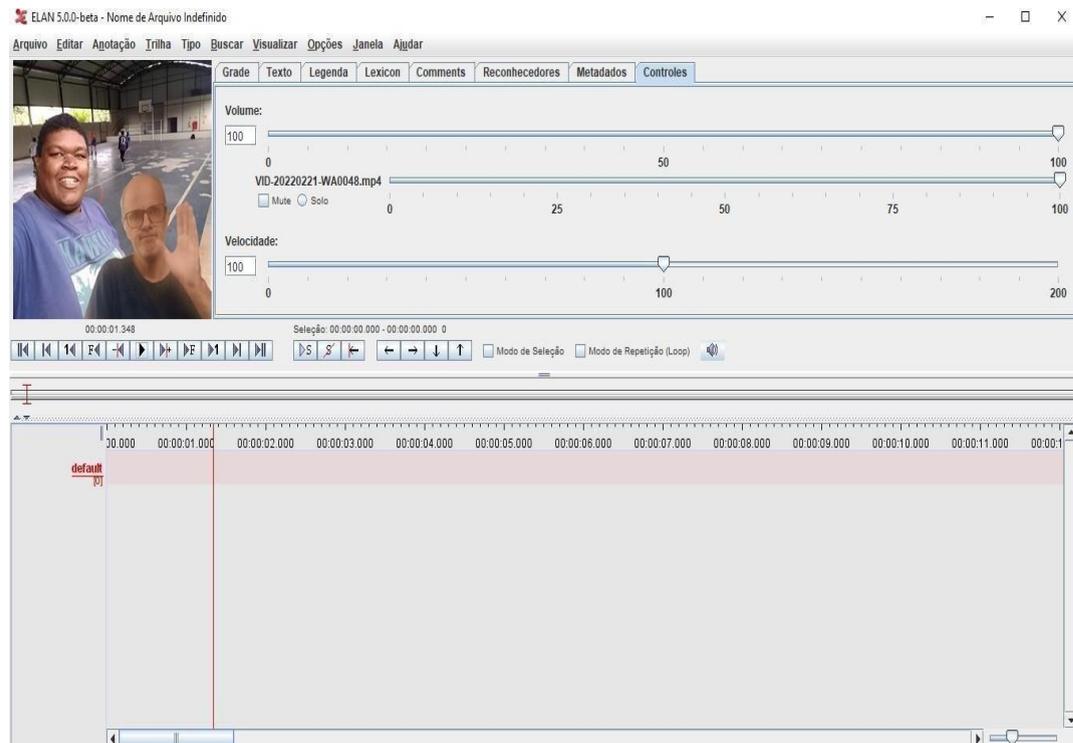
Para a análise, os vídeos foram assistidos várias vezes em velocidade normal para a compreensão, a síntese do assunto, a percepção do gênero textual contido no texto e, à primeira vista, identificação das figuras de linguagem presentes nas produções em Libras. Em seguida, passou-se para uma velocidade mais lenta que possibilitasse a captura dos exemplos por meio do uso do *software* ELAN.

O ELAN (EUDICO – Linguistic Annotator), desenvolvido pelo Instituto de Psicolinguística Max Planck, em Nijmegen, é uma ferramenta de anotação que admite a criação, a edição, a visualização e a procura de anotações por meio de dados de vídeo e áudio, é

disponibilizado gratuitamente pelo próprio Instituto (Figura 8), e serviu-nos para pausar os vídeos nos momentos de mapeamento e presença das figuras de linguagem. Os recursos disponibilizados pelo ELAN: “Ir para o pixel anterior”  atalho (CTRL+SHIFT+LEFT) “Ir para o próximo pixel”  atalho (CTRL+SHIFT+RIGHT), “Ir para o frame anterior”  atalho (CTRL+LEFT) e “Ir para o próximo frame”  atalho (CTRL+RIGHT) auxiliaram-nos nos registros de imagens mais nítidas para o print da tela.

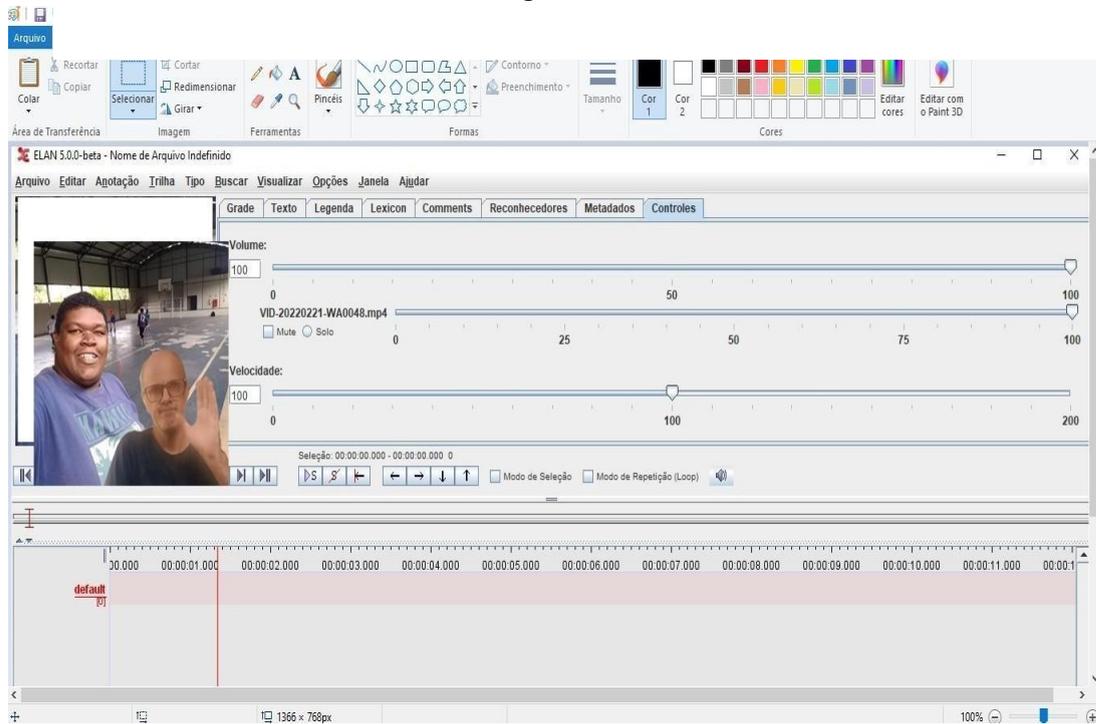
Após o print da tela através da tecla (Prt Sc Sys Rq), utilizou-se o aplicativo *Paint*¹¹, disponibilizado pelo Windows (Figura 9), o Paint É um editor que compõe os programas do sistema operacional Windows e que possibilita pequenas edições ou criações de imagens simples; é um software que possibilita a criação de desenhos e pequenas edições de imagens no Windows. Esse aplicativo, com o uso da ferramenta “seleção de corte” sobre a imagem selecionada e com o auxílio do Control C + Control V para cópia e colagem, possibilitou os registros das imagens arroladas nesse trabalho.

Figura 8: Tela do ELAN



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

¹¹ TECHTUDO. [Página Inicial]. Techtudo, [s.l.], [20--]. Disponível: <https://www.techtudo.com.br/>. Acesso em: 25 nov. 2022.

Figura 9: Tela do *Paint*

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Ao fazer a leitura atenta dos vídeos e, uma vez identificados os sinais ou expressões que correspondiam às figuras de linguagem nas sinalizações, foi realizada a extração das imagens através do *Paint* e registradas no corpo da pesquisa através do *Control C + Control V*. De posse das imagens registradas, foi efetuada a transcrição dos sinais com palavras grafadas do Português, utilizando-se letras maiúsculas que correspondem a uma tradução possível para o português, a que chamaremos de glosas.

Para tanto, utilizou-se o modelo de transcrição conhecido como transcrição Simplificada ou Sistema de Notação por Palavra (FELIPE, 1998; FINAU, 2004), é um sistema que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais do Brasil e outros países como Friedman (1976), Liddell (1977) e Paden (1983).

O sistema de Notação por Palavras permite trabalhar com os dados levantados nesta pesquisa, pois como o foco principal está na identificação das figuras de linguagem na Libras, o registro por meio de notação e sequente tradução para o português são meios práticos de transcrição dos vídeos. Desta forma, optou-se por esse modelo de transcrição dos vídeos por perceber ser ele plenamente suficiente para o tratamento dos dados analisados. Portanto, de acordo com esta transcrição, identifica-se em português os trechos realizados em Libras.

Os sinais da Libras, registrados através de imagem, foram colocados dentro de um

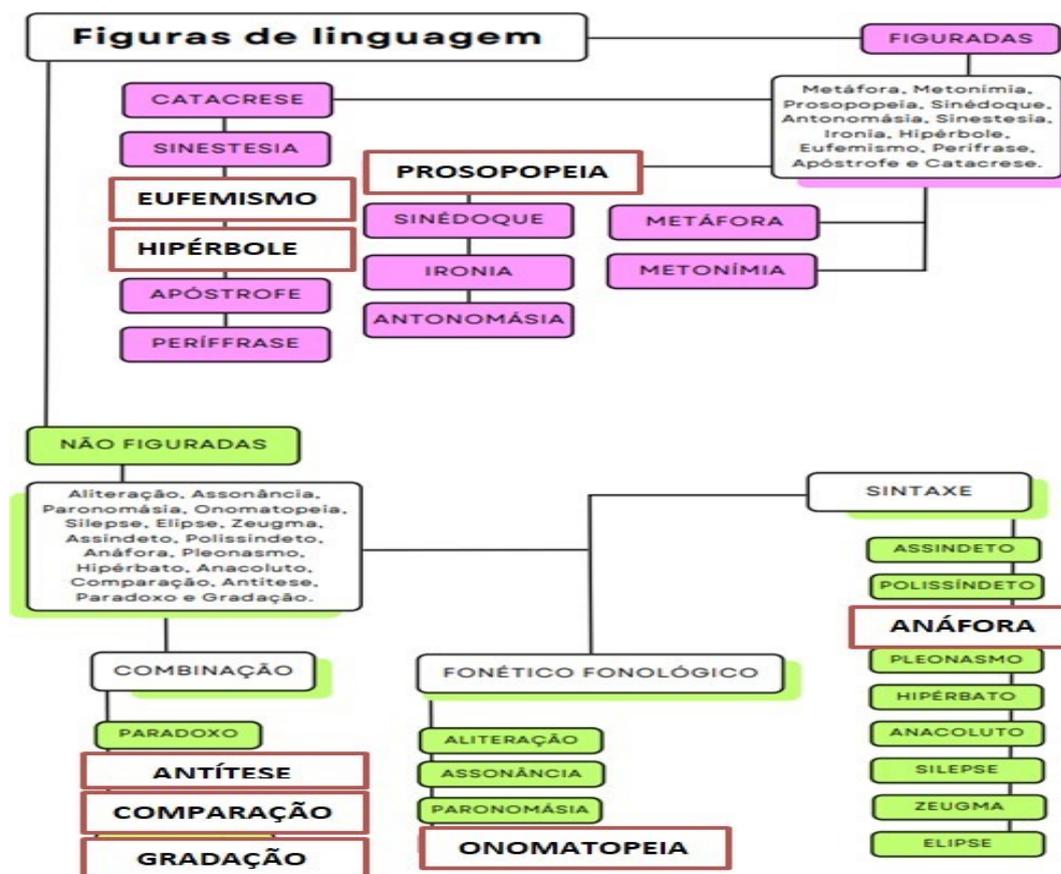
quadro/tabela e transcritos-traduzidos com palavras da língua portuguesa escrita abaixo do sinal correspondente.

4 ANÁLISE E DISCUSSÕES

Por intermédio de estudos teóricos e análises iniciais presentes na pesquisa, podemos identificar as figuras de linguagem na Libras.

A definição estabelecida nessa tese pode ser resumida em: as figuras de linguagem são recursos estilísticos que consistem no uso da linguagem figurada ou não, sendo então a macro divisão de figuras “*Figuradas*” e as “*Não figuradas*” utilizadas nos níveis fonético fonológico (*figuras fonético fonológicas* assim chamadas devido aos efeitos produzidos relacionarem-se com os parâmetros fonético-fonológicos da língua); nível do uso de sentido figurado – *figuras figuradas*, caracterizado por criar um novo sentido através do uso do sentido figurado/metafórico; das estruturas sintáticas (*figuras de sintaxe*, figuras que movimentam as palavras dentro da frase diferenciando da norma ditada pela gramática normativa da língua); o nível do significado por combinação (*figuras de combinação*, caracterizado como recursos expressivos que trabalham com a combinação de palavras, termos, orações ou expressões dentro do texto, promove um novo dimensionamento ao sentido lógico da frase, do período, da oração, utilizados na linguagem para tornar a comunicação mais expressiva, criativa, persuasiva, mais vívida e impactante acrescentando camadas de significado através da figuratividade. e seguindo a classificação proposta nesta tese (figura 6). Assim, destaca-se que não foi feita análise de todas as Figuras de Linguagem. Conforme demonstrado na Fig.10, foram escolhidas as que estão com as bordas destacadas em vermelho.

Figura 10: Figuras de Linguagem analisadas



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Diante disso, a opção por algumas das figuras de linguagem, não todas, se deu pelo fato de, ao realizar o levantamento teórico bibliográfico, essas figuras apresentarem grande recorrência nas bibliografias estudadas e nas habilidades da BNCC, já na Matriz de Referência de linguagens, códigos e suas tecnologias do ENEM as figuras não são nomeadas como na BNCC, são referendadas como “Recursos Expressivos da linguagem”, porém nos livros didáticos do ensino fundamental e ensino médio são apontadas figuras de linguagem que também, como os demais livros sobre o tema, serviram de base para nossa escolha e delimitação do *corpus*.

O quadro abaixo indica os vídeos coletados, o autor da sinalização, o gênero textual e as figuras de linguagem identificadas durante o estudo.

Quadro 7: Especificidades sobre os vídeos selecionados

VÍDEO SELECIONADO	AUTOR	GÊNERO TEXTUAL	FIGURA DE LINGUAGEM
Nota de falecimento	Milton deAzevedo Gonçalves Junior	Notícia	Eufemismo
Divulgação de falecimento	Janaína Gonçalves Costa	Divulgação	Eufemismo
Dica Política	Bruno Amaral	Opinião	Eufemismo
Duas vidas rotina	Talita Manzano Marçola	Dica	Antítese Gradação
Surdos não precisam Ser valorizados?	Gabriel Isaac	Palestra	Antítese
O leão e o surdo	Fábio de Sá	Piada	Personificação
Folclore surdo: AÁrvore	Fernanda deAraújo Machado	História	Personificação
Meu aniversário dia19 de março saudades	Clarissa Fernandes	Bilhete	Hipérbole
Vídeo do Felipe	Felipe de Oliveira Ferreira	Bilhete informativo	Hipérbole
Poesia Surda Para Sempre	Rodrigo Custódio da Silva	Poesia	Anáfora
Pinóquio em Língua de Sinais	Nelson Pimenta	Narrativa	Anáfora Comparação
Perguntas que os Gays odeiam responder	Léo Vitorino	Opinião	Comparação

Os três machados	Rimar R.Segala	Narrativa	Onomatopeia
Os Seis Animais Doutores	Nelson Pimenta	Fábula	Onomatopeia
Mensagem informativa	Cristiane	Mensagem/bilhete Texto informativo	Eufemismo
Notícia hipérbole	Kauan	Notícia	Hipérbole
Autoconhecimento - Constelação em libras 3: “Carregar os pesos dos pais”	Rimar R. Segala	Mensagem informativa Argumentativa (Postagem em rede social)	Gradação

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Na análise, padronizamos uma ordem para deixar mais claro os resultados encontrados. Assim, trataremos das figuras agrupadas nas figuras de linguagem “Figuradas”: eufemismo, hipérbole, personificação, posterior a elas as figuras de linguagem “Não figuradas”: antítese, gradação, anáfora e onomatopeia.

Em cada um desses dois grupos, começa-se com denominação da figura de linguagem estudada/título da seção, em seguida retomamos o conceito da figura referida no título, após exemplos da língua portuguesa – já que fizemos estudo conceitual correlacionando Português e Libras, logo tem-se o *QRCode* e *link* do vídeo coletado. Para acesso do leitor, posteriormente, disponibilizamos a transcrição do vídeo em imagem e sistema de notação por Palavra no formato de figura – tabela e subsequente a correlação dos conceitos das figuras de linguagem na Língua Portuguesa com a Libras, seguidamente foram feitos apontamentos sobre as especificidades das figuras de linguagem na Libras e o estudo linguístico passando pelo estudo estilístico: relacionado às três perspectivas descritas no capítulo 2 – tópico 2.2.1), levando ainda em consideração aspectos socioculturais, expressivos e outros.

4.1 Língua brasileira de sinais sob a ótica das figuras de linguagem: figuradas

As figuras de linguagem figuradas são recursos expressivos que consistem no uso de palavras em sentido figurado, metafórico, em que há alteração de sentido, ou seja, aquelas que se comportam como linguagem figurativa em nível lexical ou gramatical. São figuras pelas quais se atribui a uma palavra uma significação que não é a significação própria dessa palavra em termos convencionais.

4.1.1 Eufemismo

O Eufemismo é a figura de linguagem que se enquadra no grupo das Figuradas, que consiste no uso de uma palavra ou expressão empregada no lugar de outra palavra ou expressão considerada desagradável, grosseira, inadequada em uma determinada situação; podemos substituir esses termos por outros que atenuam a ideia original. Procura atenuar o sentido de determinados termos que geralmente são considerados demasiadamente fortes pelos falantes da língua, há uma intenção, por parte do falante, de não chocar o seu interlocutor (GUIMARÃES; LESSA, 1988).

Assim, de acordo com Sarmiento e Tufano (2004, p. 361), Eufemismo é “[...] a substituição de uma palavra ou expressão para suavizar ou atenuar intencionalmente o seu significado”.

No trecho da obra *Dom Casmurro e os discos voadores*, uma releitura contemporânea do romance de Machado de Assis, “[...] O passar dos anos e o desgaste das células cerebrais finalmente deram razão ao comentário feito tantos anos atrás por prima Justina, que, a estas alturas, já tinha embarcado em sua própria viagem para o desconhecido [...]”. No trecho, Manfredi (2010, p.27), faz referência à morte da personagem Justina que é amenizada pela expressão “viagem para o desconhecido” que cria um eufemismo.

Na charge de Ivan Cabral, 2013 – figura 11, evidencia-se um efeito suavizante a partir da relação de eufemismo por meio da troca do termo *fofoqueira* por *produtora de biografias orais*.

Figura 11: Biografias orais



Fonte: Ivan Cabral (2013). Disponível: <http://www.ivancabral.com/2013/10/charge-do-dia-biografias-orais.html>. Acesso em: 20 jan. 2023.

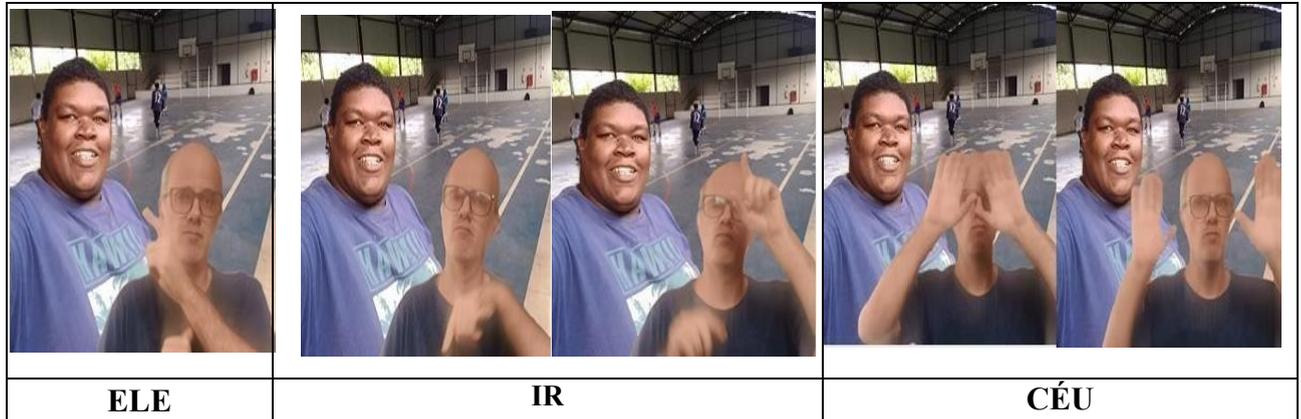
Como nos dois exemplos acima, fica evidente a escolha de palavras mais amenas, delicadas ou gentis para fazer referência a fatos ou situações constrangedores, desagradáveis ou dolorosos. Em uma das análises, um surdo através de vídeo (conferir vídeo através do QR Code) anuncia em uma rede social o falecimento de um surdo muito querido e pertencente à comunidade surda local, os sinais utilizados por ele estão representados na figura 4. Nesse vídeo, o surdo sinaliza um texto semelhante a uma oração/prece, para alguns interpretado como religioso, ou mesmo poético. Porém, vemos que ele faz uma oração pelo amigo que partiu, demonstrando um grande apreço.

Figura 12: “Nota de falecimento – Brunão” no Youtube



Fonte: Kerlen (2022) <https://www.youtube.com/watch?v=r24sNfP0Mlk>

Figura 13: Resultado da busca – Captura de imagem do vídeo “Nota de falecimento Brunão” no Youtube (0:13 – 0:14)



Fonte: Kerlen (2022) <https://www.youtube.com/watch?v=r24sNfP0Mik>

Certos termos que exprimem a morte requerem eufemismos, isto é, meios expressivos que adoçam a brutalidade dessa ideia (LAPA, 1979). Para o homem, nada mais difícil do que a morte. Pois bem, na vida social, o vocábulo que define a ideia pura - morte, é suavizado por certos eufemismos: falecer, perecer, expirar, acabar e outros. Aqui, no exemplo citado, foi usado o vocábulo “ir para o céu”. Todas as expressões procuram atenuar a amargura do transe.

Para Guimarães e Lessa (1989), a morte, na nossa cultura, insigne algo desagradável, assustador, portanto, há uma gama considerável de eufemismos criados e usados para designar essa ideia.

Na figura13, verifica-se, na sequência de sinais utilizados pelo sinalizante, o uso da figura de linguagem “Eufemismo” ao utilizar os sinais “IR CÉU” em substituição ao sinal “MORRER”, suavizando o anúncio da morte de uma pessoa. Cabe aqui ressaltar que existe um sinal na Libras para a palavra “MORRER”, porém, intencionalmente, neste caso, o surdo faz opção por outros sinais.

Pode-se perceber, então, que o sinalizante tenta atenuar a notícia desagradável do falecimento de uma pessoa por meio da substituição do sinal de “MORRER” pelos sinais “IR CÉU”, confirmando, assim, de acordo com o conceito exposto acima de Eufemismo, a presença dessa figura de linguagem na enunciação exemplificada.

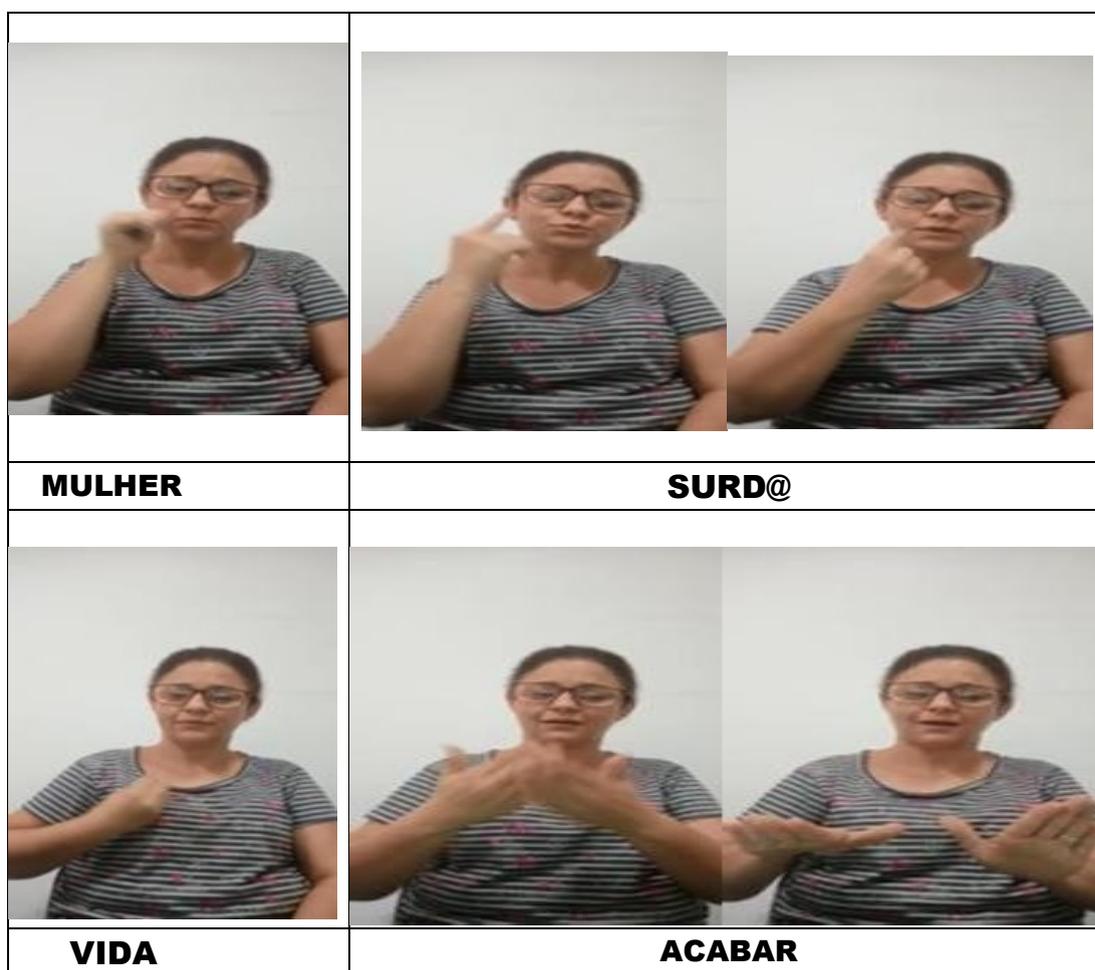
Próximo vídeo analisado, também referente à morte de uma surda (conferir vídeo através do QR Code abaixo):

Figura 14: QR Code - Divulgação de falecimento



Fonte: Kerlen (2022) <https://youtube.com/shorts/9ESU7DLuLms>

Figura 15: Capturas de imagens do vídeo “Divulgação de falecimento” no YouTube



Fonte: Kerlen (2022) <https://youtube.com/shorts/9ESU7DLuLms>

Na figura 15, constata-se também, o uso da figura de linguagem Eufemismo, ao serem utilizados os sinais “VIDA ACABAR” em substituição ao sinal “MORRER”, atenuando a dureza da informação sobre a morte de uma pessoa.

Ambos os vídeos destacados como exemplos tratam da mesma temática, “a morte”, porém, pode-se perceber que foram feitas escolhas linguísticas diferentes em substituição ao sinal “MORRER”. No primeiro vídeo, tem-se os sinais “IR CÉU”, no outro “VIDA ACABAR”: ambos atenuam a tristeza do anúncio da morte de alguém. Entretanto, segundo Lapa (1979), as

escolhas expressivas utilizadas no eufemismo estão intimamente ligadas à vida social, às conveniências sociais. Diante de tal afirmativa, aqui, neste estudo, pode-se constatar que no primeiro vídeo a escolha pela expressão “IR CÉU” é compatível com a vida social que o falecido surdo levava: pessoa muito conhecida na comunidade surda local como um jovem cristão evangélico, de bom-tom, carismático, que todos os dias em suas redes sociais citava passagens bíblicas, enfim, a preferência pelo eufemismo utilizado no vídeo como expressão “IR CÉU” condiz com o perfil ecumênico do sujeito referido. Já no segundo vídeo, tem-se uma surda idosa, caseira, que estava com pouquíssimo contato com pessoas no cotidiano, com vários problemas de saúde, vivia como se estivesse esperando a “VIDA ACABAR”.

Seguindo o princípio do eufemismo, “o ato de falar de uma maneira agradável” (FIORIN, 2014), o vídeo analisado, a seguir (Figura 14- 00:19 a 00:21 e 00:25), trata-se de um tema em que é recorrente o uso de eufemismo, ou seja, o tema “Política”. Tal vídeo direcionado à comunidade surda através do *WhatsApp* traz a opinião e, ao mesmo tempo, vale-se de uma dica sobre determinado candidato a governador do estado, conhecido por muitos surdos, através de experiências com a não aprovação de leis municipais em razão das escolas bilíngues de surdos – ao ser prefeito – ou seja, conhecido como não apoiador das causas das pessoas surdas.

Figura 16: Vídeo - Dica Política



Fonte: Kerlen (2022) <https://youtube.com/shorts/mPO3QB56O1s>

Nas imagens registradas Figura 17 e Figura 18 temos os seguintes eufemismos:

Figura 17: Dica Política



Fonte: Dica política- <https://youtube.com/shorts/mPO3QB56O1s>

Figura 18: Dica Política



Fonte: Dica política- <https://youtube.com/shorts/mPO3QB56O1s>

Nos sinais empregados no discurso do sinalizante do vídeo “ELE NÃO É BOM” (Figura 17) e “ELE NÃO FALA VERDADE” (Figura 18) estão intrínsecas às expressões “ELE É RUIM” e “ELE É MENTIROSO”. Ao se expressar, no vídeo analisado, o falante lança mão do eufemismo para não ofender em sua fala o candidato em questão, ao ponto de tornar-se menos

chocante ao leitor da mensagem o uso de expressões que amenizam e não causem constrangimento ao opinar sobre o político.

Um outro exemplo de eufemismo extraído, conferir vídeo QRCode - figura 19 (00:43 a 00:46), tem-se uma mensagem/bilhete em formato de vídeo informativo enviado pelo *WhatsApp* onde uma professora surda sinaliza diretamente para a receptora da mensagem – Graciele (tem-se o sinal) e a informa que tem uma turma de curso de Libras com alunos “INTELIGENTES” e outros contrários aos inteligentes, portanto “burros”, porém a sinalizante não utiliza o sinal de “burro” e sim a expressão “INTELIGÊNCIA CAIR” (figura 20). Vale ressaltar aqui que o gênero bilhete pode ser um aviso, uma mensagem simples, usado entre pessoas que possuem um certo grau de intimidade, pois é mais informal, como aconteceu na produção analisada.

Figura 19: Vídeo Mensagem



Fonte: Kerlen (2023) <https://youtu.be/Swlv89MDPjc>

Figura 20: Mensagem



Fonte: Kerlen (2023)

Na sinalização da mensagem, ver recorte figura 20, fica evidente a escolha linguística do termo “INTELIGÊNCIA CAIR” para tornar o discurso menos desagradável e constrangedor. Essa expressão utilizada pela sinalizante é uma metáfora utilizada na Libras diferente das usadas na língua portuguesa, portanto, nesse estudo, considera-se um eufemismo utilizado na Libras e

não na LP.

Claramente, percebe-se que a figura de linguagem Eufemismo não se baseia simplesmente em substituir um termo por outro, mas a motivação para as escolhas expressivas que o enunciador faz é reflexo das atenuações que a vida social, como está constituída, nos impõe (LAPA, 1979).

Por se tratar de uma figura que lança mão do sentido figurado ou metafórico, fez-se uma breve e simplificada análise no que tange atribuir a um termo o significado de outro termo, estabelecendo uma relação de semelhança ou de analogia, ou seja, na primeira coluna apresentamos o que se quer compreender (significado implícito) e na segunda coluna é o termo escolhido pelo sinalizante para suavizar a enunciação dos exemplos de eufemismo extraídos da Libras e na terceira coluna a relação entre de uso, forma e sentido entre a Libras e a língua portuguesa (LP).

Quadro 8: Análise do sentido figurado/ metafórico

SIGNIFICADO IMPLÍCITO	TERMO SINALIZADO	RELAÇÃO LIBRAS E LP
“MORRER”	“IR CÉU”	Usado igualmente em ambas as línguas Forma e sentido semelhante
“MORRER”	“VIDA ACABAR”	Usado igualmente em ambas as línguas Forma e sentido semelhante
“RUIM”	“BOM NÃO”	Usado igualmente em ambas as línguas Forma e sentido semelhante
“MENTIR”	“FALAR VERDADE NÃO”	Usado igualmente em ambas as línguas Forma e sentido semelhante
“BURRICE”	“INTELIGÊNCIA CAIR”	Usado apenas na Libras e, não, na LP Forma e sentido diferentes

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Diante das análises expostas, das discussões e da nova perspectiva trazida nesta pesquisa, compreende-se que o eufemismo pertence às figuras de linguagem figuradas, pois,

em suma, utilizam-se da linguagem figurada, um termo é usado em sentido figurado, há alteração de sentido. É a substituição de uma palavra ou expressão para suavizar ou atenuar intencionalmente o seu significado, claramente percebe-se a Figuratividade nos discursos citados.

4.1.2 Hipérbole

Hipérbole é a figura de linguagem figurada que ocorre quando há o exagero de uma ideia (GUIMARÃES; LESSA, 1988).

De acordo com Cherubim (1989), Cegalla (2002), Lopes (2010) e Ramos (2013), Hipérbole é uma afirmação propositalmente exagerada de ideias ou sentimentos, ou seja, que engrandece ou diminui exageradamente a verdade das coisas. É uma deformação da verdade que visa a um efeito expressivo.

Ainda Cherubim (1989), chama-nos a atenção para uma figura chamada Auxese, que consiste em exagerar, exprimindo-se um conceito que não corresponde à realidade.

A palavra Hipérbole (do grego *hypertbolé*) significa ‘ação de lançar por cima ou além’; depois, ‘ação de ultrapassar ou passar por cima’; daí, ‘excesso’, ‘amplificação crescente’, é a figura de linguagem em que há um aumento de intensidade semântica. Ao dizerde maneira mais forte alguma coisa, chama-se a atenção para aquilo que está sendo exposto. (FIORIN, 2014)

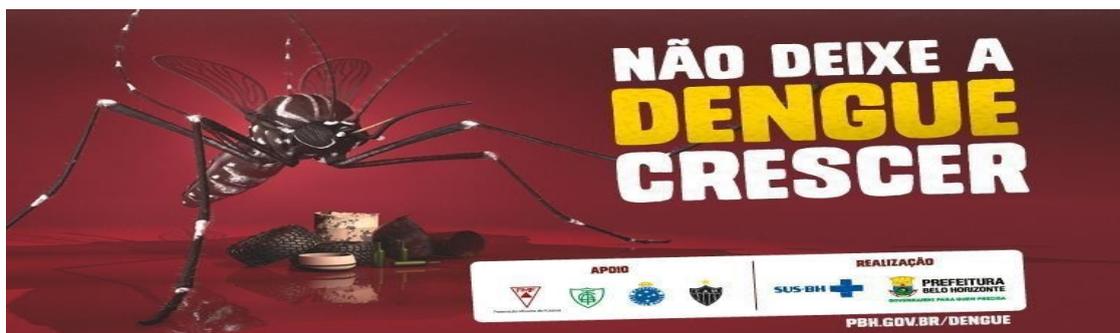
Campos, Cardoso e Andrade (2010) conceituam Hipérbole como um tipo de metáfora em que a significação de um dos termos comparados se torna extrema, exagerada. De acordo com os mesmos autores, Metáfora pode ser definida como o emprego de um termo no lugar de outro por haver entre eles alguma relação de semelhança.

A hipérbole é, provavelmente, uma das figuras de linguagem mais utilizadas em diálogos informais, existem situações em que palavras e expressões corriqueiras não conseguem traduzir com exatidão aquilo que se está sentindo. Quando a fome é muita, dificilmente se diz ‘Estou com fome’. Procura-se dar uma ênfase maior à sensação que se está sentindo, e então diz: ‘Estou morrendo de fome’, tem-se então uma hipérbole. Ao pensar, literalmente, na expressão citada não faz sentido, compreender ‘morrer de fome’ como que alguém está à beira da morte: há a intenção por parte do emissor de externalizar a intensidade da fome, enfatizando assim de forma exagerada a sensação.

No anúncio da prefeitura de Belo Horizonte, campanha contra a dengue em 2019 (representado na figura 21), é retratado o mosquito da dengue em uma escala ampliada,

excedendo o tamanho de garrafas e pneus, ou seja, um exagero, em vias naturais um mosquito da dengue jamais seria maior que os objetos retratados na imagem, trata-se então de uma hipérbole. Essa representação impactante visa enfatizar a magnitude do perigo que os cidadãos enfrentam caso não adotem as medidas preventivas necessárias.

Figura 21: Campanha contra a Dengue – Prefeitura de Belo Horizonte



Fonte – site da Prefeitura de Belo Horizonte – 2019 <https://prefeitura.pbh.gov.br/noticias/prefeitura-promove-caminhada-contradengue-no-confisco-em-venda-nova>

O vídeo (Figura 22), de Clarissa Fernandes, é gênero “Bilhete”, pois, está informando algo, justificando o motivo do atraso das felicitações do aniversário de uma amiga, pedido de desculpas pelo atraso de uma semana e também outra referência seria que no final manda beijos. Ao explicar o atraso no envio da mensagem, ela utiliza uma hipérbole “CABEÇA PARECE EXPLODIR” para exprimir a dor de cabeça intensa que estava sentindo, ou seja, através do uso do exagero há uma ênfase na intensidade da dor e ainda contribui com a intenção de elucidar e justificar o motivo do envio da mensagem que parabeniza o receptor tardiamente (Figura 23).

Figura 22: Vídeo “Meu aniversário dia 19 de março saudades”



Fonte: Roberta_pessoa_libras – Instagram <https://www.instagram.com/reel/CiBy1jUjFjMvKLM4k26IIYe3RR67-E1r2hs4e40/?igshid=MmU2YjMzNjRIOQ>

Figura 23: Meu aniversário dia 19 de março saudades



Fonte: Roberta_pessoa_libras – Instagram

Considerando as imagens extraídas do vídeo (Figura 22), percebemos claramente a sinalização de uma Hipérbole, pois ao sinalizar “CABEÇA PARECE EXPLODIR” denota-se uma dor intensa, considerando aqui que cabeça não explode.

Em diversas situações cotidianas produzidas em língua de sinais, percebe-se a presença da Hipérbole. No vídeo (Figura 24) e imagens (Figura 25) abaixo, tem-se um surdo sinalizando diretamente para a Graciele (faz o sinal) e a informa que teve problemas no DED (Diário Escolar Digital) e também com a internet, percebemos que o gênero bilhete, no caso aqui um aviso, uma mensagem simples.

Figura 24: Vídeo do Felipe



Fonte: Felipe Ferreira – YouTube (2022)
<https://www.youtube.com/watch?v=YPOLPUXOP94>

Figura 25: Imagens do vídeo do Felipe I



Fonte: Felipe Ferreira – YouTube (2022)

Constata-se que o sinalizante, com a intenção de enfatizar o número de tentativas, sem sucesso, de registrar as notas no Diário Eletrônico (DED) para a coordenadora, exagera ao dizer o número de vezes “MILHÕES VEZES” que tentou registrar a nota dos alunos, nota-se, claramente, uma Hipérbole. A intenção do emissor da mensagem aqui, ao exagerar o número de tentativas (milhões) sem sucesso é de persuadir, convencer o outro, no caso a coordenadora, a ajudá-lo.

No mesmo vídeo Figura 26, encontra-se a presença de outra Hipérbole.

Figura 26: Imagens Vídeo do Felipe II



Fonte: Felipe Ferreira – YouTube (2022)

A expressão "morrer de raiva" é claramente uma hipérbole. Nesse caso, quando alguém diz que "morreria de raiva," a pessoa está exagerando dramaticamente o impacto emocional da raiva que estão sentindo. Ao usar essa expressão denota-se que o Felipe está tentando transmitir o quão intensa e insuportável é a raiva que está experimentando. É importante notar que ninguém realmente morre de raiva no sentido literal, mas a hipérbole é usada aqui para destacar o quão intensa é a emoção e o desconforto que a raiva pode causar.

Em outro exemplo, observamos o vídeo na Figura 27, que retrata uma simulação de uma banca avaliadora de proficiência em um curso técnico de tradução e interpretação de Libras. Essa banca representa a terceira etapa do processo de avaliação, na qual os estudantes são avaliados em relação à interpretação Libras para Português. Nessa fase, a professora Mariana narra uma história a partir da língua brasileira de sinais.

Figura 27: Vídeo da 3ª Etapa de avaliação das duas línguas: Mariana e Felipe



SCAN ME

Fonte : Mariana (2022) <https://www.youtube.com/watch?v=r2g-QIQm9E8>

Entre os minutos 17:16 e 17:17 do vídeo analisado (figura 27), a sinalizante durante a narrativa faz uma escolha lexical interessante ao descrever o momento em que foi

aprovada na banca de defesa do doutorado, expressando através do choro uma alegria intensa. Utilizando as duas mãos abertas e com os dedos em movimento alternados, ela representa as lágrimas partindo dos olhos como se fosse uma cachoeira, realizando um movimento semicircular com aumento da trajetória. Essa representação visual é bastante expressiva e exagerada, transmitindo a ideia de uma emoção profunda e abundante.

Figura 28: choro exagerado – hipérbole



Fonte: Imagens do vídeo retirado do YouTube, do canal Mariana (2022).

Ao explorar a imagem acima, podemos observar que as lágrimas liberadas pelo choro não apenas escorrem dos olhos, mas são sinalizadas como um jorro intenso, destacando-se pela sua representação visual exagerada. Essa descrição se configura como uma hipérbole, pois exagera a intensidade do fluxo lacrimal, transmitindo a ideia de uma emoção avassaladora.

Na sequência, tem-se o vídeo (figura 29) produzido por um discente da escola bilíngue de surdos AAVIDA¹² (Assistência Audio-visual para Deficientes Auditivos) situada na cidade de Divinópolis – Minas Gerais. O vídeo analisado é resultado de uma atividade realizada pela professora da disciplina de Arte sobre gêneros textuais, neste caso “notícia”. A tarefa consistia em que os estudantes reproduzissem em formato de vídeo, individualmente, uma notícia que haviam assistido em um veículo de comunicação. Posteriormente, compartilhavam esses vídeos na sala de aula, onde eram analisados e discutidos em relação ao gênero estudado. Além disso, a atividade também abordava o estudo da língua portuguesa escrita como segunda língua (L2).

¹² Disponível em: <http://aavida.com.br/>. Acesso em: fev.2023

Figura 29: Vídeo do KAUAN - Notícia hipérbole



Fonte : Graciele Kerlen (2023). <https://www.youtube.com/watch?v=LVZBesPIch0>

O vídeo mencionado anteriormente retrata uma notícia impactante que captura a atenção do espectador. A notícia foi, originalmente, encontrada na plataforma de mídia social *Instagram*, conforme relatado pelo surdo. O vídeo relata um acidente envolvendo um motociclista surdo que colide com um ônibus. No momento do acidente, o motorista do ônibus e os pedestres se achegaram e começaram a expressar suas reações verbalizando oralmente de forma exagerada e bastante intensa ao redor do motociclista surdo. Ele se levanta confuso e desorientado, incapaz de compreender a oralização que está sendo proferida ao seu redor, porém o acidente não foi grave.

Entre os trechos de (0:06 a 0:08) e (0:18 a 0:23), é evidente a presença de duas hipérboles. A primeira, ilustrada na figura 30, o sinalizante utiliza das duas mãos retratando os olhos arregalados de maneira exagerada, destoando do aspecto natural.

Figura 30: Olhos arregalados exageradamente - hipérbole



Fonte: Imagens do vídeo retirado do YouTube, do canal Graciele Kerlen (2023).

Essa sinalização em pauta traz o sentido de ficar impressionado com algo, no caso a notícia. Enfim, quando se vê algo que se impressiona, fisicamente parece que abrimos mais os olhos, mas no caso em questão a abertura dos olhos - sinalização utilizando as duas mãos uma

ao lado da outra, diante dos olhos, ambas com CM em “S”, abrindo em “C” (manuseando apenas o dedo indicador e polegar), essa abertura acontece, exageradamente, tremendo as mãos, acompanhada de expressão facial e corporal. Vale destacar que não é a expressão “ficar impressionado” que é uma hipérbole, porém é o sinal realizado pelo sinalizante que configura a hipérbole, pois é essa abertura dos olhos sinalizada exageradamente, que seria impossível de ocorrer naturalmente ou humanamente falando é que resulta a hipérbole. Pode-se então concluir que a sinalização dos “olhos exageradamente arregalados – abertos” traz o sentido figurado.

É interessante salientar que esses olhos arregalados seriam na LP - olhos grandes - significando a expressão “olho grande” ou “interesseiro” seria aquele que direciona muita atenção ao que pertence a outra pessoa, sendo, assim, uma pessoa invejosa. Usa-se também nessa mesma língua a expressão "arregalou o olho" para falar do susto.

No caso da LSB, tem-se o sinal expressando, no caso da enunciação analisada, estar impressionado com algo, portanto, a sinalização “olhos demasiadamente grandes – abertura dos olhos exageradamente” é uma hipérbole utilizada na Libras no sentido de estar impressionado com algo (expressão constada no susto e outros) e em português o sentido que a expressão “olhos grandes” toma é diferente e não configura uma hipérbole e sim uma metáfora.

A outra hipérbole identificada no mesmo vídeo (0:18 a 0: 23), refere-se à sinalização da “língua demasiadamente comprida”, em LSB a ideia se associa no sentido de que alguém que utiliza a língua oral como forma de comunicação dispara a oralizar sem parar, ou seja, o sinal envolvendo as duas mãos que partem da boca (caracterizando a fala oral) e o exagero do comprimento da sinalização (afastamento de uma das mãos percorrendo um espaço de distanciamento para longe da boca – de forma demasiada) indica esse ato de falar demais (Figura 31) . No caso analisado faz menção ao motorista e outros pedestres que falaram em língua oral desmedidamente, ou seja, não paravam de falar diante do motociclista surdo que foi acidentado.

Figura 31: Língua demasiadamente comprida - hipérbole



Fonte: Imagens do vídeo retirado do YouTube, do canal Graciele Kerlen (2023).

A hipérbole analisada está associada ao ato sinalizatório, isto é, uma língua por mais comprida que seja, humanamente falando, é impossível uma pessoa atingir com a língua o comprimento sinalizado pelo sinalizante.

Em LP, “língua comprida” significa contar segredos, maledicente, quem fala mal dos outros ou ainda fazer fofoca. Tanto na LSB quanto na LP a expressão “língua comprida” é metafórica, ou seja, há o uso de palavras em sentido figurado, há alteração de sentido, foi atribuído a uma palavra uma significação que não é a significação própria dessa palavra. Todavia, se enquadra na figura de linguagem hipérbole apenas na Libras em comparação a LP, é uma expressão usada em ambas as línguas, porém o significado em língua portuguesa é diferente da Libras. As sinalizações das duas hipérboles registradas nas figuras 28 e 29 tornam o texto ricamente expressivo.

O que notamos nas sinalizações supracitadas: “CABEÇA EXPLODIR”, “MILHÕES DE VEZES”, “MORRER DE RAIVA”, “CHORO EXAGERADO”, “OLHOS ABRINDO EXAGERADAMENTE”, “LÍNGUA DEMASIADAMENTE COMPRIDA” é que, se pensarmos nelas de forma literal, elas não fazem sentido. Ao sinalizar “CABEÇA EXPLODIR”, não quer dizer que a cabeça explode verdadeiramente, “MILHÕES DE VEZES”, não quer dizer que a pessoa tentou e contou de fato o número exato - milhões, “MORRER DE RAIVA” não pode ser compreendido que se está à beira da morte, no “CHORO EXAGERADO” as lágrimas não saltam dos olhos na quantidade e forma indicada, nos “OLHOS ABRINDO EXAGERADAMENTE” os olhos não abrem naturalmente da forma que o sinalizante sinalizou e, por fim, é claro a “LÍNGUA DEMASIADAMENTE COMPRIDA” a língua de uma pessoa não teria condições de ser “tão longa/ tão comprida” do que o normal ou de forma

a dar voltas de tão comprida como demonstrada pelo sinalizante, ou seja, as expressões citadas, afastam-se da precisão, passando a serem exageradas.

As expressões “CABEÇA EXPLODIR”, “TENTAR MILHÕES VEZES”, são metáforas ontológicas, ou seja, “são aquelas que convertem conceitos abstratos em entidades tangíveis, sejam elas objetos, seres humanos ou animais” (LAKOFF e JOHNSON, 2002. p 25). Nossas vivências cotidianas, principalmente aquelas relacionadas aos nossos corpos, constituem a base para uma diversidade incrivelmente vasta de metáforas ontológicas. Elas nos permitem conceber eventos, ações, emoções, pensamentos e outros elementos abstratos como se fossem substâncias ou entidades concretas. Na primeira expressão temos a cabeça referindo-se a um objeto que explode, na segunda o ato de “tentar” – as tentativas são quantificadas, isto é, conceber as tentativas como uma entidade permite referir-se a ela de forma a quantificá-la.

As metáforas ontológicas aqui sinalizadas foram necessárias para tentar lidar racionalmente com as experiências e ainda são hiperbólicas.

Em todos os casos analisados aqui, não podemos entender as expressões no seu sentido literal, e sim, que o exagero, através desses modos de dizer, buscou enfatizar, intensificar, expressar a sensação do falante e é exatamente nisso que consiste a hipérbole.

Diante dessa observação, é importante retomar o conceito e a classificação da hipérbole, que é uma figura de linguagem pertencente ao grupo das figuras figuradas, ou seja, consiste no uso exagerado de um termo no lugar de outro, amplificando sua intensidade, sendo assim, segue o quadro (9) com a análise do sentido figurado/ metafórico, na primeira coluna apresentamos o que se quer compreender (significado implícito) e na segunda coluna é o termo escolhido pelo sinalizante para exagerar a enunciação dos exemplos de hipérbole extraídos da Libras e na terceira coluna a relação entre de uso, forma e sentido entre a Libras e a língua portuguesa (LP).

Quadro 9: Análise do sentido figurado/ metafórico - hipérbole

SIGNIFICADO IMPLÍCITO	TERMO SINALIZADO	RELAÇÃO LIBRAS E LP
“MUITA DOR”	“CABEÇA EXPLODIR”,	Usado igualmente em ambas as línguas Forma e sentido semelhante
“MUITAS VEZES”	TENTAR MILHÕES VEZES”,	Usado igualmente em ambas as línguas Forma e sentido semelhante

“MUITA RAIVA”	“MORRER DE RAIVA”	Usado igualmente em ambas as línguas Forma e sentido semelhante
“MUITA EMOÇÃO” MUITAS LÁGRIMAS	“CHORO EXAGERADO”	Usado apenas na Libras
“ESTAR IMPRESSIONADÍSSIMO”	“OLHOS ABRINDO EXAGERADAMENTE”	Usado como hipérbole apenas na Libras
“FALA DEMASIADA”	“LÍNGUA DEMASIADAMENTE COMPRIDA”	Usado como hipérbole apenas na Libras (relativo à sinalização) Expressão metafórica usada em ambas as línguas porém com sentido diferente

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A figura de linguagem em questão, de acordo com a nova proposta indicada por este estudo, é uma figura que pertencente ao grupo das “Figurativas” (conferir capítulo 2 – tópico 2.2.4), ou seja, implica no uso ou substituição de um termo em um contexto diferente daquele em que é comumente empregado, consiste em atribuir a um termo o significado de outro, diz-se mais para significar menos, mas, por isso mesmo, enfatiza-se o que está sendo expresso. Trata-se, portanto, de uma difusão semântica, ou seja, o menos se projeta sobre o mais; isto é, a expressão mais intensa engloba a menos intensa.

Vale ressaltar aqui que as Figuras de Linguagem servem exatamente para expressar aquilo que a linguagem usual, comum não consegue exprimir satisfatoriamente.

4.1.3 *Prosopopeia Ou Personificação*

Prosopopeia é a figura de linguagem figurada que consiste em dar características de seres animados a seres inanimados, ou ainda de dar características humanas a animais ou objetos (NICOLA; INFANTE, 1997). Pertence a figuras de linguagem figuradas.

Guimarães e Lessa (1988) definem Prosopopeia ou Personificação como a figura que incide em pensar seres inanimados ou irracionais como se eles fossem seres racionais, ou seja, humanos, atribuindo-lhes linguagem, sentimento e ações típicos dos humanos.

Cegalla (2002), Cherubim (1989) e Amaral *et al.* (2013) caracterizam Personificação ou

Prosopopeia como uma figura de linguagem pela qual fazemos os seres inanimados, fictícios, irracionais, ausentes ou mortos agirem e sentirem como pessoas humanas, é um recurso de grande expressividade, principalmente poética, pois empresta vida e ações a seres inanimados. É a figura, por excelência, da ficção, dos mitos, das histórias (estórias) maravilhosas enarrações infantis.

De acordo com Lakoff e Johnson, a personificação é um processo altamente presente no cotidiano e “[...] nos permite compreender grande variedade de experiências concernentes a entidades não-humanas em termos de motivações, características e atividades humanas” (LAKOFF E JOHNSON, 2002 [1980], p. 87).

No conto intitulado "A cartomante", escrito por Machado de Assis, podemos encontrar o seguinte trecho: "A virtude é preguiçosa e avara, não gasta tempo nem papel; só o interesse é ativo e pródigo". Ao analisar esse trecho, observa-se uma "impropriedade" semântica (FIORIN, 2014), uma vez que se atribui à virtude, que é um conceito, características negativas do comportamento humano, como preguiça e avareza, além de ser considerada responsável por gastar tempo e papel, o que implica na atribuição de características humanas a ela. Da mesma forma, ocorre com o interesse, que é retratado como ativo e generoso.

A imagem abaixo (figura 30) reproduz a capa da revista “Questão Amazônica” de abril/maio de 2008. Na reportagem em destaque, o autor faz uso de uma figura de linguagem personificação, na qual atribui ao rio Itapecuru a capacidade de "clamar por ajuda" ou "gritar socorro", conferindo-lhe características humanas. Essa abordagem visa intensificar a expressividade da frase e despertar a atenção do leitor para a importância de proteger esse magnífico curso d'água brasileiro, considerando-o como um ente vivo.

Figura 32: Rio Itapecuru - personificação



Fonte: capa da revista Questão Amazônica¹³

Na piada em Libras - “O leão e o surdo” com Fábio de Sá - Figura 33, o surdo sinaliza uma piada em Libras e o que chama nossa atenção é a expressão corporal e facial. O gênero textual é uma Anedota ou Piada, um gênero humorístico que tem o intuito de gerar humor ao público. O objetivo são as risadas e é feito em ambientes informais. Na piada analisada, apontam-se várias Prosopopeias. Destacam-se primeiramente atribuições ao avião, que é um ser inanimado, ação de fazer pose para foto - Figura 34 e ação de pedir para ficarem quietinhos, que é próprio dos seres animados depois, tem-se o leão surdo, animal irracional, usando as patas para sinalizar a Libras (Figura 36), ação essa que é própria dos seres humanos, ou seja, seres racionais.

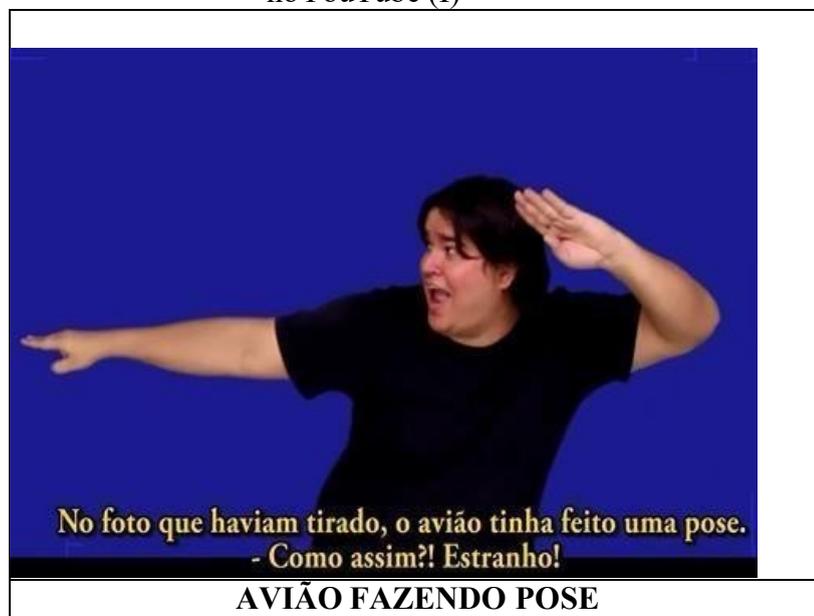
Figura 33: “TV CES - Piada em Libras - “O leão e o surdo”



Fonte: TV CES - Piada em Libras - “O leão e o surdo” no YouTube (2014)
<https://www.youtube.com/watch?v=6fVIw4xTi3o&t=264s>

¹³ Revista Questão Amazônica . Belém: Nacional Editora e Negócios, 2008. Imagem extraída do site da revista: Disponível em: <https://www.questaoamazonica.com.br/edicoes.html>. Acesso em 10 de dez. 2022.

Figura 34: Capturas de imagens do vídeo “TV CES - Piada em Libras - “O leão e o surdo” no YouTube (I)



Fonte: TV CES - Piada em Libras - “O leão e o surdo” no YouTube

Figura 35: Capturas de imagens do vídeo “TV CES - Piada em Libras - “O leão e o surdo””(II)



Fonte: TV CES - Piada em Libras - “O leão e o surdo” no YouTube

Figura 36: Capturas de imagens do vídeo “TV CES - Piada em Libras - “O leão eo surdo”” no YouTube (III)



Fonte: TV CES - Piada em Libras - “O leão e o surdo”no YouTube

No caso da sinalização de animais, a base está no formato das patas/garras, que no caso do leão, é sinalizado com as patas em CM (configuração de mão) 5. Já, lançando o olhar sobre o avião, o formato da sinalização está baseado na parte do objeto - asa (ser inanimado) em analogia a parte do corpo - mãos (ser animado), utilizando-se então a CM em B formato da asa do avião.

No vídeo de Fernanda de Araújo Machado, Folclore surdo (Figura 37), ao recontar a versão brasileira da história de Paul Scott “A árvore”, faz algumas adaptações. A árvore, no Brasil, não é plantada por um lenhador, mas pelo Saci. Nela são abrigados pássaros como araras, repousam onças, mas a árvore e o Saci não conseguem deixar de se sentirem sozinhos. Ao final, a árvore ganha a companhia de outra árvore que brota ao seu lado e agora ambas podem aproveitar a companhia do Saci e do Sacizinho filhote, que acaba de chegar.

Confere-se (Figura 38 e 39) à árvore, desde a semente germinando, estado de broto até a árvore adulta, várias características humanas, tais como: sentimentos (medo, carinho, prazer, alívio, amizade, solidão, tédio e outros), ações (acordar, dormir, olhar, observar e outros).

Figura 37: Vídeo - Folclore surdo: A Árvore (Paul Scott) - versão brasileira



Fonte: Folclore surdo: A Árvore (Paul Scott) - versão brasileira
<https://www.youtube.com/watch?v=4UBwn9242gA&t=5s>

Figura 38: Imagens extraídas do Vídeo -Folclore surdo: A Árvore (Paul Scott) - versão brasileira



Fonte: Folclore surdo: A Árvore (Paul Scott) – versão brasileira

Figura 39: Imagens extraídas do Vídeo -Folclore surdo: A Árvore (Paul Scott) - versão brasileira



Fonte: Folclore surdo: A Árvore (Paul Scott) - versão brasileira

Em ambos os vídeos analisados podemos conferir a prosopopeia sendo sinalizada partindo de recursos intrínsecos das línguas de sinais, como os classificadores e a Ação Construída. Além disso, são muito presentes na sinalização da Fernanda Machado as expressões não manuais e os movimentos das mãos, todo o processo de personificação da árvore se dá com as expressões não-manuais. A mão representando o elemento árvore se mantém, enquanto as expressões se modificam mostrando os sentimentos ou estados da árvore.

Fábio de Sá, no vídeo - Piada em Libras - “O leão e o surdo” em todos os exemplos citados, utiliza-se de Ação Construída, que é uma ferramenta usada em línguas visuais espaciais para representar a ação de uma entidade (QUINTO-POZOS, 2007), ou seja, o sinalizante assume a perspectiva do personagem e encena a ação (QUINTO-POZOS; PARRIL, 2015).

Nesse sentido, considera-se que a Ação Construída não se dá apenas pela imitação de um determinado ser, mas é uma representação feita a partir da subjetividade do sinalizante. A Ação Construída não consiste de uma cópia direta ou precisa de uma certa ação do personagem; mas de uma Ação Construída a partir da perspectiva do narrador (MCCLEARY, VIOTTI, 2010), assim pode-se dizer que a Ação Construída é um recurso importante para que o emissor possa imprimir seu estilo, suas marcas individuais no enunciado.

Outra motivação para a utilização da Ação Construída pelos sinalizantes é a de atribuir mais clareza e detalhes ao enunciado, semelhante às atribuições causadas pelas figuras de

linguagem. Segundo Bolgeroni e Viotti (2013), a Ação Construída é capaz de expressar, de forma elegante, fenômenos comuns nos discursos das línguas sinalizadas. Quinto-Pozos(2007) amplia essa perspectiva e questiona se a Ação Construída, ao ser utilizada, transformao sinalizante no próprio objeto do texto, poderia tornar uma mensagem ou narrativa mais clarae, talvez, até mais correta. Esse questionamento chama a atenção exatamente para o impacto da escolha da Ação Construída para sinalizar determinados textos.

Fernanda utiliza seu corpo (sentimentos e ações expressos em seu rosto e corpo), movimento do braço, da mão, para dar características humanas à árvore. Para tanto, ela utiliza classificadores que são configurações de mãos para demonstrar um referente (BERNARDINO, 2012). Os classificadores podem ser conferidos quando Fernanda muda a configuração de mão da árvore com medo, aliviada, movimentando para acordar uma onça e outros. E ainda utiliza da Ação Construída como usa todo o corpo, a cabeça e o tronco, para demonstrar expressões e emoções da árvore.

Nota-se nos exemplos citados uma “impropriedade” semântica (FIORIN, 2014), pois atribui-se ao avião, ser inanimado, a árvore, ser irracional atitudes próprias dos seres humanos, como fazer pose para foto, conversar usando a Libras, sentimentos de alegria, tédio e outros. Nas personificações citadas, há, para lhes intensificar o sentido, um alargamento do alcance semântico (FIORIN, 2014) dos termos designativos dos entes concretos não humanizados (avião e árvore) pela atribuição a eles de traços próprios dos seres humanos.

Há nas construções estudadas aqui apresentadas, uma generalização impactante que não se conseguiria se não estivesse dado características humanas aos seres não humanos. Podemos constatar que o traço semântico que foi selecionado, “AVIÃO”, “LEÃO”, “ÁRVORE” concentra neles o sentido de todos os termos, portanto há uma concentração semântica em torno do termo escolhido, por exemplo, humanização dos seres não humanos.

A personificação ou prosopopeia tem natureza figurada, utiliza-se da linguagem figurada, ou seja, metafórica, que, por concentração semântica no eixo da extensão, despreza uma série de traços e leva em conta apenas alguns comuns a dois significados que coexistem e, com isso, dá concretude e tônus a uma ideia abstrata. E o que estabelece uma compatibilidade entre dois sentidos é a similaridade, isto é, a existência de traços comuns a ambos. Ao utilizar-se da prosopopeia, estabelece-se uma compatibilidade predicativa por similaridade, fundamento da metáfora, restringindo a extensão sêmica dos elementos coexistentes e aumentando a tonicidade.

Nos exemplos selecionados da LSB, que é nosso foco, percebe-se a similaridade que faz coexistirem os significados de avião e a pose para foto e com o sinal de ficar quieto; entre leão

e sinalização em Libras é a comunicação, isto é, o fato de o sinalizante atribuir ao avião e ao leão características humanas, no caso, o uso de língua de sinais por parte dos seres inanimados converge na similaridade ‘comunicação’ e ou linguagem que pode acontecer com surdos, ora sem comunicação, no caso do avião, situação muitas vezes vivenciada pelos surdos. E em relação ao leão, a pessoa surda utiliza a Libras no caso do Brasil para se comunicar e, fato é que a similaridade está na comunicação/linguagem.

Já no texto *Folclore surdo: A Árvore*, sinalizada por Fernanda Machado, entre a árvore e as sensações, a similaridade perpassa pelo sentimento. Alargando a análise aqui disposta, a compatibilidade dos elementos envolvidos aponta para a visão de que os surdos são pessoas que sentem como qualquer ser humano, desmistificando a ideia de que na Antiguidade Clássica, tanto na Grécia como em Roma, os surdos eram considerados incapazes, imperfeitos e indignos de pertencer à sociedade, sendo assim privados dos seus direitos (DIAS, 2013), pois a condição de ser humano pressupunha o domínio da linguagem expressa pela fala oral. Assim, ao considerar o surdo como um não humano, pelo fato de não desenvolver estruturas de pensamento, como já enfatizava Aristóteles, em 355 a. C., que defendia que os surdos eram incapazes de raciocinar e conseqüentemente desprovido de sentimentos.

Em todos os exemplos supracitados os sinalizantes atribuíram características humanas, sentimentos, ações ou características a seres inanimados que não possuem essas características por natureza. Essa figura de linguagem é frequentemente usada na literatura e na linguagem cotidiana para tornar o enunciado mais expressivo, envolvente e metafórico.

A prosopopeia permitiu que os enunciadores criassem imagens vívidas e fizeram com que os receptores se identificassem melhor com o que estava sendo descrito/sinalizado. Humanizar seres não humanos, tornou-os mais acessíveis e compreensíveis. Além disso, a prosopopeia foi usada para transmitir emoções, dar vida às narrativas e criar metáforas poderosas.

Em resumo, a prosopopeia tornou a comunicação mais rica, imaginativa e eficaz, ao atribuir características humanas a elementos não humanos ou abstratos.

Vale ressaltar que a prosopopeia se enquadra nas figuras de linguagem figuradas, pois a relação existente entre os elementos é embasada no sentido figurado, entre seres inanimados e características dos seres vivos.

4.2 Figuras de linguagem não figuradas

As figuras de linguagem “Não Figuradas” são aquelas que não se comportam como linguagem figurativa compreendendo as que comportam como sentido literal em nível fonético fonológico, sintático e por combinação. São maneiras distantes daquelas naturais e ordinárias.

4.2.1 Antítese

A antítese é uma Figura de linguagem pertencente ao grupo das “Não Figuradas” e de combinação, pela qual salienta a oposição entre duas ideias ou palavras (CHERUBIM, 1989). Guimarães e Lessa (1988) reforçam o conceito de antítese como a figura que consiste em opor a uma ideia outra de sentido oposto.

Pires-de-Melo (2001) salienta a diferença entre antítese e antonímia. A simples presença de palavras ou expressões opostas em um texto que evidentemente não caracteriza uma escolha combinatória expressiva do autor é antonímia. Ou seja, enquanto antítese é a associação de ideias contrárias, por meio de palavras ou enunciados de sentidos opostos manipulados intencionalmente dentro de um contexto (frase, enunciado verbal, sinalizado ou escrito), a antonímia é a relação de palavras opostas, não há um contexto, é somente a ideia mesmo de que para a palavra “sim” existe o oposto ou contrário “não”, por exemplo, ou seja, não é figura de linguagem. Porém, vale destacar aqui, que segundo Fiorin (2014) o fundamento lexical da antítese é a antonímia.

Saussure afirma que na língua só há diferenças. Isso quer dizer que só se compreende o sentido quando se apreende uma oposição que, normalmente, fica implícita. Na canção “Certas Coisas”, de Lulu Santos e Nelson Motta, explora-se com antítese, a ideia de que o sentido nasce da diferença:

Não existiria **som**
 Se não houvesse o **silêncio**
 Não haveria **luz**
 Se não fosse a **escuridão**
 A vida é mesmo assim, **Dia e noite, não e sim.**

Na música acima, vê-se antítese em: som e silêncio; luz e escuridão; dia e noite; não e sim. É possível, igualmente, produzir efeitos cômicos por meio da oposição de ideias.

Nessa situação, é o contexto que determina a união de opostos e viabiliza o reconhecimento das antíteses nas figuras (40) e (41).

Figura 40: Humor - Antítese



Fonte¹⁴: Mixórdia o Menos Pior do Radicci – Iotti (2001) p. 101.

Figura 41: Humor - Antítese



Fonte: Mixórdia o Menos Pior do Radicci – Iotti (2001) p. 102

Para a esposa frustrada, o marido é a “Torre de Pisa” por oposição ao “colosso de Rodes”; é a “pintura rupestre” por oposição à “escultura grega”. As características atribuídas às personagens conferem o sentido contrário a essas ideias.

No vídeo (fig. 42) temos uma reflexão da vida, um conselho, intitulado pela autora “Duas vidas, rotina”. A sinalizante traz uma dica, uma reflexão diante da rotina da vida. Na Fig. 43, observa-se a oposição de ideias entre positivo e negativo, constituindo assim uma Antítese. Esta oposição ficou perfeitamente compreensível. Ou seja, a vida é feita de atitudes ora “POSITIVAS” ora “NEGATIVAS”. Ela usou as ideias contrárias num contexto de uma mensagem que quer expressar. Essa forma de se expressar, refere-se à antítese.

¹⁴ IOTTI, C.H. Mixórdia. O Menos Pior Do Radicci. Porto Alegre: L&PM, 2001.

Figura 42: Vídeo “Duas vidas rotina”



Fonte: Talitam21 (2022)

<https://www.instagram.com/reel/CbFqkM8jftR/?igshid=MmU2YjMzNjRlOQ%3D%3D>

Figura 43: Resultado da busca – Captura de imagem do vídeo “Duas vidas rotina”



Fonte: Talitam21 (2022)

Segundo Silva e Nogueira (2014), a Libras se distingue das línguas orais pelo fato de se valer do meio visual espacial, enquanto que as línguas orais auditivas valem-se do meio oral auditivo, sendo assim a Libras usa o espaço e as dimensões que ele proporciona, formulando e desempenhando os aspectos “fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos, e estes são percebidos pelos seus usuários também através do espaço” (SILVA; NOGUEIRA, 2014, p.1).

Por se tratar de um texto produzido em Língua Brasileira de Sinais (Libras), uma língua de modalidade visual espacial motora, a sinalização da antítese Figura 43 demonstrada pelos sinais “POSITIVO” e “NEGATIVO” explora uma característica intrínseca das línguas de sinais – a referência espacial. Nas línguas de sinais, cada nominal pode ser relacionado a uma

localização específica no espaço de sinalização (LOURENÇO, 2017). Há ainda a possibilidade dessa relação se dar ao realizar o sinal naquele ponto específico, cada localização contém informação suficiente para identificar unicamente seu referente (MEIR, 2002, p. 419).

Podemos perceber na figura 43 que o sinal “POSITIVO” é realizado no lado direito do sinalizante, em contrapartida o sinal “NEGATIVO” é realizado do lado esquerdo. Constatamos então que a sinalização da antítese na Libras pode ser marcada pelo uso de espaços opostos, considerando, então, que a antítese nessa língua, além de ser associada a ideias, palavras ou expressões, no caso do nosso estudo o uso de sinais opostos, temos ainda uma característica peculiar da Libras – por ser de modalidade visual espacial motora – o uso da sinalização em espaços opostos.

Vale ressaltar que os sinais “POSITIVO” e “NEGATIVO” de acordo com o contexto trazido pelo vídeo, referem-se a coisas boas e coisas ruins, ou seja, os sinais utilizados carregam um sentido metafórico/sentido figurado. Concordando, assim, com o nosso estudo, pois essa escolha por parte do emissor da mensagem evidencia a intenção ou a necessidade que o mesmo tem de dizer as coisas, de maneira nova, diferente e criativa. O que não pode ser colocado como regra é que toda antítese usará do sentido figurado, pois ela pertence ao agrupamento das figuras não figurativas.

A figura de combinação, aqui no caso a antítese, consiste numa alteração no que se refere a intenção do falante. Essa alteração feita por combinação de opostos não se dá na enunciação apenas, mas anteriormente, no processo de elaboração mental da expressão (GUIMARÃES; LESSA, 1988).

No vídeo de Gabriel Isaac (Figura 44), tem-se um surdo sinalizando a importância da valorização dos surdos, as diferenças no cotidiano das pessoas ouvintes e surdas e fala também da temática privilégio ouvinte, mostrando diversos argumentos sobre esse tópico. Trata-se do gênero textual “palestra” e a principal característica é o fato de o tema haver sido divulgado para um determinado público e uma de suas atribuições é a defesa de ideias e o convencimento de quem o assiste. Também podemos dizer que é um texto informativo, pois mostra ideias e tem como objetivo esclarecer seu posicionamento demonstrando suas análises críticas construídas a partir das experiências do indivíduo surdo.

Percebe-se no vídeo (Figura 44 – 00:29 a 00:30) a antítese existente entre “PESSOA SURDA” e “PESSOA OUVINTE”. Normalmente, não existiria oposição entre pessoa surda e pessoa ouvinte, ou seja, não configuraria uma antítese, porém a partir da intenção do falante de trazer à tona um pressuposto sensorial, cultural e histórico da diferença entre surdos e ouvintes, compreende-se uma alteração do que é comum. Para expressar a diferença decotidiano entre as

peças surdas e ouvintes, o sinalizante recorre à associação de opostos, criando-se assim uma antítese. Vale ressaltar aqui uma característica da estilística, a expressão individual, subjetiva, que resulta de uma gama extensa de fatores ou condicionamentos culturais, como as influências do meio, da época, da estrutura linguística, e, além disso, os fatores de ordem histórico-cultural não devem ser desprezados em relação ao estilo. O conceito de estilo deve ficar muito além do indivíduo enquanto personalidade única.

Figura 44: Vídeos “Surdos não precisam ser valorizados?” Capturas de imagens do vídeo “Surdos não precisam ser valorizados?” no YouTube



Fonte: Isflocos (2020) <https://www.youtube.com/watch?v=hx0o8XEC7xM&t=14s>

Figura 45: Capturas de imagens do vídeo “Surdos não precisam ser valorizados?” no YouTube



Fonte: Youtube: Isflocos - <https://www.youtube.com/watch?v=hx0o8XEC7xM&t=14s>

A antítese aqui empregada denota uma visão acerca da relação de oposição, trazida pelo texto, de pessoas surdas *versus* ouvintes, que se funde nas diferenças do cotidiano e das condições de uma pessoa surda e de uma pessoa ouvinte, diferenciações do outro ouvinte está continuamente especificada através das narrativas dos surdos e são colocadas como uma

marcade diferenciações ainda mais perpetuantes no dia a dia (PERLIN, 2004)

Segundo Guimarães e Lessa (1988), é através das figuras de linguagem, desse modo de dizer, diferente do comum, que se enfatizam nossas sensações, portanto há uma escolha consciente do sinalizante de expressar a sensação de oposição. As figuras de linguagem, mais especificadamente aqui as figuras de combinação – antítese, dão forma ao pensamento do autor, externalizando a cultura da diferença entre pessoas surdas e ouvintes através das palavras/sinais. Ou seja, os sinais produzidos guardam o reflexo da cultura, das coisas que designam ou dos ambientes em que são empregados (GUIRAUD, 1978) causando assim uma novidade.

Fiorin (2014) acrescenta que a antítese serve para mostrar as sutilezas da análise da realidade, onde se acotovelam incongruências, oposições e incoerências, o que normalmente através da linguagem comum não seria uma antítese. No vídeo (Fig 45) vemos uma antítese claramente sinalizada pela oposição de ideias causadas pela influência ou diferença cultural entre surdos e ouvintes, isso acontece para intensificar o que se diz, mostrando contradições e contrariedades presentes no objeto de que se fala (FIORIN, 2014). Pode-se perceber que a antítese é um acúmulo de significados que se explicitam as oposições implícitas na construção dos sentidos.

O uso espacial da antítese através da sinalização do Gabriel Isaac vai de encontro ao mesmo princípio usado no primeiro vídeo, a oposição de ideias. No caso, surdos e ouvintes, a sinalização é marcada em local e espaço opostos, vemos claramente o sinal “SURDO” colocado do lado esquerdo e “OUVINTE” lado direito

Nas Figuras 43 e 45 relacionadas à antítese que os sinalizantes produzem os sinais associando-os em espaços opostos, ou seja, marcando as ‘ideias contrárias’ em pontos distintos, pontos contrários no espaço, de modo que podemos concluir que a antítese na Librasacontece quando a localização e/ou a referência espacial é determinada pela localização espacial dos argumentos em lados opostos, ou seja, que a sinalização da figura de linguagem antítese é marcada pela sinalização dos sinais opostos em *locus* opostos, seguindo assim uma característica da língua visual espacial.

A execução de um sinal em um determinado ponto no espaço implica mudanças de significados relacionadas com o referente. Quando se quer ser específico quanto ao referente, é possível realizar um sinal em uma determinada localização.

Em suma, em ambos os vídeos, no domínio da modalidade visual espacial, a antítese é construída pelo contraste de sinalização em espaços opostos, é uma figura que é caracterizada pela criação de opostos com o objetivo de dar clareza e favorecer a compreensão do que se expressa, porém não utiliza em sua essência a linguagem figurada, portanto está associada às

figuras “Não figuradas”, mais especificamente ao grupo das figuras de combinação.

Portanto, esse movimento causado pela antítese em combinar ideias opostas causa um novo sentido ao enunciado, cria uma figura mental especial, há um acúmulo de significados, porque se explicitam as oposições implícitas na construção dos sentidos. Isso acontece para intensificar o que se diz, realçar algo ou para enfatizar um contraste de cultura, bem como usar da força argumentativa como foi analisado no vídeo de Gabriel Isaac, mostrando contradições e contrariedade presentes no objeto do qual se fala. Contudo, a referência espacial e a organização de opostos em *locus* opostos não é uma especificidade da antítese, acontece também em outros casos na língua de sinais.

4.2.2 Gradação

A figura de linguagem de combinação - não figurada - consiste em dispor uma série de ideias, fatos, sentimentos ou expressões numa determinada ordem que expressa sempre um pouco mais – gradação ascendente – ou um pouco menos – gradação descendente – do que o que precede (CHERUBIM, 1989).

De acordo com autores como Nicola e Infante (1997), Cegalla (2020), Lopes (2010) e Fiorin (2014), na Gradação, quando o encadeamento se faz em ordem crescente, em que se amplia o enunciado, numa intensificação crescente, tem-se o clímax (do grego *klimax*, que significa “escada”), quando em ordem decrescente, o anticlímax, colocam-se os termos numa sequência que vai do mais intenso para o menos intenso.

Quando se recorre a uma sequência de palavras ou expressões para criar ideia de progressão, seja ascendente ou descendente, ocorre à figura de pensamento chamada de Gradação, conferir figura 44.

Figura 46: As cobras – Gradação



Fonte: As cobras em: Se Deus existe que eu seja atingido por um raio. Veríssimo (1997). p. 47.¹⁵

Na tira “As cobras”, observa-se uma gradação entre os termos Terra/sistema solar/bilhões de outros sistemas/galáxia/trilhões de outras galáxias, ou seja, é uma gradação crescente, que parte do menor para o maior. A Terra é um dos planetas que faz parte do sistema solar, conseqüentemente esse sistema é um dos que faz parte de outros sistemas, que estão dentro de uma galáxia e essa galáxia faz parte de um trilhão de outras galáxias.

No fragmento de texto, de Marina Colasanti: (...) E num estalar de juntas que se soltam, de amarras que se desfazem, o guerreiro moveu-se, levantou a cabeça, ergueu o tronco, pôs-se de pé. (...).¹⁶

Percebe-se a presença da gradação ao usar os verbos correspondentes a ações: moveu/levantou a cabeça/ergueu o tronco/pôs-se de pé, que aumentam gradativamente de intensidade contribuindo, no fragmento, para dar ideia da recuperação física do personagem.

No vídeo produzido por Talita Manzano Marçola (Figura 43 - Vídeos Duas vidas rotina no tempo 00:39 a 00:44 e 00:44 a 00:46) temos duas referências de gradação.

¹⁵ VERÍSSIMO, L.F. As cobras em: Se Deus existe que eu seja atingido por um raio. Porto Alegre: L&PM, 1997. p. 47.

¹⁶ COLASANTI, M. 23 histórias de um viajante. São Paulo: Global, 2005. p.47.

Figura 47: Captura de tela do vídeo: “Duas vidas rotina”



Fonte: Talitam21 (2022).

Observa-se uma gradação entre os sinais LIVRO (ação de abrir o livro) e FECHAR LIVRO (ação de fechar o livro), sendo que ABRIR LIVRO/FECHAR LIVRO traz uma ideia de progressão ascendente, ou seja, primeiro o livro é aberto para depois ser fechado. Na sinalização supracitada, a autora utiliza da gradação ABRIR LIVRO e FECHAR LIVRO para indicar que a vida é como páginas de um livro que tem começo e fim.

Na mesma produção, tem-se na Figura 48 (conferir vídeo figura 40 -00:42 a 00:45) outra gradação:

Figura 48: “Duas vidas rotina”



Fonte: Talitam21 (2022)

O emprego dos sinais NASCER, CRESCER e MORRER corresponde à ordem crescente de intensidade das ações, tem-se a amplificação do enunciado, que indica a transformação da vida gradativamente, contribuindo para dar ideia de começo, meio e fim. Portanto, é a figura de linguagem conhecida como Gradação, tem-se aqui uma sequência de significados dispostos numa ordem ascendente, em que o posterior a nascer é o crescer e na sequência vem o morrer (nascer/crescer/morrer), de acordo com Fiorin (2014), a gradação numa ordem ascendente é uma sequência de significados dispostos em que o posterior diz um pouco mais do que o anterior.

Vale ressaltar aqui, que o próprio sinal de CRESCER é intrínseco à gradação, ou seja, o sinal de CRESCER é realizado em etapas marcantes, a primeira em frente ao corpo na altura do busto, mais baixa (indicando menor/baixo – etapa da infância), na sequência, a posição da mão vai progredindo em altura ascendente, é colocada na altura mediana, em frente ao pescoço (indicando médio – etapa da juventude) e, por fim, a mão localizada em maior altura das sinalizações anteriores (indicando alto – fase da vida adulta).

Percebe-se que as duas gradações expressas no vídeo analisado são gradações ascendentes e como característica da gradação, os sinais usados têm significados relacionados e ambas as sinalizações estão inseridas em um mesmo contexto, as escolhas dos sinais que compõem a gradação dão mais expressividade à fala do autor, em que a vida tem um começo, um meio e um fim assim como as páginas de um livro que começa e termina.

No exemplo abaixo (figura 49), tem-se uma produção de Rimar Segala, uma mensagem de rede social, um texto informativo onde é apresentado sobre Constelação Familiar Sistêmica - autoconhecimento, cujo foco é “Carregar os pesos dos pais”. No espaço de tempo (00:45 a 00:55), constata-se uma gradação.

Figura 49: Autoconhecimento - Constelação em libras 3: “Carregar os pesos dos pais”



Fonte: Instagram – Rimar Segala (2023)

https://www.instagram.com/reel/CvHtnZftag9/?utm_source=ig_web_button_share_sheet

Através do recorte do vídeo, tem-se as imagens relativas à gradação utilizada pelo sinalizante (figura 50).

Figura 50: Capturas de imagens do vídeo “Autoconhecimento - Constelação em libras 3: Carregar os pesos dos pais” no Instagram





Fonte: Imagens do vídeo “Autoconhecimento – Constelação em libras 3: Carregar os pesos dos pais” noInstagram SEGALA (2023) – Disponível em https://www.instagram.com/reel/CvHtnZftag9/?utm_source=ig_web_button_share_sheet

O uso da figura de linguagem gradação, nesse contexto, ajuda a criar uma narrativa mais fluida e coerente ao descrever a evolução de um relacionamento entre um pai e uma mãe até a formação da família. Essa gradação de etapas, desde o momento em que eles se conheceram passando pela conquista, namoro, seguindo para noivado e chegando ao casamento, ou seja, conhecer/conquistar/namorar/noivar/casar, fornece uma estrutura clara e sequencial da construção familiar que envolve duas pessoas, o que facilita o entendimento da progressão do relacionamento e constrói, ainda, entendimento de que essa união não acontece em um vácuo, mas carrega uma bagagem emocional e comportamental que foi moldada por experiências familiares trazidas pelos indivíduos que se unem, desempenhando um papel significativo nesse processo. Isso enfatiza, também, como o autoconhecimento e a compreensão das influências familiares são essenciais para lidar com os desafios e responsabilidades que vêm com a formação de uma nova família, especialmente, quando se trata do conceito de "carregar os pesos dos pais". E foi exatamente a sinalização da gradação capturada no vídeo ver (figura 48) que demonstrou esse processo de construção entre duas pessoas culminando na família e o ato de carregar os pesos dos pais, a escolha por essa figura de linguagem deixou o texto mais compreensível, claro, acessível, didático e auxiliando na construção do conceito e desenvolvimento da temática abordada.

A gradação, de acordo com essa pesquisa pertence ao grupo das figuras de linguagem não figuradas, pois não utiliza da linguagem figurada, porém a figuratividade causada pode ser compreendida pelo fato de utilizar termos em sequência, o que não se trata simplesmente de

qualificar o processo, mas de exprimi-lo em suas diversas etapas e de forma gradativa (GUIMARÃES; LESSA, 1988) cria um sentido do enunciado, provoca um efeito de sentido diferente do simples fato de usar o sentido literal. As expressões aqui analisadas desdobram-se em vários termos, “ABRIR e FECHAR O LIVRO”, “NASCER, CRESCER, MORRER” e “CONHECER, CONQUISTAR, NAMORAR, NOIVAR, CASAR”. Dessa forma, o enunciador ao lançar mão da gradação provoca um sentido de intensificar a ideia de processo, construção do conhecimento e compreensão mais didática, perpassando por etapas gradativas e criando uma sensação/emoção especial no leitor.

4.2.3 Anáfora

A anáfora é figura da sintaxe que pertence ao grupo das não figuradas, compreende a repetição de uma palavra (ou trecho de frase) no início de uma sequência de orações ou de versos (AMARAL, 2013).

Para Guimarães e Lessa (1988), Cherubim (1989), Nicola e Infante (1997) e Campos, Cardoso e Andrade (2010), anáfora é a figura sintática que consiste na repetição de uma mesma palavra, de uma ou mais palavras, ou construção no princípio de duas ou mais frases, de várias orações, períodos ou de dois ou mais versos.

Cereja, Vianna e Damien (2016) conceituam anáfora como uma figura de sintaxe que compreende a repetição intencional de uma palavra ou grupo de palavras, no início de duas ou mais frases sucessivas, a fim de enfatizar o termo repetido. Anáfora também é conhecida como Epanáfora, ou seja, é a repetição de palavras no começo dos versos ou de frasesseguidas (CHERUBIM, 1989).

Na música “Mentiras” de Adriana Calcanhoto¹⁷, encontra-se a presença de anáfora:

Eu vou publicar seus segredos
Eu vou mergulhar sua guia
Eu vou derramar nos seus planos.
 O resto da minha alegria
Que é pra ver se você volta
Que é pra ver se você vem
Que é pra ver se você olha pra mim

¹⁷ CALCANHOTO, Adriana. Mentiras. Intérprete: Adriana Calcanhoto. In: CALCANHOTO, Adriana. Senhas.[S.l]: Columbia; Sony Music, 1992. Faixa 2. Editora Minha Música.

Nos trechos da música supracitada, há duas repetições: a expressão “EU VOU” no início de três versos de uma estrofe e a expressão “QUE É PRA VER SE VOCÊ” no refrão, também no início dos versos, configurando então uma anáfora. Na primeira estrofe evidenciada, a anáfora articula uma sequência de versos que evidenciam uma série de atitudes que serão executadas, “Eu vou”.

No refrão, a repetição de “Que é pra ver se você” também cria um encadeamento de situações, mas que, nesse caso, relacionam-se por indicar “consequências” ou “resultados” das ações que seriam tomadas na estrofe anterior. Percebe-se, então, a anáfora como recurso expressivo.

Figura 51: Compre batom - Anáfora



Fonte: site Jusbrasil¹⁸.

A campanha publicitária do chocolate Batom da Garoto, durante a década de 80, utilizou a figura de linguagem anáfora. A repetição das frases "peça Baton" ou "compre Baton" tinha o objetivo de persuadir o consumidor a adquirir o produto. A anáfora, dessa forma, teve a finalidade de destacar e enfatizar um elemento relevante no texto publicitário.

Pires-de-Melo (2001) ressalta a anáfora como a repetição de palavras ou expressões no início de versos, expressões ou segmentos frasais, como na poesia de Rodrigo Custódio “Poesia Surda pra Sempre (Libras)” figura 52. Nesse Poema, vemos um surdo sinalizando um poema que nos impulsiona a conhecer os surdos, a cultura surda, dar a eles visibilidade e não impor uma cultura exclusivista ouvinte. É um texto literário composto de versos e que podem

¹⁸ Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/noticias/publicidade-infantil-responsabilidade-dos-pais-ou-das-empresas/207698914> . Acesso em 05 jan.2023.

conter rimas ou não. Nesse vídeo percebemos que não há sinais ritmados que combinaram entre si, no início de cada verso da poesia, tem-se a repetição do sinal “ENTRAR EM NOVOS CICLOS” (Figura 53).

Figura 52: Vídeo “Poesia Surda pra Sempre (Libras)”.



Fonte: Rodrigo Custódio da Silva - YouTube (2020)
<https://www.youtube.com/watch?v=M3-YzIzkPxU&t=21s>

Figura 53: “Poesia Surda pra Sempre (Libras)”



ENTRADA DE NOVOS CICLOS

Fonte: Rodrigo Custódio da Silva - YouTube (2020)

Cada verso da poesia começa com o sinal destacado na (Figura 53), inegavelmente, caracterizando uma anáfora, a estratégia de usar o mesmo sinal no início de cada verso, causa uma maior expressividade, sugere insistência de ocorridos e marca fases/períodos vivenciados na história de vida do autor surdo, como: invisibilidade, oralismo e ouvintismo. A repetição do sinal intensifica, intencionalmente, o significado do sentimento que o autor expressa, além disso, foi um recurso muito útil para realçar o ritmo e a musicalidade do poema (AMARAL, 2013).

Verificamos nessa perspectiva alguém saindo e entrando num espaço (domínio fonte) e alguém saindo e entrando em um ciclo (domínio alvo) configurando uma metáfora, porém aqui

a anáfora utiliza-se de uma metáfora, porém essa figura não tem base metafórica.

No próximo vídeo – figura 52 tem-se uma narrativa, Nelson Pimenta conta a história do Pinóquio, um boneco de madeira que diante de várias aventuras foi enganado por dois homens e, ao encontrar a Fada disfarçada, ele acaba mentindo para ela, e o seu nariz começa a crescer, Pinóquio pede a fada que o nariz volte ao normal. A Fada atende ao pedido de Pinóquio e diz para ele voltar para a casa, voltar para a escola, voltar para encontrar com Gepeto. Na fala da fada, pode-se perceber a presença da anáfora (Figura 54 06:40 até 06:50) com a repetição do sinal “VOLTAR”.

Figura 54: Vídeo história do Pinóquio em Língua de Sinais – legendado e em Português



Fonte: Myro Madeiro – YouTube (2014) https://www.youtube.com/watch?v=C7UegznsZ_w&t=71s

Figura 55: Pinóquio em Língua de Sinais – legendado em Português

 <p>Você precisa volta casa, volta escola, volta encontrar Gepeto.</p>	 <p>Você precisa volta casa, volta escola, volta encontrar Gepeto.</p>	
VOLTAR	CASA	
 <p>Você precisa volta casa, volta escola, volta encontrar Gepeto.</p>	 <p>Você precisa volta casa, volta escola, volta encontrar Gepeto.</p>	
VOLTAR	ESCOLA	
 <p>Você precisa volta casa, volta escola, volta encontrar Gepeto.</p>	 <p>Você precisa volta casa, volta escola, volta encontrar Gepeto.</p>	 <p>Você precisa volta casa, volta escola, volta encontrar Gepeto.</p>
VOLTAR	ENCONTRAR	GEPETO

Fonte: Myro Madeiro – YouTube (2014)

A repetição do verbo “VOLTAR” no início da frase é constatada a partir da segunda frase “VOLTAR ESCOLA”, “VOLTAR ENCONTRAR GEPETO”, pois, na primeira frase,

o verbo “VOLTAR” está no meio da frase, mas a primeira citação do verbo dá início a intenção do autor, sendo que a repetição acontece para reforçar o sentimento de compromisso de não se afastar das regras, obediência ao pai Gepeto e através da insistência do verbo “VOLTAR” convencer Pinóquio ao arrependimento em relação às mentiras.

Sobretudo, o contexto é muito importante, em condições normais ao verbo voltar seria um verbo qualquer, porém aqui o verbo ‘voltar’ carrega uma figuratividade devido toda a história, voltar atrás, arrependimento em relação às mentiras.

Percebe-se, então, que essas construções mencionadas se afastam das estruturas regulares ou comuns em nível sintático, reafirmando a essa figura o pertencimento a figura de linguagem de sintaxe e ao grupo das figuras não figuradas, pois não utilizam da linguagem figurada como expressão, porém essa movimentação sintática – repetição no início das frases provoca um sentido intencional, cria uma figura mental no receptor da mensagem. Ou seja, intencionalmente, o ato de reiterar (repetir) os sinais no início em duas ou mais orações, visa transmitir à frase mais concisão, convencimento, insistência, progressão, harmonia, expressividade ou, até mesmo, elegância (CEGALLA 2002).

A anáfora, essa figura de linguagem aqui observada, pertence ao grupo das não figuradas, pois não utiliza, em sua gênese, a linguagem figurada ou metafórica, classificada como figura de sintaxe que deriva de alterações na maneira convencional de construir a frase, no caso em questão, por repetição de termos no início das frases.

Essa figura mostrou que além de intensificar o significado da palavra, foi um recurso muito útil para realçar a expressividade do texto e intensão do autor.

4.2.4 Comparação

A Comparação é uma figura de combinação que consiste em colocar em confronto pessoas ou coisas, a fim de lhes destacar semelhanças, características, traços comuns, visando um efeito expressivo (CEGALLA, 2002).

É costumeiro compararmos as coisas que nos rodeiam, é uma forma de organizar as nossas experiências no mundo. Muitas vezes, quando temos que escolher alguma coisa, fazemos uma comparação antes de tomar decisão. E essa comparação é feita muitas vezes sem que percebamos. Sem dúvida, é um dos recursos básicos da linguagem humana (CHERUBIM, 1989). É um artifício de expressão constituído a partir do estabelecimento de um paralelo entre dois termos com sentidos diferentes (CEREJA, 2016).

Para autores como Cherubim (1989), Amaral *et al.* (2013), Cereja e Magalhães (2013),

a comparação é uma figura de linguagem que se realiza por meio de um confronto ou aproximação de dois ou mais objetos, palavras ou expressões em razão de alguma semelhança existente entre eles, em que se depreende algum ponto de contato, de modo que as características de um, sejam atribuídas ao outro, com comparativas presentes no enunciado.

Guimarães e Lessa (1988), classifica a figura de linguagem comparação em duas: Comparação Simples e Comparação Metafórica (Símile); sendo a primeira, uma comparação entre dois elementos de um mesmo universo, já a segunda, uma comparação entre dois elementos de universos diferentes. Já Martins (1997) denomina a comparação simples de Comparação Gramatical. A comparação metafórica depende do sujeito que as enuncia, da sensibilidade, do seu estado de espírito, da sua experiência e outros fatores.

No fragmento de texto abaixo, de Guimarães Rosa, temos um exemplo de símile:

Na lama lisa da margem,
borboletas amarelas pousavam, imóveis,
como pétalas num chão de festa. (ROSA, 2001, p 205)¹⁹.

O autor tinha a opção de descrever as borboletas como simplesmente paradas ou imóveis, mas essa forma de expressar a ideia seria demasiadamente básica e comum. Por essa razão, para realçar o fato de que as borboletas estavam completamente inativas e, ao mesmo tempo, permitir que o leitor vislumbrasse a cena de forma mais vívida, o autor estabeleceu uma analogia entre elementos de universos distintos, comparando as borboletas às pétalas no chão de uma festa. Dessa forma, Guimarães Rosa criou uma figura de linguagem conhecida como comparação metafórica ou símile.

No poema a seguir, Alberto Caeiro²⁰ compara o trabalho do poeta com o do carpinteiro e do pedreiro:

XXXVI - E Há Poetas que São Artistas
 E há **poetas** que são artistas
 E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas! ...Que triste não saber florir!
 Ter que pôr verso sobre verso, **como quem constrói um muro**
 E ver se está bem, e tirar se não está! ... Quando a única casa artística é a Terra
 toda
 Que varia e está sempre bem e é sempre a mesma. Não sei se elas me
 compreendem
 Nem sei eu as compreendo a elas,
 Mas sei que a verdade está nelas e em mim
 Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem não pensa, E olho para as
 flores e sorrio...

¹⁹ ROSA, João Guimarães. Dueko. In: _____, Sagarana. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. p. 205.

²⁰ PESSOA, Fernando. Fernando Pessoa / Poemas completos de Alberto Caeiro: Org. Carlos Felipe Moisés. 2 ed. São Paulo: Ática, 2013.

E na nossa comum divindade
 De nos deixarmos ir e viver pela Terra E levar ao solo pelas Estações contentes
 E deixar que o vento cante para adormecermos E não termos sonhos no nosso
 sono.

(ALBERTO CAEIRO, in” Fernando Pessoa /Poemas completos de Alberto
 Caeiro - Poema XXXVI", 2013)

Na primeira e na segunda estrofe do poema, há comparação simples entre o poeta - criação poética com o carpinteiro (v. 3) e com o pedreiro – “como quem constrói um muro” (v. 5), a poesia corresponde a um trabalho minucioso, rigoroso e artesanal - enfatizam o trabalho formal e, por conseguinte, consciente do poeta. A comparação se dá pelo fato de os elementos aqui comparados “poeta”, “carpinteiro” e “pedreiro - como quem constrói um muro” algumas profissões constroem coisas concretas (móveis, casas etc.) e outras constroem a abstração/ beleza da poesia.

Na história de Pinóquio em Libras, contada por Nelson Pimenta, constatam-se dois eventos com o uso de comparação. No primeiro, ao prender Pinóquio em uma jaula para evitar que fuja, Stromboli externaliza seu pensamento avarento fazendo uma comparação do valor do Pinóquio em relação a um diamante (Figura 56- 05:08 até 05:10), Figura 57. No segundo momento, Pinóquio, o Grilo (PPP) e Gepeto foram engolidos por uma baleia, como estratégia de fuga, Pinóquio teve uma ideia, construir uma fogueira e assim a fumaça produzida pelo fogo dentro da baleia foi comparada a “FUMAÇA IGUAL A DE UM CIGARRO” (Figura 56 – 11:18 até 11:36) e Figura 58.

Figura 56: Pinóquio em Língua de Sinais – legendado



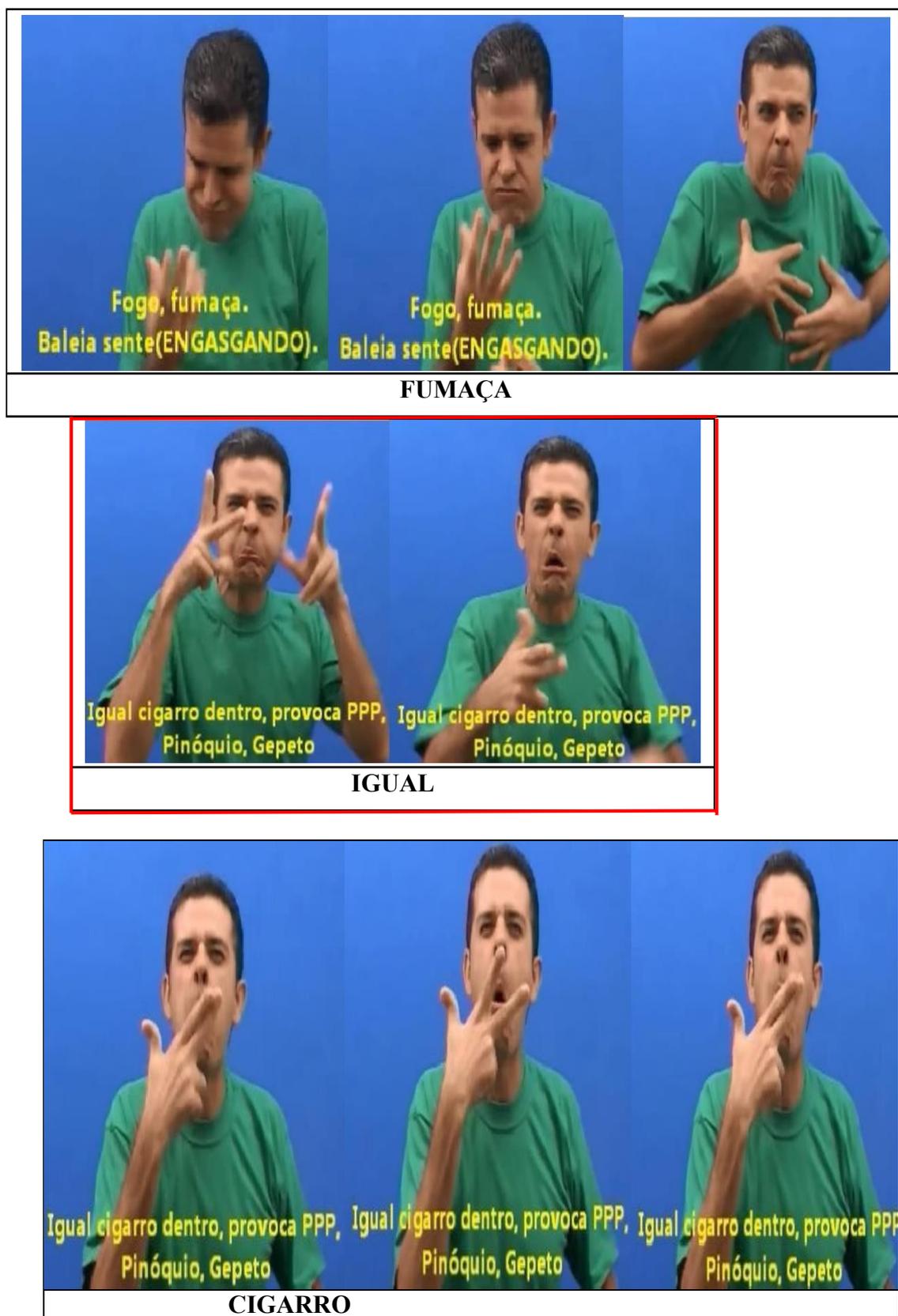
Fonte: Myro Madeiro – YouTube (2014) https://www.youtube.com/watch?v=C7UegznsZ_w&t=71s

Figura 57: Pinóquio em Língua de Sinais – legendado em Português



Madeiro – YouTube (2014)

Figura 58: Pinóquio em Língua de Sinais – legendado em Português



Fonte: Myro Madeiro – YouTube (2014)

No Primeiro exemplo (figura 57), temos uma comparação metafórica ou *símile*, pois a comparação entre os dois elementos, “PINÓQUIO” e “DIAMANTE”, envolve universos bastante diferentes, ou seja, Pinóquio, um boneco vivo e diamante uma pedra preciosa. A aproximação de forma comparativa desses elementos se dá devido ao autor sinalizante da história enxergar uma característica comum a ambos, ou seja, o *valor*.

No segundo recorte (figura 58), tem-se uma comparação simples ou denominada por Martins (1997) de Comparação Gramatical, porque se comparam duas coisas da mesma ordem de referência, ou seja, “FUMAÇA” e “CIGARRO” são do mesmo universo (Fumaça/combustão), não sendo qualquer fumaça, a referência é à fumaça do cigarro. A fumaça e o cigarro pertencem ao mesmo grupo de coisas relacionadas ao tabagismo. A fumaça é o resultado da combustão do cigarro e é inalada quando alguém fuma. Portanto, ambas estão associadas ao ato de fumar e são partes integrantes desse contexto. Segundo Martins (1997), na *símile* é possível ter até quatro elementos explícitos: o comparado ou termo real, o comparante ou termo irreal, imaginário, metafórico, o análogo, que explicita o ponto comum entre os dois termos e o *nexo gramatical* (conectivos comparativos).

Analisando os elementos que compõem a *símile*, no exemplo:

VOCÊ	VALOR	MAIS DO QUE	DIAMANTE
Comparado	análogo	nexo gramatical	comparante

No próximo vídeo, um texto de opinião informal, “Perguntas que *Gays* odeiam responder” é do Youtuber Léo Viturino, que aborda aspectos relacionados a perguntas e a afirmações constrangedoras que *gays* não aguentam responder e encontramos na sinalização do autor uma Comparação simples (Figura 60 - 01:34 a 01:36).

Figura 59: Vídeo “Perguntas que Gays odeiam responder”



Fonte: Léo Viturino – YouTube (2017)

<https://www.youtube.com/watch?v=pGdNxK4Y3rQ&t=105s>

Figura 60: “Perguntas que Gays odeiam responder”



Fonte: Léo Viturino – YouTube (2017)

Na figura 59, Léo Viturino utiliza uma comparação simples “VOCÊ PARECE IDIOTA” para responder uma das perguntas que, segundo ele, é constrangedora a *gays*. Ao dispor da comparação supracitada, o *youtuber* compara recursos de um mesmo universo, tanto o sinal “VOCÊ” como “IDIOTA” pertencem ao grupo de pessoas. No caso em questão o “VOCÊ” está sendo comparado a “IDIOTA”, ou seja, uma pessoa que carece de discernimento, tolo, ignorante.

O sinalizante ao lançar mão do sinal/conectivo “PARECE”, isto é, quando se diz que alguma coisa parece outra, já está estabelecido uma comparação, portanto já caracteriza a figura de linguagem conhecida por comparação.

Observa-se que em todas as comparações há sempre palavras ou expressões que estabelecem a relação entre os termos comparados. São os “Conectivos Comparativos”. (GUIMARÃES; LESSA, 1988).

Martins (1997) refere-se aos conectivos comparativos como Nexo Gramatical. Nos vídeos analisados os conectivos encontrados são: “MAIS DO QUE” e “IGUAL A” e “PARECE”. Nas figuras 56, 57 e 59 a parte da tabela que contém esses sinais referentes aos conectivos está destacado em vermelho.

Diante de todas as amostras analisadas, percebe-se que a comparação pertence ao agrupamento das figuras de linguagem não figuradas, apesar de a *símile* fazer uso dos sinais em sentido figurado – metafórico, porém não é a base da comparação ela só lança mão desse recurso. Essa figura de linguagem combina comparações de elementos, sejam do mesmo universo ou de universos diferentes, em que há uma característica comum a ambos. É a subjetividade que faz com que a comparação metafórica/*símile* seja bastante diferente da

comparação simples. De acordo com os exemplos supracitados na comparação simples tem-se dois seres do mesmo universo sendo comparados (fumaça com cigarro/ tabagismo com tabagismo, você com idiota/pessoa com pessoa) já na comparação metafórica, há dois termos de universos distintos (pessoa com diamante). E sempre haverá um conectivo entre elementos comparados.

Na comparação metafórica ou símile, um elemento é comparado a outro através de um conectivo comparativo. Já na metáfora²¹ a qualidade comum e o conectivo comparativo não são expressos e a semelhança entre os elementos é puramente mental.

Esse recurso expressivo de criar comparações torna a enunciação mais vívida e compreensível, permitindo que o leitor ou receptor da mensagem faça uma conexão mais imediata e visualize a ideia de maneira mais clara podendo despertar emoções, criar imagens mais fortes na mente do público e tornar a linguagem mais expressiva. Essa figura de linguagem pode causar no outro um efeito de compreensão mais profundo, empatia com a descrição ou até mesmo a capacidade de relacionar a experiência descrita com algo familiar em suas próprias vidas. É uma ferramenta poderosa que permite ao autor comunicar de forma eficaz, tornando a linguagem mais rica e impactante.

4.2.5 *Onomatopeias*

Onomatopeia é uma figura de linguagem não figurada pertencente ao grupo fonético-fonológico em que palavra ou conjunto de palavras representa um ruído ou som. (GUIMARÃES e LESSA, 1988). Para Pires-de-Melo (1997) é a palavra ou expressão que visa reproduzir vozes de animais, ruídos ou sons, naturais ou provocados, por meio da voz humana.

Onomatopeia consiste no aproveitamento de palavras, cuja pronúncia imita sons como vozes de animais, ruídos associados a determinadas emoções e comportamentos humanos, barulhos da natureza e de objetos e outros. É um recurso fonêmico ou melódico que a língua proporciona ao escritor. (CHERUBIM, 1989; CEGALLA, 2002; LOPES, 2010; ORMUNDO e SINISCALCHI, 2020; AMARAL, FERREIRA, LEITE e ANTÔNIO, 2013; RAMOS, 2013).

No poema “O relógio”, de Vinicius de Moraes (2010), constata-se o uso de onomatopeias “tic-tac” fazendo alusão ao barulho provocado pelo relógio para aumentar sua expressividade.

²¹ Metáfora é a figura de linguagem em que um termo substitui outro em vista de uma relação de semelhança entre elementos que esses termos designam. Essa semelhança é resultado da imaginação, da subjetividade de quem cria a metáfora. A metáfora também pode ser entendida como uma comparação abreviada, em que o conectivo não está expresso, mas subentendido (GUIMARÃES; LESSA, 1988).

O relógio

Passa, tempo,
tic-tac Tic-tac,
 passa, hora
 Chega logo,
tic-tac
Tic-tac,
 e vai-te embora
 Passa, tempo
 Bem depressa
 Não atrasa
 Não demora
 Que já estou
 Muito cansado
 Já perdi
 Toda a alegria
 De fazer
 Meu tic-tac
 Dia e noite
 Noite e dia
Tic-tac
Tic-tac
Tic-tac...

Em uma das capas da revista “Carta Capital”, outro exemplo de onomatopeia:

Figura 61: Capa de revista – onomatopeia



Fonte: Carta Capital (2008)²²

Por meio de uma imagem e da onomatopeia, a revista procurou sintetizar uma profunda crise financeira que, iniciada em 2007-2008, alastrou-se pelo mundo causando incalculáveis prejuízos e dificuldades para a economia internacional. A onomatopeia reproduz o barulho de alguma coisa rachando, partindo-se. Esse barulho associa-se à imagem do globo quebrando-se ao meio. Essa relação sugere, então, a ‘quebra’ da economia mundial.

Nas línguas de sinais, existem estratégias que são usadas para representar os sons no caso as onomatopeias, de maneira visual e expressiva.

Uma das estratégias observadas durante a análise dos vídeos é que os sons onomatopaicos são produzidos pelas articulações boca que, segundo Pêgo (2021) se constitui em ação, pois a forma de produção é resultado da interpretação visual do surdo sobre o contato com a língua oral que o cerca, ou seja, em movimentos de boca que se originam da língua oral circundante. (BOYES BRAEM; SUTTON-SPENCE, 2001; MOHR, 2012).

De acordo com Pêgo (2021), dentro do âmbito das expressões não manuais, temos os movimentos de boca, ou ações boca. Essas ações se dividem em dois principais grupos: as

²² Carta Capital. São Paulo: Editora Confiança, ano 15, n. 517, 15 out. 2008. Imagem disponível em: <https://sebodomesias.com.br/revista/diversos/carta-capital-ano-2008-n-517.aspx>. Acesso: fev.2023.

articulações boca e os gestos boca. A diferença básica entre esses dois grupos se resume ao fato de que a primeira deriva da língua oral circundante, enquanto o segundo é inseparável da língua de sinais (CRASBORN *et al.*, 2008 apud PÊGO, 2021). De acordo com a definição supracitada, utiliza-se nessa tese o termo articulação-boca por referir à figura de linguagem ‘onomatopeia’ que é uma estratégia expressiva das línguas orais que imita sons, ou seja, boca é uma incorporação linguística da experiência visual dos surdos sobre a língua oral circundante e ocorre devido ao fato de ela ser mais semelhante à língua oral.

Articulação-boca com foco na produção da figura de linguagem onomatopeia evoca uma imagem sensorial vívida associada ao referente som. Sua principal função é adicionar uma camada imagética de significado a um discurso. Isso pode ser feito através do uso de diferentes aparências visuais formadas pela boca. Essas ações-boca podem não ter um significado proposicional, mas acrescentam ricas imagens sensoriais a uma descrição expressiva.

Interessante refletir que, mesmo os sons, aos quais a maioria dos surdos não têm acesso ou têm acesso limitado, são representados por articulação-boca. Eles não são a representação direta da entrada auditiva, mas sim a reinterpretação de sons experimentados por surdos. Nesse sentido, as articulações bucais onomatopaicas podem ser vistas como uma janela através da qual podemos observar a experiência sensorial única das pessoas surdas.

Alguns padrões de boca na língua de sinais cumprem funções semelhantes às dos ideofones na língua oral. Eles evocam certas sensações ou experiências sensoriais, a única diferença é que suas formas são visuais e não auditivas.

Fowler e Heaton (2006) produziram uma das primeiras publicações voltadas, exclusivamente, para esse tema. Eles apontam que a onomatopeia na língua de sinais envolve uma camada extra de reexperimentação do som: enquanto a onomatopeia oral é uma cópia indireta do som, com a língua de sinais ela incorpora mais: um elemento extra de som como percebida através dos sentidos visuais e físicos, e não através da audição. É visto e sentido, não ouvido: ele replica e transmite a sensação surda do som.

Na narrativa contada por Rimar R. Segala intitulada "Os três machados" (Figura 59), o narrador conta a história de uma mulher bela e admirada por todos que foi transformada em uma sereia por uma bruxa invejosa. A bruxa estabeleceu que a mulher só recuperaria sua forma humana se encontrasse um homem honesto que falasse a verdade. A sereia passou muitos anos na lagoa, desanimada até que um lenhador apareceu. Ao perder seu machado na água, a sereia encontrou dois machados, um de ouro reluzente e outro velho e enferrujado. O lenhador escolheu o machado velho, mostrando sua honestidade. Surpreendentemente, quando ele recebeu o machado, a sereia se transformou de volta em mulher.

Figura 62: Vídeo “Os três machados - Rimar R. Segala e Sueli Ramalho”



FONTE: Vídeo “Os três machados”, SEGALA (2009). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dj3MJnJvsY&t=3s>

Na narrativa acima, encontram-se onomatopeias dos sons do machado batendo na árvore (03:58 a 04:06) e o som da árvore batendo no chão ao cair 00:04:08, todas representando os sinais manuais e articulação-boca como mostram as figuras abaixo:

Figura 63: “Onomatopeia – articulação-boca ‘pa’



Fonte: Imagens do vídeo retirado do *YouTube*, do canal Rimar R. Segala

Figura 64: “Onomatopeia – articulação-boca



Fonte: Imagens do vídeo retirado do *YouTube*, do canal Rimar R. Segala

Figura 65: “Onomatopeia – articulação-boca - boom



Fonte: Imagens do vídeo retirado do *YouTube*, do canal Rimar R. Segala

Nas figuras 63, 64 e 65, a articulação-boca síncrona, produzida com o sinal manual

(PÊGO, 2021), inicia juntamente com o sinal e termina quando a sinalização do sinal manual chega ao fim.

Na produção (figura 63) a Rimar utiliza de uma ação construída incorporando um lenhador segurando pelo cabo e batendo com o machado na árvore, vale aqui destacar que o sinal de árvore foi realizado antes da ação construída acontecer, a articulação-boca '*pa*' segue a ação do sinalizante, conferindo característica onomatopeica do som do machado batendo na árvore. Na segunda composição (figura 64), o sinalizante utiliza de um classificador de instrumento ou manuseio, esse classificador de acordo com Bernardino (2012) a configuração de mão representa tanto o movimento do instrumento ou a função da mão manuseando ou utilizando o instrumento, uma das configurações de mão está representando tanto a lâmina do machado quanto o movimento dele ao bater na árvore, em contrapartida, na outra mão, o sinal de árvore incompleto recebendo a pancada, toda essa ação está associada à articulação-boca '*pa*' som do machado batendo na árvore.

Em figura 65, tem-se a onomatopeia produzida pela articulação-boca '*boom*' indicando a queda da árvore, sinalizada aqui por um classificador através da ação "ÁRVORE CAIR".

Nos três exemplos supracitados, constata-se a articulação-boca na produção dos sons onomatopeicos e ainda, demonstra a simultaneidade dessa articulação síncrona com os sinais manuais produzidos.

Na fábula "Os seis animais doutores", escrita por Nelson Pimenta e identificada pela figura 66, numa extensa floresta, seis animais médicos se reúnem na tentativa de salvar a vida de uma tartaruga em estado terminal, com expectativa de vida de apenas 5 minutos. Durante uma acalorada discussão entre os animais sobre qual seria o melhor método para salvar a tartaruga, o tempo foi se esgotando e ela acabou morrendo sem que a intervenção médica pudesse ocorrer. A fábula, de forma clara, conclui com a mensagem de que existem diversos métodos e opiniões diferentes, mas o respeito mútuo e a união são essenciais para superar todos os obstáculos.

Figura 66: vídeo “Os Seis Animais Doutores”



Fonte: Vídeo “Os Seis Animais Doutores”, PIMENTA (2020). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TNQ-mdhFt9g>

Nelson Pimenta produz uma onomatopeia, o “rugir” do leão (00:19 a 00:21), lançando mão da articulação-boca. As imagens (figura 67) ilustram um exemplo de quando o autor produz a articulação-boca ‘*roar*’ com o sinal manual constante ou seja, o sinal manual no caso aqui representado por uma ação construída (quando o sinalizante toma a forma do leão com as patas sobrepostas) está inativo, pois as mãos e os braços estão fixos na configuração da ação construída descrita, a ação-boca realiza a onomatopeia “independente”, sem a movimentação do sinal manual, o significado do rugido do leão ‘*roar*’ realizado pela articulação-bocapreenche a ação construída realizada pelo sinalizante.

Figura 67: “Onomatopeia – articulação-boca ‘roar’



AÇÃO CONSTRUÍDA -LEÃO RUGINDO
ARTICULAÇÃO-BOCA ‘roar’

Fonte: Imagens do vídeo retirado do *YouTube*, do canal Nelson Pimenta

Na sinalização de Nelson Pimenta o rugir do leão produz uma onomatopeia denominada pelo pesquisador Michiko Kaneko (2020) de “Onomatopeia icônica” onde as formas fonte e alvo pertencem ao mesmo sentido (mapeamento "som-som" ou mapeamento "visual-visual"), ou seja, o sinalizante entrega uma articulação-boca (movimento de cabeça, expressões faciais, mostra dos dentes e outros) que representa visualmente o referente movimento que o leão faz ao rugir, o que é um “som” perceptível visualmente e entregue visualmente (mapeamento visual-visual). Ao longo desta sinalização, a onomatopeia produzida através da combinação articulação-boca com as demais expressões não manuais, desempenha um papel fundamental ao fornecer ao receptor uma intensa sensação visual do bramir do leão devida à descrição da cena, igualmente provoca uma resposta auditiva semelhante a uma onomatopeia das línguas orais.

As onomatopeias nas línguas de sinais são baseadas na expectativa e na interpretação do evento por pessoas surdas, ao invés de sons reais (FOWLER e HEATON, 2006), Rimar (figuras 63, 64 e 65) produz os sinais conjuntamente as articulações-boca ‘pa’ e ‘boom’ que evocam uma sensação física na mente da pessoa surda sinalizante através da visão, ou seja, ao bater o machado e a queda da árvore cria um forte impacto representado por meio da ação-boca.

Observa-se que Nelson Pimenta, "ao se referir ao rugido do leão”, sinaliza a articulação-boca abrindo levemente e, depois, pressionando novamente. Essa sequência é a onomatopeia

que é usada para produzir o som 'roar'. A descrição desse rugido faz parte de uma expressão de emoções, transmitindo como som produzido. Como Fowler e Heaton(2006), Bridges (2007) enfatiza que os movimentos vêm da imitação visual de sons esperados, e não dos sons reais produzidos em tais ocasiões.

Percebe-se que as onomatopeias são recursos expressivos não figurados que disfrutam de recursos fonético-fonológicos, ou seja, o emissor escolhe, pelo acréscimo desses recursos, causar o sentido desejado no receptor, aqui pesquisados na Libras, destacando-se pelos usos das expressões não manuais, mais especificadamente, as articulações-boca usadas conjuntamente aos sinais manuais. Compreendemos, portanto, que as onomatopeias produzidas através da articulação-boca não são mera decoração para sinais manuais, porém, têm igual valor e importância, assim como o poder de mudar inteiramente o sentido de uma sinalização. Elas contribuem para a entrega holística do discurso e muitas vezes oferecem uma interpretação simbólica. Além de permitir que o receptor da mensagem experimente visualmente o mesmo evento que o som provocaria em um ouvinte, adicionando mais expressividade, realidade e autenticidade à produção.

A onomatopeia da língua de sinais não é apenas capaz de recuperar o poder da arte de apelar para os sentidos, mas também de ampliar os limites da linguagem e destacar seu potencial criativo e expressivo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Figuras de Linguagem são inerentes à língua e, portanto, participam do cotidiano de qualquer um. A todo instante, em todos os lugares, nas relações comunicativas, independentemente da língua e da modalidade da língua que utilizamos, as figuras de linguagem estão presentes e são ouvidas, sinalizadas, criadas, produzidas e atualizadas. As Figuras de Linguagem são matéria viva. Elas sempre têm muito mais a dizer (GUIMARÃES; LESSA, 1988).

Diante disso, e da necessidade de ampliar e enriquecer o conhecimento sistemático sobre as línguas de sinais, as figuras de linguagem, como recurso intrínseco e inerente às línguas orais-auditivas, é que essa pesquisa emerge e constitui um campo de estudo profícuo e de grande relevância para a expansão e consolidação das especificidades das línguas de sinais. A proposta da pesquisa era investigar as figuras de linguagem na Língua Brasileira de

Sinais, representando, assim, não apenas um esforço para preencher lacunas no estudo dessa língua visual espacial motora, mas também um passo importante na compreensão das complexidades linguísticas e expressivas das línguas de sinais em geral. Ao buscar semelhanças e diferenças entre as figuras de linguagem na Libras e na LP, este estudo abre caminho para uma apreciação mais profunda das nuances da comunicação humana.

A identificação das figuras de linguagem na Libras, correlacionando conceitos das línguas orais, não apenas enriquece nosso conhecimento sobre a Libras, mas também ressalta a importância de respeitar e celebrar as especificidades culturais e linguísticas da comunidade surda. Além disso, ao desvendar os mecanismos linguísticos por trás das figuras de linguagem na Libras e compreender suas intenções e efeitos de sentido, pode-se aprimorar nossa própria habilidade de comunicação e apreciar a beleza da expressão e do significado das palavras.

Ao longo desta pesquisa, embarcamos em uma jornada de exploração profunda e inédita das figuras de linguagem na Língua Brasileira de Sinais. Nosso objetivo era ampliar o conhecimento nesse campo, indo além das análises previamente conduzidas por outros pesquisadores. Para tanto, formulamos três hipóteses que orientaram nossa investigação.

A primeira hipótese indagou se os conceitos de figuras de linguagem, tradicionalmente aplicados às línguas orais, poderiam ser diretamente transpostos e aplicados à Libras. Durante nossa pesquisa, descobrimos que, embora haja semelhanças notáveis, também existem diferenças marcantes na forma como as figuras de linguagem se manifestam na Libras devido às suas características intrínsecas como uma língua espacial visual motora.

A segunda hipótese nos levou a explorar como as figuras de linguagem na Libras se

relacionam com as especificidades da língua, que é visual, espacial e motora. Constatamos que as particularidades da Libras, como a referência espacial de sinalização, articulação-boca, classificadores, ação construída e outras, influenciam de maneira significativa a expressão das figuras de linguagem, contribuindo para sua singularidade na língua de sinais.

Por fim, a terceira hipótese nos levou a investigar a presença das figuras de linguagem em uma ampla variedade de gêneros textuais em Libras. Verificamos, portanto, que as figuras de linguagem estão, de fato, presentes em diversos contextos. Isso demonstra a riqueza e a versatilidade da Libras como uma língua completa e expressiva.

A pesquisa oferece uma contribuição substancial para o entendimento das figuras de linguagem na Libras, destacando suas características distintas em relação às línguas orais e ressaltando a importância de considerar as especificidades da língua de modalidade visual espacial gestual na análise linguística. Além disso, a presença generalizada de figuras de linguagem em diversos gêneros textuais em Libras enfatiza a relevância de seu estudo.

Neste estudo, a metodologia adotada compreendeu três fases distintas. Inicialmente, foi realizada uma investigação teórica e conceitual. Em seguida, procedemos à coleta de materiais em Língua Brasileira de Sinais (Libras) para formar o conjunto de dados analisados. Por fim, conduzimos uma análise detalhada dos vídeos coletados identificando as figuras de linguagem propostas para esse estudo, sendo elas: eufemismo, hipérbole, prosopopeia, antítese, gradação, anáfora, comparação e onomatopeia.

Embora diversos pesquisadores tenham abordado a questão das Figuras de Linguagem em línguas de sinais, com destaque para a Libras, é importante destacar que a maioria das pesquisas existentes se concentra na compreensão de apenas algumas das muitas Figuras de Linguagem reconhecidas, muitas vezes se limitando ao estudo da metáfora e metonímia. Até o momento, não foram encontrados estudos que se dediquem exclusivamente a identificar e analisar as Figuras de Linguagem na Libras e em sua utilização cotidiana, sendo assim essa pesquisa se configura pioneira no estudo sobre essa temática.

Durante a pesquisa sobre as figuras de linguagem, destacamos a relevância do tema e a complexidade que o envolve. A dificuldade em encontrar referencial teórico sobre figuras de linguagem da Libras e uma unidade na abordagem das figuras de linguagem, de forma geral, na bibliografia existente, foi um dos pontos difíceis. No entanto, desde o início da pesquisa, e ao longo do estudo, diversas questões emergiram.

Primeiramente, a própria terminologia utilizada para se referir a esse campo do estudo linguístico revela uma diversidade desconcertante. Figuras de estilo, figuras de linguagem, figuras de estilística, figuras de retórica, figuras de palavras, figuras de sintaxe, de harmonia

de morfologia, de construção, de colocação, de concordância, entre outras denominações, são abundantemente empregadas. Essa multiplicidade de termos, muitas vezes desconhecidos, colocou um desafio inicial na delimitação do campo de estudo.

Além do problema com as nomenclaturas, uma preocupação ainda mais significativa foi a falta de uma definição coesa e unificada do conceito de figuras de linguagem. A pesquisa revelou que autores de livros didáticos, gramáticas de língua portuguesa, bem como estudiosos do tema, frequentemente, concebem as figuras de linguagem como essencialmente ligadas à linguagem figurada, o que as torna puramente conotativas. Essa visão restrita acaba limitando a compreensão e o ensino das figuras de linguagem, reduzindo-as a um conjunto de recursos expressivos relacionados ao emprego conotativo das palavras.

Essa falta de clareza e consenso na definição das figuras de linguagem pode ser um obstáculo significativo para o aprendizado dos estudantes e leitores. Quando se entende as figuras de linguagem apenas como linguagem figurada, o espectro de recursos expressivos disponíveis é reduzido e não abarca a diversidade de estratégias linguísticas que podem ser exploradas.

Assim, ficou claro a necessidade de uma revisão e reavaliação do conceito de figuras de linguagem, buscando uma definição mais abrangente e precisa que incorporasse tanto as figuras de linguagem figuradas quanto aquelas que não se enquadram nesse critério. É fundamental reconhecer que as figuras de linguagem não se limitam à linguagem figurada, mas também englobam as não figuradas.

Foram definidos, através dos estudos dessa tese, que as figuras de linguagem são recursos estilísticos que consistem no uso da linguagem figurada ou não, seguindo para uma macro divisão de figuras '*Figuradas*' e as '*Não figuradas*' utilizadas nos níveis: fonético-fonológico – *figuras fonético-fonológicas*, assim chamadas devido aos efeitos produzidos se relacionarem com os parâmetros fonético-fonológicos da língua; nível do uso de sentido figurado – *figuras figuradas*, caracterizado por criar um novo sentido através do uso do sentido figurado/metafórico; das estruturas sintáticas – *figuras de sintaxe*, figuras que movimentam as palavras dentro da frase, diferenciando da norma ditada pela gramática normativa da língua; o nível do significado por combinação – *figuras de combinação*, caracterizado como recursos expressivos que trabalham com a combinação de palavras, termos, orações ou expressões dentro do texto, promove um novo dimensionamento do sentido lógico da frase, do período, da oração.

As figuras de linguagem são utilizadas na linguagem para tornar a comunicação mais expressiva, estilosa, criativa, persuasiva, mais vívida e impactante acrescentando camadas de

significado através da figuratividade. São chamadas de '*Figuras*' por assim criar imagens/figuras mentais e representações simbólicas, está intrinsecamente ligada ao pensamento simbólico e à criação de significados, além do sentido literal das palavras, é um elemento fundamental na compreensão da linguagem e desempenha um papel crucial tanto nas figuras de linguagem '*Figuradas*' quanto nas '*Não Figuradas*'.

A figuratividade representa a habilidade inerente à linguagem de gerar imagens mentais e construir representações simbólicas, valendo-se da utilização de recursos conhecidos como figuras de linguagem.

No entanto, ao buscar uma definição que englobe todas as nuances, é importante considerar não apenas o uso de linguagem figurada, mas também a figuratividade como um conceito mais amplo.

A figuratividade é a capacidade da linguagem de criar imagens mentais e representações simbólicas, não se limitando apenas ao uso de figuras de linguagem figuradas. Ela está, intrinsecamente, ligada ao pensamento simbólico e à criação de significados, além do sentido literal das palavras, é um elemento fundamental na compreensão da linguagem e desempenha um papel crucial tanto nas figuras de linguagem '*Figuradas*' quanto nas '*Não Figuradas*'. Ela está, intimamente, relacionada à capacidade da linguagem de criar associações, imagens mentais e representações simbólicas que vão além do sentido literal das palavras.

As figuras de linguagem, sejam elas '*Figuradas*' ou '*Não Figuradas*', são recursos estilísticos que ampliam a capacidade expressiva da linguagem, permitindo que os escritores, oradores e comunicadores transmitam significados de forma mais profunda e impactante. Através do uso de figuras de linguagem, é possível despertar a imaginação do público, criar associações e transmitir emoções de maneira mais vívida.

Além disso, a figuratividade não se limita apenas ao uso de linguagem figurada, mas também se estende a outras formas de construção de significados, como a repetição intencional de palavras ou construções gramaticais que conferem maior ênfase e expressividade ao discurso.

Portanto, a figuratividade desempenha um papel central na comunicação e na construção de significados, enriquecendo a linguagem e tornando-a uma ferramenta poderosa para expressar ideias, emoções e conceitos de forma mais profunda e impactante. Ela nos lembra que a linguagem vai além das palavras e que a capacidade humana de criar e interpretar significados é uma habilidade fundamental na comunicação e na compreensão do mundo ao nosso redor.

Diante do exposto nessa tese, é notório que a escolha das figuras de linguagem, sejam elas '*Figuradas*' ou '*Não figuradas*', desempenha um papel fundamental no processo

comunicativo. Essas escolhas não são neutras, mas estão ligadas ao princípio da relevância e à concepção da metáfora conceptual. O enunciador, ao selecionar determinadas figuras de linguagem, busca criar uma interação significativa com o receptor, considerando o contexto, o evento de fala e a complexidade das informações disponíveis no ambiente cognitivo de ambos.

O ponto de vista adotado em uma situação afeta diretamente a estrutura das inferências, influenciando quais informações são mais relevantes e mapeáveis para o destino da mensagem. Além disso, o processo de decodificação linguística é enriquecido por informações contextuais, como *inputs* visuais, linguísticos, domínio-alvo e domínio-fonte, bem como conhecimento de mundo. Tudo isso ocorre em um contexto histórico-cultural específico, refletindo as nuances de tempo e lugar.

Portanto, a compreensão das figuras de linguagem e sua relação com a cognição vai além da análise puramente linguística. Envolve uma profunda interação entre os elementos linguísticos, culturais e cognitivos, destacando a importância de considerar o contexto linguístico específico para uma interpretação precisa e significativa das mensagens transmitidas.

A figura de linguagem ‘Eufemismo’ se destaca como uma poderosa ferramenta comunicativa que transcende a simples substituição de palavras ou expressões consideradas desagradáveis, grosseiras ou inadequadas. Sua verdadeira essência reside na intenção do falante de suavizar ou atenuar intencionalmente o significado, levando em consideração as complexidades da vida social e as expectativas culturais e sociais.

Como demonstrado nas análises realizadas, o eufemismo não se limita a uma mera troca de termos, mas envolve o uso de sentido figurado ou metafórico, explorando domínios-alvo e domínios-fonte para criar impacto e sutileza na comunicação. Esta figura de linguagem não apenas reflete as nuances da língua e da cultura, mas também oferece uma perspectiva diferenciada sobre como as palavras podem ser moldadas para transmitir emoções e significados de maneira sensível.

Portanto, conclui-se que o eufemismo, por sua natureza figurada e sua capacidade de atenuar significados, pertence ao grupo das figuras de linguagem figuradas. Sua presença nas línguas, como a Libras e o Português, ilustra a riqueza da linguagem e como ela se adapta às necessidades de comunicação, demonstrando que a figura de linguagem vai além de um simples recurso retórico, influenciando profundamente a forma como entendemos e nos relacionamos com o mundo ao nosso redor.

Diante da análise abrangente e detalhada das definições e conceitos apresentados sobre a hipérbole, é possível depreender que esta figura de linguagem desempenha um papel crucial na expressão das emoções, ideias e sentimentos humanos. Ao exagerar, propositalmente, no uso

das palavras e expressões, a hipérbole amplifica o significado, tornando-o mais impactante e enfatizado.

Além disso, a hipérbole se insere no grupo das figuras de linguagem figuradas, caracterizando-se pela atribuição de significados alternativos e pela difusão semântica, onde o ‘mais’ se projeta sobre o ‘menos’. Isso resulta em uma comunicação mais rica e eficaz, permitindo que os falantes expressem nuances que a linguagem comum muitas vezes não consegue capturar de forma satisfatória.

Assim, a hipérbole não apenas enriquece a comunicação, mas também oferece uma ferramenta valiosa para a expressão de experiências intensas e complexas. É uma forma de arte linguística que amplifica a capacidade da linguagem de transmitir emoções e ideias, destacando-se como uma das figuras de linguagem mais utilizadas em contextos informais. Portanto, compreender e empregar a hipérbole de forma consciente pode aprimorar a capacidade de comunicação e tornar as mensagens mais impactantes e memoráveis.

Com base nas constatações desta pesquisa, o uso de hipérbolos pode variar em diferentes línguas e contextos linguísticos. Foi observado que algumas hipérbolos são utilizadas exclusivamente na Língua Brasileira de Sinais (Libras) em relação à sinalização, enquanto outras são empregadas de maneira similar em ambas as línguas (Portuguesa e Libras).

A constatação de que algumas hipérbolos têm formas e sentidos semelhantes em LP e LSB indica uma interessante convergência linguística e semântica. Isso sugere que, apesar das diferenças na modalidade de expressão (oral-auditiva na língua oral e visual-espacial motora na Libras), os enunciadores encontram maneiras de exagerar ou enfatizar ideias e sentimentos.

Essa descoberta destaca a riqueza e a flexibilidade das línguas, que podem se adaptar às necessidades comunicativas de seus usuários, independentemente da modalidade de expressão. Além disso, ela ressalta a importância de entender, não apenas o aspecto estrutural das línguas, mas também as nuances culturais e comunicativas que podem influenciar o uso de figuras de linguagem, como a hipérbole.

Essa pesquisa oferece *insights* valiosos sobre como a hipérbole é empregada em diferentes contextos linguísticos e destaca a diversidade e a universalidade das estratégias de comunicação humanas, independentemente da língua em questão. Essa compreensão pode contribuir para uma maior apreciação da complexidade da linguagem e da cultura, bem como para uma comunicação mais eficaz entre pessoas que utilizam da Libras como forma de expressão.

Nas considerações sobre a prosopopeia, fica evidente a relevância e a versatilidade dessa figura de linguagem na comunicação humana. A prosopopeia, também conhecida como

personificação, consiste em atribuir características de seres animados a seres inanimados, seres irracionais ou objetos, e desempenha um papel fundamental tanto na linguagem cotidiana quanto na literatura.

O estudo revelou que a prosopopeia é uma figura de linguagem figurada, ou seja, sua eficácia se baseia na atribuição de significados no sentido figurado. Ao humanizar elementos não humanos, como animais, objetos ou conceitos abstratos, a prosopopeia torna a comunicação mais expressiva e envolvente. Ela permite que os enunciadores criem imagens vívidas e cativantes, tornando a narrativa mais acessível e identificável para os receptores.

Além disso, a pesquisa demonstrou que a prosopopeia é sinalizada partindo de recursos intrínsecos das línguas de sinais, como os classificadores e a ação construída, foram estratégias muito presente nos sinalizantes, contando ainda com as expressões não manuais. Essa figura de linguagem desempenha um papel crucial na construção de metáforas poderosas, na transmissão de emoções e no enriquecimento das narrativas. Ao atribuir sentimentos, ações e características humanas a elementos não humanos, ela torna a linguagem mais rica e imaginativa, permitindo que os falantes expressem ideias de forma mais impactante.

A prosopopeia é uma figura de linguagem que desempenha um papel essencial na comunicação humana, enriquecendo a linguagem e tornando-a mais eficaz ao atribuir características humanas a elementos não humanos. Sua presença é constante na literatura, mas não se limita a ela, pois é comum também na linguagem cotidiana e, como mostrado neste estudo, também pode ser observada na Língua Brasileira de Sinais, contribuindo para a expressividade e compreensão em diferentes formas de comunicação.

Com base nas análises realizadas sobre a antítese, podemos destacar que é uma figura que consiste na oposição de ideias ou palavras, é uma figura de combinação que não se utiliza da linguagem figurada, mas sim, da manipulação intencional de sinais em um contexto espacial.

A pesquisa destacou que a antítese na Libras utiliza a natureza visual e espacial da língua, onde cada sinal pode ser relacionado a uma localização específica no espaço de sinalização. O contraste de sinais em locais opostos é utilizado para criar o efeito de oposição de ideias, tornando a mensagem mais clara e enfatizando as diferenças presentes em um contexto, como a diferença cultural entre surdos e ouvintes.

Além disso, foi observado que a antítese não é uma figura de linguagem figurada, contudo, uma figura de combinação que busca intensificar o que está sendo expresso, realçar nuances e enfatizar contrastes culturais e argumentativos. Essa figura cria um acúmulo de significados, tornando explícitas as oposições implícitas na construção dos sentidos.

Em suma, a antítese na Libras utiliza as características intrínsecas da língua visual

espacial para criar o efeito de oposição de ideias, contribuindo para uma comunicação mais rica, imaginativa e eficaz. Ela não se enquadra nas figuras de linguagem figuradas, mas nas figuras de combinação, demonstrando como a língua de sinais pode ser manuseada de forma criativa e expressiva para atender às necessidades comunicativas de seus usuários. A antítese na Libras é uma ferramenta poderosa para transmitir ideias complexas e enfatizar contrastes culturais e argumentativos de forma visual e espacial.

A partir da análise sobre a figura de linguagem gradação, podemos concluir que sua utilização, além de enriquecer a expressão textual, desempenha um papel significativo na transmissão de significado e na criação de impacto emocional. Ao organizar uma série de ideias, fatos ou sentimentos em uma ordem progressiva ou regressiva, a gradação permite ao autor intensificar ou diminuir a ênfase de maneira gradual. Assim, o uso dessa figura de combinação, como exposto pela pesquisa, não se limita a uma metáfora, mas envolve a disposição cuidadosa de termos em sequência, desdobrando o processo ou a ideia em suas várias etapas.

Esse recurso expressivo não figurado de linguagem, embora não recorra a metáforas, cria uma sensação de movimento, progressão e evolução. Ele corrobora para adensar o conteúdo e cativar o leitor, envolvendo-o em um percurso narrativo que vai além do sentido literal das palavras, sendo que as sinalizações analisadas não apenas descrevem um processo, mas também gera uma sensação de dinamismo e envolvimento emocional.

A gradação figura de linguagem não figurada é uma ferramenta importante para a construção de sentido e para criar uma conexão mais profunda entre o texto e o leitor. Ela permite ao autor guiar o leitor por uma jornada gradual, intensificando ou suavizando a ênfase, criando assim uma experiência de leitura mais rica e envolvente.

A anáfora, figura de sintaxe que se caracteriza pela repetição de palavras ou construções no início de frases ou versos sucessivos, demonstra sua pertinência ao grupo das figuras de linguagem não figuradas. Embora não recorra à linguagem figurada ou metafórica, a anáfora desempenha um papel fundamental na construção textual ao conferir concisão, convencimento, insistência, progressão, harmonia, expressividade e elegância à mensagem transmitida.

Como evidenciado neste estudo, a anáfora não se limita a, meramente, intensificar o significado das palavras repetidas; ela também realça a expressividade do texto, argumentação e a intenção do autor. Ao estabelecer uma repetição deliberada no início das frases, essa figura de sintaxe cria uma figura mental no receptor da mensagem, reforçando, assim, o impacto da comunicação.

Portanto, a anáfora, apesar de sua natureza não figurada, desempenha um papel valioso

na construção de textos persuasivos, poéticos e expressivos, destacando-se como uma ferramenta linguística eficaz para transmitir ênfase e profundidade na comunicação escrita e verbal.

Já a comparação, figura de linguagem que consiste em estabelecer paralelos entre dois elementos distintos com o objetivo de destacar semelhanças e criar efeitos expressivos, demonstra sua pertinência ao grupo das figuras de linguagem não figuradas. Apesar de haver uma variante metafórica (símile) que utiliza sinais figurados, a base da comparação reside na identificação de características comuns entre elementos, seja dentro do mesmo universo (comparação simples) ou entre universos diferentes (comparação metafórica).

A subjetividade desempenha um papel fundamental na comparação, pois é a sensibilidade, o estado de espírito, a experiência do autor e outros fatores que influenciam a escolha dos elementos a serem comparados e o impacto que essa comparação terá sobre o público. O uso do conectivo comparativo é uma característica da comparação, no caso da comparação metafórica (símile) há o conectivo, enquanto a metáfora se baseia na substituição de um termo por outro devido a uma relação de semelhança.

Diante da análise, a comparação é um recurso expressivo que enriquece a enunciação, tornando-a mais vívida e compreensível. Ela permite ao autor criar imagens mais fortes na mente do leitor, despertar emoções e estabelecer conexões profundas com a audiência. É uma ferramenta poderosa que torna a linguagem mais rica e impactante, ampliando as possibilidades de comunicação e transmitindo significados de forma mais eficaz.

A onomatopeia é uma figura de linguagem não figurada que pertence ao grupo fonético-fonológico e tem como principal característica a representação de ruídos, sons naturais ou provocados, por meio da linguagem humana. Este recurso expressivo é observado tanto nas línguas orais quanto nas línguas de sinais, onde as articulações-boca, os classificadores e a ação construída desempenham um papel fundamental na criação de imagens sensoriais vívidas e na reinterpretção dos sons experimentados pelos surdos.

A onomatopeia na língua de sinais não se limita a ser uma mera decoração para os sinais manuais, mas possui um valor e importância igualmente significativos. Ela pode mudar, completamente, o sentido de uma sinalização, contribuindo para a entrega holística do discurso e permitindo que o receptor da mensagem experimente visualmente o mesmo evento que um som provocaria em um ouvinte. Isso adiciona expressividade, realismo e autenticidade à comunicação na língua de sinais.

Além disso, a onomatopeia nas línguas de sinais transcende a simples representação de sons; ela incorpora a experiência sensorial única das pessoas surdas, ampliando os limites da

linguagem e destacando seu potencial criativo e expressivo. É uma janela para a percepção visual e tátil do som, proporcionando uma forma única de comunicar e compartilhar sensações e experiências.

Portanto, a onomatopeia na língua de sinais não apenas resgata o poder de apelar aos sentidos, mas também enriquece a linguagem, tornando-a mais rica, inclusiva e expressiva, demonstrando que a comunicação vai além das barreiras auditivas e pode ser vivenciada de maneira profunda e significativa através da visão e do tato.

Este estudo não se encerra aqui, pelo contrário, ele representa apenas o início de uma pesquisa que busca trazer contribuições significativas e provocar reflexões sobre um tema ainda pouco explorado. Não almejamos oferecer respostas definitivas, mas sim, incentivar o interesse pelas figuras de linguagem na Língua Brasileira de Sinais.

Para pesquisas futuras, seria interessante a exploração de outras figuras de linguagem não abordadas neste estudo. Além disso, investigar temas relacionados à estilística, um campo da linguística que ainda carece de estudos aprofundados na Libras. As figuras de linguagem fonético-fonológicas, que têm uma especificidade na língua de modalidade visual-espacial motora, também são objetos promissores de investigação. Ademais, estudar sobre a possibilidade de a ‘Ação Construída’ ser considerada uma figura de linguagem própria das línguas de sinais.

Portanto, há um vasto campo de pesquisa importante e necessário pela frente. O estudo das Figuras de Linguagem como recurso expressivo da língua não apenas reconhece a legitimidade da Libras como uma língua completa e dinâmica, mas também destaca os múltiplos níveis em que a Libras merece ser estudada e compreendida em toda a sua riqueza e complexidade.

REFERÊNCIAS

- ALBRES, N. A. Integração entre Metáfora, Metonímia e Iconicidade: Estudos da Linguística Cognitiva. In: ALBRES, N.; XAVIER, A. A. (orgs). **Libras em estudo: descrição e análise**. São Paulo: FENEIS, 2012. 145 p.
- ALONSO, A. **Matéria y forma em poesia**. 3ªed. Madri, Gredos, 1969. AMARAL, E. *et al.* **Novas palavras**: 1º ano. 2. Ed. São Paulo: FTD,2013.
- ARIEL. M. **The Demise of a Unique Concept of Literal Meaning**. *Journal of Pragmatics*, 34, 2002. p. 361.
- ARISTÓTELES. **Rhétorique**. Paris: Librairie Générale Française, 1991.
- ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS (AAB). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**: contribuição para o estabelecimento de uma terminologia arquivística em língua portuguesa. São Paulo, CENEDEM, 1990.
- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica**: um guia para a produção do conhecimento científico. São Paulo, Atlas, 2009.
- AZEVEDO, J. C. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BAKER-SHENK, C. **A Micro-Analysis of the Nonmanual Components of Questions in American Sign Language**. Doctoral Dissertation, University of California, Berkeley, 1983.
- BALLY, C. **El lenguaje y la vida**. 6ª ed. Trad. Amado Alonso. Buenos Aires, Ed.Losada, 1941.
- BALVET, A.; SALLANDRE, M. A. Mouth features as non manual cues for the categorization of lexical and productive signs in French Sign Language (LSF). In: CRASBORN, Onno et al. (eds.). **Beyond the Manual Channel [Proceedings of the 6th Workshop on the Representation and Processing of Sign Languages]**. Language Resources and Evaluation Conference (LREC).] Reykjavik, Iceland: 31 may 2014. p. 1- 6. Disponível em: <http://www.lreconf.org/proceedings/lrec2014/workshops/LREC2014WorkshopSignLanguage%20Proceedings.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2023.
- BARRETO, R. G. **Ser Protagonista**: Língua portuguesa, 1º ano: ensino médio. 3. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.
- BATTISON, R. **Lexical borrowing in American Sign Language**. Silver Spring, MD: Linstok, 1978.
- BATTISON, R. Analyzing Signs. In: VALLI, C.; LUCAS, C.; MULRONEY, K. J. (orgs.). **Linguistics of American Sign Language**: an introduction. Washington, D.C.: Clerc Books/Gallaudet University Press, 2000a.
- BATTISON, R. Signs Have Parts: A Simple Idea. In: VALLI, C.; LUCAS, C.; MULRONEY, K. J. (orgs.). **Linguistics of American Sign Language**: an introduction. Washington, D.C.:

ClercBooks/Gallaudet University Press, 2000b.

BERGMAN, B. On localization in the Swedish Sign Language. *In*: AHLGREN, I.; BERGMAN, B. (Eds.). **Papers from the First International Symposium on Sign Language Research**. Stockholm: Swedish Deaf Association. [s.l.]: [s.n.], 1980. p. 81–92.

BERGEN, B. K. **Louder than words: the new Science of how the mind makes meaning**. New York: Basic Books. 2012.

BERNARDINO, E. **Absurdo ou lógica? Os surdos e sua produção linguística**. Belo Horizonte: Ed. Profetizando Vida, 2000.

BERNARDINO, E. L. A. **O uso de classificadores na língua de sinais brasileira**. ReVEL, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em: www.revel.inf.br. Acesso em: 01 set. 2022.

BERNARDINO, E. L. A.; MARTINS, D. A. .; MOURA, J. C. B. de; BASTOS, S. V. **A ação construída na Libras conforme a linguística cognitiva**. Signótica, Goiânia, v. 32, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/62990>. Acesso em: 15 fev. 2023.

BERTRAND, D. **Caminhos da semiótica literária**. Bauru: EDUSC, 2003.

BRASIL. **Lei nº 14.191/2021, de 03 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114191.htm. Acesso em: 12 de jun. 2023.

Bridges, B. **Making Sense of Visual Mouth Movement: A Linguistic Description**. Unpublished PhD diss., Lamar University. 2007.

BRITO, F. L. **Língua Brasileira de Sinais**. Org. Série Atualidades Pedagógicas - 4/MEC/SEESP - Brasília: a Secretaria, 1997.

BOLGUERONI, T.; VIOTTI, E. **Referência Nominal em Língua de Sinais Brasileira (Libras)**. Todas as Letras, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 15-50, 2013.

BORGATTO, A. M. T.; BERLIN. T. C. H.; MARCHEZI. V. L. C. **Projeto Teláris: português: ensino fundamental 2 - 8º ano**. 2º edição. São Paulo: Ática, 2015.

BOYES BRAEM, P.; SUTTONSPENCE, R. **The hands are the head of the mouth: the mouth as articulator in sign languages**. Hamburg: Signum, 2001.

BRANDÃO, R. O. **As Figuras de Linguagem**. São Paulo: Ática, 1989. BUENO. S. *Estilística Brasileira*. Edição Saraiva. São Paulo. 1994.

CAMPOS, E. M.; CARDOSO, P. M.; ANDRADE, S. L. **Viva Português: ensino médio**. Volume 1. São Paulo; Ática, 2010.

CAPOVILLA, F.C., RAPHAEL, W.D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001. v.1 e 2

CEGALLA, D. P. **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 43. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.

CEGALLA, D. P. **Novíssima gramática de língua portuguesa**. 45 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português: linguagens**. São Paulo: Saraiva, 2013.

CEREJA, W.; VIANNA, C. D.; DAMIEN, C. **Português Contemporâneo: Diálogo, Reflexão e Uso**. São Paulo: Saraiva, 2016.

CHERUBIM, S. **Dicionário de Figuras de Linguagem**. São Paulo: Pioneira, 1989.

CORRADI, J. A. M.; VIDOTTI, S. A. B. G. Arquitetura da informação para ambientes informacionais digitais inclusivos: Acessibilidade para minorias linguísticas surdas. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E ENSINO EM INFORMAÇÃO (CINFORM), 7., 2007. **Anais Encontro nacional de pesquisa e ensino em informação**. Salvador, UFBA, 2007.

COSTA, J. M. da. **Leitura e Compreensão de expressões metafóricas em português como L2 por surdos sinalizadores**. 2015. Dissertação (Linguística Aplicada) - Universidade Federal de Minas Gerais, 2015, 155 f.

COSTELLO, B. **Language and modality: effects of the use of space in the agreements system of Lengua de Signos Española (Spanish Sign Language)**. [s.l.]: University of Amsterdam and the University of the Basque Countr, 2015.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. **Mental spaces in grammar: conditional constructions**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DANCYGIER, B.; WEETSER, E., **Linguagem figurativa**. Cambridge University Press. Cambridge, 2014. 242 p.

DIAS, Elayne Cristina Rocha. **Ensino de geografia para o deficiente auditivo: estudo de caso da unidade escolar Matias Olímpio de Teresina – Piauí**. *Form@re. Revista do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica / Universidade Federal do Piauí*, Teresina, v. 1, n. 1, p. 80-106, jul. / dez. 2013.

DUBOIS, J. et al. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix. 1993

DUDIS, P. Grounded Blend Maintenance as a Discourse Strategy. In: LUCAS, C. (ed.), **Turn-Taking, Fingerspelling, and Contact in Signed Languages**. Washington, D.C.: Gallaudet University Press. 2002.

DUDIS, Paul G. Particionamento corporal e combinações de espaço real. **Lingüística Cognitiva**, v.15(2), p. 223-238, 2004.

ENSP/ FIOCRUZ. Comitê de Ética em Pesquisa. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/ Fiocruz). **Orientações sobre ética em pesquisa em ambientes virtuais**. Versão 1.0 / Comitê de Ética em Pesquisa. Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

(ENSP Fiocruz). –Rio de Janeiro: ENSP/Fiocruz, 2020. 12 p.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive linguistics: An introduction**. Edinburgh, UK: Edinburgh University Press, 2006.

FARACO, C. E.; MOURA, F. M. **Língua e Literatura**. São Paulo: Ática, 1998. FARACO & MOURA. **Gramática**. 12. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FARIA, S. P. de. **A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos**. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília, 2003. 310 f.

FARIA, S.P. de. **Metáfora na LSB: por debaixo dos panos ou a um palmo de nossonariz?.** ETD. Educação Temática Digital. N. 02, 2006. Disponível em: <http://143.106.58.55/revista/v.07> Acesso em: 02 de fev. 2023.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. **Spaces, worlds and grammar**. Chicago: TheUniversity of Chicago Press, 1996.

FELIPE, T. Sistema de flexão verbal na libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. **Anais do Congresso Nacional do INES de 2002**, 2002.

FELIPE, T. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na LIBRAS**. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998. 143 f.

_____. **LIBRAS em contexto – livro do estudante/cursista**. Brasília: MEC/SEESP.(Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos), 2001.

FELIPE, T. A; MONTEIRO, M. S. **Libras em Contexto: curso básico, livro do professor instrutor** – Brasília : Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC:SEESP, 2001.

FINAU, R. A. **Os sinais de tempo e aspecto na Libras**. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004. 238 f.

FERRARI, L. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro. 1995.

FERREIRA-BRITO, L.; LANGEVIN, R. Sistema Ferreira Brito-Langevin de Transcrição de Sinais. In: FERREIRA BRITO, L. **Por uma gramática de Língua de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FIGUEIREDO, N.M.A. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2a ed. São Caetano, do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.

FILHO, M. E. de S. BARBA, C. H. **Força Argumentativa Das Figuras De Linguagem**. Disponível em: <http://www.gestaouniversitaria.com.br/artigos/forca-argumentativa-das-figuras-de-linguagem>. Acesso em: 10 set. 2022.

FIORIN, J. L. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

Fowler, D.; HEATON, M. Onomatopoeia in British Sign Language. *In: The Deaf Way II Reader: Perspectives from the Second International Conference on Deaf Culture*, ed. H. Goodstein, 241–44. Washington DC: Gallaudet University Press, 2006.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 27 ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2010.

GEERAERTS, D. **Cognitive linguistics: Basic readings**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

GESUELI, Z.. A narrativa em Língua de Sinais: um olhar sobre classificadores. *In: QUADROS, R. M.; STUMPF, M. R. Estudos Surdos IV*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2009.

GIBBS, R. W Jr.; MACEDO, A. C. P. S. de. **Metaphor and embodied cognition**. DELTA. vol.26, n.spe, 2010, pp. 679-700.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. Ed. Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE -Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOLDBERG, A. **A Construção Gramática Abordagem para Argumento Estrutura**. Chicago: Imprensa da Universidade de Chicago, 1995.

GRAMMONT, M. **Traité de phonétique**. 4º ed. Paris, Delagrave, 1975.

GRICE, P. Logic and conversation. *In: COLE, P.; MORGAN, J.L. (Eds). Syntax and semantics 3: Speech acts*. New York: Seminar Press, 1975.

GUIMARÃES, H. S.; LESSA, A. C. **Figuras de Linguagem: Teoria e Prática**. São Paulo: Atual, 1988.

GUIRAUD, P. **A estilística**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

GUIRAUD, P. **A estilística**. Trad. de Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

HALLIDAY, M. A. K. **Estrutura e função da linguagem**. Novos Horizontes em linguística. Organização de John Lyon. Trad. Geraldo Cintra et. alii. São Paulo, Culytix/EDUSP, 1976.

HANSEN, J. A. **Figuração na Literatura: Teoria e Prática**. São Paulo. Editora: Editora 34. 2014.

HENRIQUES, C.C. **Estilística e Discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade**.

Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

Honeck, RP, & Hoffman, RR (Eds.). **Cognition and Figurative Language**. Londres: Routledge. 1980.

ISFLOCOS. **Surdos não precisam ser valorizados?**. Youtube, [online], 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hx0o8XEC7xM&t=13s>. Acesso em: 17 de ago. 2022.

KANEKO, M. Onomatopoeic Mouth Gestures in Creative Sign Language. **SignLanguage Studies**, vol. 20, no. 3, 2020, pp. 467–90. *JSTOR*. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26984267>. Acesso em: 1 de jun. 2023.

KERLEN, G. **Nota de falecimento** – Brunão. Youtube, [online], 2022. Disponível em: <https://youtu.be/r24sNfP0Mlk>. Acesso em: 27 de julho 2022.

KERLEN, G. **Divulgação de falecimento** – Por Janaína Goncalves Costa. Youtube, [online], [20--]. Disponível em: <https://www.youtube.com/shorts/9ESU7DLuLms>. Acesso em: 01 set. 2022.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of Language**. Harvard University Press. Cambridge, Massachusetts's and London, England. 1979

LANGACKER, R. W. **Foundation of cognitive grammar: Theoretical prerequisites**. Standford: Stanford University Press, 1987.

LANGAKER, R. **Cognitive Grammar: a basic introduction**. Oxford, New York, Oxford University Press, 2008.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: Chicago University Press, 1987.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. Basic Books: A Member of the Perseus Books Group. 1999.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana** (coordenação de tradução Mara Sophia Zanotto) – Campinas, SP: Mercado de Letras/SP: EDUC, 2002.

_____. **Metaphors we live by**. Chicago, the University of Chicago Press, 1980.

LEECH, G.; SHORT, M. **Style in fiction: a linguistic introduction to English fictional prose**. London: Pearson, 2007.

LIDDELL, S. K. “**THINK and BELIEVE: Sequentiality in American SignLanguage signs**”. *Language* 60 vol. 2, 1984. p. 372-399.

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. “American Sign Language: The Phonological Base”. In: VALLI, C. & C. LUCAS (org.). **Linguistics of American Sign Language: an introduction**.

Washington, D. C.: Clerc Books/Gallaudet University Press. 2000.

LIDDELL, S. **American Sign Language Syntax**. Mouton Publisher. The Hague. 1980.

LIDDELL, S. Four Functions of a Locus: Reexamining the Structure of Space. In **ASL. In Sign Language Research - Theoretical Issues**. Gallaudet University Press. Washington. 1990. p. 176-200.

LILLO-MARTIN, D. C. **Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language**. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International, Ann Arbor, Michigan. 1986.

MANFREDI, L. **Dom Casmurro e os discos voadores**. Machado de Assis. São Paulo: Luade Papel, 2010. p. 27-30.

MARTELOTTA, M. E. PALOMANES, R. Linguística cognitiva. In: MARTELOTTA, M. E. **Manual de Linguística**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2018. MARTÍNS, J. L. **Críticas estilísticas**. Madrid: Gredos. 1972.

MENDES, M. L. **A Metaforização na Constituição dos Sinais na Libras**, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2013. 164 f.

Metzger, M. Constructed Dialogue and Constructed Action in American Sign Language. In C. Lucas (ed.), **The Sociolinguistics of the Deaf Community**, vol. 1. Washington, D.C.; Gallaudet University Press. 1995.

MEC. Ministério da Educação e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Matriz de Referência para o ENEM 2009**. Brasília, Distrito Federal, 2009.

MORIER, H. **Dictionnaire de poétique et de rhétorique**. 2ªed. Paris, PUF, 1975.

MORAES, V. **A arca de Noé: poemas infantis**. 2ª edição. 16ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letrinhas. 2010.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

ORMUNDO, W. SINISCALCHI, C. **Se liga nas linguagens: português**. 1 ed. São Paulo: Moderna, 2020.

PADDEN, C. Grammatical theory and signed languages. In: NEWMeyer, F. J. (Org). **Linguistics: The Cambridge Survey**. New York: Cambridge University Press. 1988. p.250-265.

PAULINO, D. B. *et al.* WhatsApp® como recurso para a educação em saúde: contextualizando teoria e prática em um novo cenário de ensino-aprendizagem. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 42, p. 171-180, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/zpMrfKm3JS8kKQXV43WwS7p/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 mar. 2023

PÊGO, C. F. **Articulação – boca na libras: um estudo tipológico semânticofuncional**.

2021. Tese (doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de PósGraduação em Linguística, Florianópolis, 2021. 158 f.

PFAU, R.; QUER, J. Nonmanuals: their prosodic and grammatical roles. *In*: BRENTARI, D. (ed.). **Sign languages** (Cambridge Language Surveys). Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 381-402.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnica da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, R. A. **Ser Protagonista: Língua Portuguesa, 1º ano: ensino médio**/obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida por Edições SM. 2º edição. São Paulo: Edições SM, 2013.

RATHMANN, C; MATHUR, G. Is verb agreement the same cross-modally? *In*: MEIER, R. P.; CORNIER, K. A.; QUINTO, D. G. (EDS.) **Modality and Structure in Signed Language and Spoken Language**. Cambridge: Cambridge University Press. 2002.

RIFFATERRE, M. **Estilística estrutural**. (Trad. De Anne Arnichand e Álvaro Lorencini). SãoPaulo, Cultrix, 1973.

ROY, C.B. Features of discourse in an American Sign Language lecture. *In*: LUCAS, C. (ed.), **The Sociolinguistics of the Deaf Community**, p. 231 - 235. San Diego: Academic Press. 1989.

Russell, D. Consecutive and simultaneous interpreting. In T. Janzen (ed.), **Topics in Signed Language Interpreting: Theory and Practice**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins. 2005.

SANDLER, W. Cliticization and prosodic words in a sign language. *In*: HALL, T. A.; KLEINHENZ, U. (eds.) **Studies on the phonological word**. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 223 -254.

SERRANO, G. P. **Investigación cualitativa: Retos e interrogantes**. Madrid: Editorial La Murrala, S.A., 1998.

SILVA, I. A. Indagações sobre os fundamentos da linguagem. **Significação: Revista Brasileira de Semiótica**, São Paulo, n. 8-9, p. 5-15, 1990.

SILVEIRA, J. R. C. da; FELTES, H. P. de M. **Pragmática e cognição: a textualidade pela relevância e outros ensaios**. 3. ed. Porto Alegre: DIPUCRS, 2002.

SIPLE, P. **Visual constraints for sign language communication**. Sign Language Studies, 19, 95–110. 1978.

Smith, K. **Synthesis of Sign and Speech in a New Zealand Sign Language-Target Session: Oral Channel Variation of Hearing Bimodal Bilingual Children of Deaf Parents**. Unpublished PhD thesis, Victoria University of Wellington. 2017.

SPERBER, Dan, WILSON, Deirdre. **Relevance: communication and cognition**. 2.ed.

Cambridge, USA: Blackwell, 1995.

STOCKWELL, P. **Cognitive poetics: an introduction**. London: Routledge, 2002.

STOCKWELL, P. Cognitive stylistics. In: JONES, R. (Ed.). **The Routledge Handbook of Language and Creativity**. London: Routledge, 2016a. p. 218-230.

SEMINO, E.; CULPEPER, J. V. **Cognitive Stylistics: language and cognition in text analysis**. Amsterdam: John Benjamins, 2002.

SUTTON-SPENCE, R.; WOLL, B. **The Linguistics of British Sign Language: An Introduction**. Cambridge: Cambridge University Press. 1999.

Tannen, D. **Talking voices: Repetition, dialogue, and imagery in conversational discourse**. Cambridge: Cambridge University Press. 1989.

VERHAGEN, A. **Constructions of intersubjectivity: discourse, syntax and cognition**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, F. V. Variabilidade e estabilidade na produção de sinais da Libras. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 11, n. 3, p. 983–1006, 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/37297>. Acesso em: 16jan. 2023.

XAVIER, A. N. **Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua de sinais brasileira (LIBRAS)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Lingüística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

WALES, K. **A dictionary of stylistics**. London: Longman, 2011.

WILBUR R. B. The use of ASL to support the development of English and literacy. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 5, n. 81, 2000.

WILCOX, P. P. **Metaphor in American Sign Language Mexico**: Albuquerque, NM, 2000.

WINSTON, E. **Spatial referencing and cohesion in an American Sign Language test**. *Sign Language Studies* 73: 1991. p. 397 - 410.

WINSTON, E. Space and involvement in an American Sign Language lecture. In: PLANT-MOELLER, J. (ed.), **Expanding Horizons: Proceedings of the Twelfth National Convention of the Registry of Interpreters for the Deaf**. Silver Spring, MD: RID Publications. 1992. p. 93 - 105

ANEXO**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo o uso da imagem de Kauon Bernardo Santiago Jardim em todo e qualquer material entre fotos e documentos, para ser utilizado em campanhas institucionais da Escola AAVIDA, com sede em Divinópolis, MG, na Rua Artede Almada Alvim, 60, Alvorada, CEP: 35500-179, sejam essas destinadas a divulgação ao público em geral.

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional das seguintes formas: livros, folhetos em geral, folder de apresentação, cartazes, mídias eletrônicas como televisão, redes sociais, instagran, facebook, youtube.

Autorizo também o aluno sair da escola para passeios, palestras, visitas em museus, parques, cinemas, casa de professores, etc. juntamente com os profissionais da escola previstas no calendário escolar de 2023.

Divinópolis 22 / 11 / 22

Assinatura do responsável: Rosimar Santiago